

---

**Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia**

Mestrado em Direção e Gestão Desportiva

Dissertação

O Futebol Feminino em Expansão: Determinantes, Políticas Públicas e Perspectivas. Subsídios Para a Compreensão do Contexto Brasileiro.

**Bruna Kellermann da Silva**

Orientador(es) | José Manuel Leal Saragoça

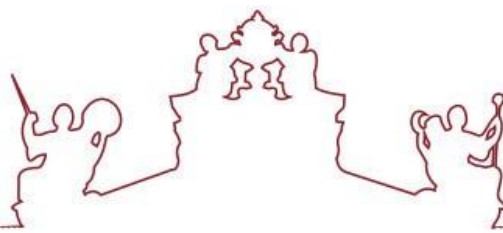
Évora 2020

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia**

**Mestrado em Direção e Gestão Desportiva**

Dissertação

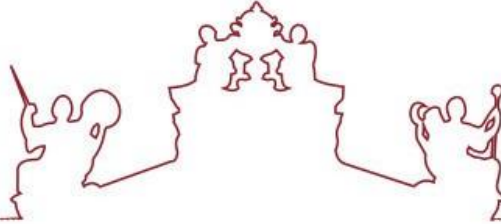
**O Futebol Feminino em Expansão: Determinantes, Políticas Públicas e Perspectivas. Subsídios Para a Compreensão do Contexto Brasileiro.**

**Bruna Kellermann da Silva**

Orientador(es) | José Manuel Leal Saragoça

Évora 2020





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências e Tecnologia:

- Presidente | Mário Teixeira (Universidade de Évora)
- Vogal | Jorge Duarte dos Santos Bravo (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | José Manuel Leal Saragoça (Universidade de Évora)

Évora 2020



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, que com sua proteção e amparo me fez seguir adiante, mesmo no meio de tantas dúvidas e obstáculos com um tema ainda pouco explorado no contexto brasileiro.

Agradeço ao Professor Doutor José Saragoça por me aceitar como uma das suas alunas a ser orientada. Ele nunca deixou de estar ali presente, me auxiliando e me fazendo seguir em frente até que o trabalho finalmente fosse concluído, sempre com seus ensinamentos e palavras de incentivo, não poderia estar melhor orientada – gratidão mestre!

Agradeço também à minha mãe, Loreci Kellermann, que sempre foi mãe e pai, me apoiou em todos os momentos, desde a decisão em ir estudar no exterior até nos dias em que me questionava sobre a vida pós-Dissertação, dando auxílio no que eu precisei e sempre me incentivando a não desistir. Você é meu maior exemplo!

# **O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PERSPECTIVAS. SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DO CONTEXTO BRASILEIRO.**

## **RESUMO**

O presente estudo aborda algumas questões referentes a história do futebol feminino em uma visão macro, relacionando o seu desenvolvimento a diferentes setores do mercado desportivo, visando perceber a expansão desta modalidade, os fatores que são determinantes para o seu desenvolvimento e o que vem sendo feito ou o que deveria ser feito para fomentá-lo em alguns sítios do Brasil. A metodologia seguiu os parâmetros de uma pesquisa de natureza exploratória, numa ótica predominantemente qualitativa, baseando-se na consulta e análise de documentos, bem como, em entrevistas realizadas junto a atores chaves do futebol feminino brasileiro. Como conclusão, destaca-se, principalmente, o ainda tímido progresso da modalidade feminina de futebol, as intensões de investimento e a profissionalização da área. Evidencia-se também, aspetos que deveriam sofrer mudanças, as quais, a médio prazo, trariam ainda mais avanços à modalidade feminina de futebol, principalmente, em território brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol Feminino; Género no Desporto; Políticas Públicas; Boas Práticas; Prospetiva.

**THE FEMALE FOOTBALL IN EXPANSION: DETERMINANTS, PUBLIC POLICIES AND PROSPECTS. SUBSIDIES FOR UNDERSTANDING THE BRAZILIAN CONTEXT.**

**ABSTRACT**

The present study addresses some questions regarding the history of women's football in a macro view, relating their development to different sectors of the sports market, aiming to understand the expansion of this sport, the factors that are determinant for its development and what has been done or what should be done to foster it in some places in Brazil. The methodology followed the parameters of an exploratory research, in a predominantly qualitative perspective, based on consultation and document analysis, as well as in interviews with key Brazilian female soccer players. In conclusion, we highlight, mainly, is the still timid progress of the female soccer modality, investment intensities and professionalization of the area. It also highlights aspects that should undergo changes, which, in the medium term, would bring even more advances to the female soccer modality, mainly in Brazilian territory.

**KEYWORDS:** Women's Soccer; Gender in Sport; Public Policy; Good Practice; Foresight.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>9</b>
2.1 UMA VISÃO MACRO DO FUTEBOL FEMININO .....	9
2.1.1 Género no Futebol.....	12
2.1.2 Ordem Pública.....	17
2.1.3 O Envolvimento dos Medias .....	18
2.1 A PARTICIPAÇÃO DAS ENTIDADES INTERNACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO .....	21
2.3 O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL .....	28
2.3.1 Compreensão Histórica da Implementação do Futebol Feminino no Brasil .....	28
2.3.2 As Políticas Públicas de Desenvolvimento do Futebol Feminino no Brasil .....	39
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>45</b>
3.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO, INSTRUMENTOS E SUJEITOS .....	45
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>52</b>
4.1 FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PERSPECTIVAS .....	52
4.1.1 Determinantes.....	53
4.1.2 Políticas Públicas.....	67
4.1.3 Perspectivas.....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICA .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta investigação tem a intenção de analisar o futebol e sua história, utilizando-se, como pano de fundo, as desigualdades de géneros no desporto e centrando-se no futebol feminino, nas políticas públicas aplicadas atualmente e nas pensadas para o futuro, principalmente, no que respeita à evolução deste sistema de práticas sociais em desenvolvimento do futebol feminino.

O intuito principal é realizar uma construção histórica do progresso do futebol feminino no mundo, analisando diferentes factos e fatores que expliquem a evolução desta modalidade ao longo dos anos e o que as entidades desportivas, de âmbito internacional e local, vêm proporcionando à sociedade para que haja a manutenção do seu crescimento e, ao mesmo tempo, uma equidade entre os géneros feminino e masculino.

Ainda, será analisado brevemente o Brasil e sua ligação com a temática futebol feminino, ponderando-se as iniciativas que estão a ser tomadas e evidenciando outras tantas que poderiam ser aplicadas para o avanço do futebol feminino na chamada “terra do futebol”.

Esse estudo se mostra relevante, ante o recente período de tempo em que as mulheres passaram a ganhar destaque dentro deste universo, uma vez que o futebol moderno não ganhou o nome de “desporto rei” atoa, isso porque, mesmo transformando vidas, modificando histórias e agregando saúde e paixão a muitos lares ao redor do mundo, por muitas décadas, o futebol foi responsável por um grande desnível entre o sexo feminino e o masculino, eis que, desses mais de 150 anos de existência do futebol moderno, as mulheres foram mantidas em segundo plano por um longo período.

Ignoradas em muitas ocasiões, o sexo feminino passa a ganhar visibilidade mundial e espaço dentro das quatro linhas, com a realização da Copa do Mundo Feminina de Futebol, realizada no ano de 1991, discrepante diferença em relação aos homens, eis que 61 anos antes esses chutavam suas primeiras bolas em uma Copa do Mundo.

Ante essa desigualdade de períodos, é possível compreender o motivo da diferença de investimento e de fomento. Entretanto, desde o Mundial da China em 1991 o número de mulheres desportistas, praticantes, aficionadas, estudiosas ou gestoras desportistas não parou de aumentar, o que se constata que os primeiros passos já foram dados, restando aos amantes do futebol manter a busca por seu aperfeiçoamento e aprimoramento.



Assim, o presente estudo tem como partida as seguintes perguntas: a) Qual é a situação da prática de futebol feminino no mundo? Que fatores explicam o desenvolvimento diferenciado do futebol masculino e do futebol feminino ao longo dos tempos? b) Qual tem sido e qual pode ser o papel da FIFA, das suas entidades associadas e de outras organizações internacionais na promoção do futebol feminino? Que políticas têm sido implementadas e o que está projetado para o futuro próximo? c) O que está a ser feito e pode vir ser feito no Brasil para impulsionar o desenvolvimento do futebol feminino no país?

Neste sentido, os objetivos gerais da investigação consistem em: a) Identificar os fatores económicos, sociais, culturais, políticos e outros que expliquem a diferente realidade existente de prática do futebol feminino no mundo; b) Descrever as políticas públicas (atuais e em projeto) dos organismos desportivos internacionais, orientadas para promover a prática do futebol feminino; c) Conhecer a opinião de atletas, especialistas, gestores desportivos e outros agentes brasileiros que operem na área do futebol feminino acerca das políticas públicas de promoção desta modalidade no país, e as medidas/ações que propõem.

No plano metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, numa ótica predominantemente qualitativa. O recolhimento de dados será realizado através da consulta e análise de documentos existentes em organismos desportivos, nas instituições públicas e em instituições oficiais de estatística dos Estados e em informação provocada, nomeadamente, a entrevista com atores chave do futebol feminino brasileiro.

A constituição da seleção e da caracterização da amostra se deu em razão de relevância profissional do agente entrevistado, na sua área de atuação, bem como a localidade em que residiam, uma vez que a intenção era gerar uma mínima ideia de repercussão nacional da perceção do desenvolvimento do futebol feminino. No que tange o número de participantes, esta quantidade está ligada, diretamente, a disponibilidade e ao interesse em participar da pesquisa.

Por fim, espera-se produzir conhecimento sobre o objeto de estudo, ainda pouco analisado, contribuindo, dessa forma, para o debate científico bem como criar material informativo específico, a fim de disponibilizá-lo à clubes, federações e confederações, gerando uma espécie de guião a que, no quadro das suas missões, possam impulsionar

uma modalidade que pode ser tão competitiva e socialmente reconhecida, além de atrativa, tal como o que já acontece com o futebol masculino.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

O desporto é um fenómeno global que promove um tipo de interação social próprio e contemporâneo, dando a oportunidade de debater e abarcar temas que vem ganhando espaço e importância no cenário mundial, como a igualdade de género, o pareamento entre homem e mulher e o empoderamento feminino, fatores esses que crescem e se fortificam junto com a evolução do próprio desporto.

Ao longo dos últimos dois séculos, o futebol se afirmou ao redor do mundo como um dos desportos mais praticados em todo o mundo, sendo visto, simultaneamente, como uma prática de puro prazer ou lazer, uma atividade profissional e uma indústria e como um processo de alienação, aglutinação e catalisação de massas.

Embora moldando-se numa história de inclusão social e consolidação de cidadania, trata-se, o futebol é um fenómeno social em que ainda existem clivagens sociais, entre elas as de desigualdade de género na assistência e na prática, como veremos adiante.

### **2.1 UMA VISÃO MACRO DO FUTEBOL FEMININO**

O futebol hoje, em termos de construção social é o desporto, em teoria, mais democrático, aquele que apresentou regras à sociedade e uniu desconhecidos em um mesmo caminho e uma mesma adoração, torcendo ou competindo, indiferente da raça, classe social ou género (Ventura & Hirot, 2007) criando, assim, uma modalidade com uma linguagem comum e universal “em um espaço simbólico que une e demarca diferenças ao mesmo tempo” (Prodanov & Maronez, 2015, p. 6).

Mobilizador de uma parcela gigantesca da população mundial, o futebol tornou-se uma atividade que faz parte do dia a dia das pessoas, funcionando, inclusive, como uma estrutura subjetiva e discursiva de união, permitindo um ambiente de conversação que aproxima indivíduos de diferentes posições socioeconómicas, atuando como uma estrutura de convívio social, trazendo para a população atual, as antigas tradições que cumpriam esse papel (Simmel, 2006).

Neste sentido, COSTA (2016, p. 380) afirma que o futebol, no século XXI, tornou-se um fenómeno sociocultural, originalmente pautado pro valores puramente masculinos, influenciou os mais diversos segmentos do mercado, tal como economia, cultura e política.

Complementando esse ponto de vista, PISANI (2015, p. 338) também considera que toda essa construção e criação da modalidade futebol nasce de uma perspectiva puramente masculina e patriarcal – eram os homens que controlavam as equipas, os que praticavam o desporto e os que, em maior quantidade, consumiam o produto como espectadores.

Desta forma, quando a autora analisa em sua globalidade as produções bibliográficas e audiovisuais que serviram de base para a consolidação do futebol como referência desportiva conclui que:

A grande maioria delas reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens, seja na qualidade de jogadores, de torcedores e/ou daqueles que escreveram e produziram a memória da modalidade. [...] – no ano de 1884 (no Brasil) – foi associado a uma prática de lazer essencialmente destinada aos homens brancos da elite do país. Posteriormente, algumas produções mostraram que o futebol passou por uma popularização a partir do ano de 1930, profissionalizando-se e permitindo assim que outros homens, negros e pobres, pudessem adentrar os campos e os estádios como jogadores (agora remunerados) e como torcedores. Notamos também que houve uma grande discussão e problematização sobre o lugar que o futebol ocupou no imaginário social durante o período militar brasileiro. Fica evidente a partir dessas produções que a virilidade, a competitividade e as características agonísticas da modalidade ainda hoje associam-se intimamente a um ideal de identidade masculina brasileira. (p. 339)

Em uma visão mais clássica, MOURA (2005, p.132) afirma que a necessidade de analisar o futebol como área exclusivamente masculina parte da finalidade de entender também como se processa a construção dos papéis sociais colocados para a mulher, relacionando-a com o espaço de exclusão/inclusão no universo futebolístico, isto porque, o autor aponta que em um passado não muito distante, machista e moralista, a mulher era vista como ser frágil, de deveres domésticos e com o corpo destinado à reprodução.

Importa destacar que essas visões tendentes ao machismo foram vividas um pouco por todo o mundo, não sendo, pois, um problema ou acontecimento num país isoladamente.

Esta predominância masculina no futebol vem sendo discutida desde há muito. No início do século XX a Federação Alemã (DFB) afirmava publicamente que o futebol feminino não era compatível “com a dignidade e a natureza de uma mulher” (Hellmann, 2011). Desde então, viram-se diversas movimentações, um pouco por todo o mundo: australianas, britânicas, chinesas, americanas, iranianas, em diferentes anos e circunstâncias, mostraram seu comprometimento com a prática e o crescimento do futebol feminino (Williams, 2007).

Hoje, vislumbra-se o desporto como uma ferramenta de modificação e fortalecimento onde as mulheres começam a ganhar espaço na sociedade mesmo com o inferior número de desportistas que participam de torneios oficiais (Ventura & Hirot, 2007).

Importa frisar que esse espaço que vem sendo conquistado a pequenos passos, teve início por mulheres “visionárias” que nos primórdios da história do futebol decidiram levantar a bandeira da igualdade e reivindicaram direitos (Costa, 2016).

TEIXEIRA e CAMINHA (2013, p. 266) acreditam que este tema está realmente em voga, quando percebemos que o futebol feminino, no âmbito desportivo mundial, vem ganhando espaço inclusive no setor acadêmico, o que “pode ser comprovado pela quantidade de trabalhos científicos que têm sido publicados no sentido de conferir cientificidade ao seu treinamento, prever e tratar lesões características, ou melhorar o desempenho de atletas consideradas de elite” entre diversas outras temáticas que só elevam a modalidade.

Nas palavras de FRANZINI (2005) há diversos apontamentos críveis que poderiam orientar a compreensão dos motivos pelos quais há essa diferença espantosa entre homens e mulheres praticantes do futebol, baseando, principalmente, nos modelos arcaicos da sociedade, os quais geravam uma intolerância à prática do futebol feminino, tornando tal modalidade pouco visível e financeiramente impalpável.

O crescimento da participação da mulher em território tradicionalmente considerado masculino tem revelado uma nova dinâmica social, moldando percepções e pré-conceitos, isso porque, a mulher saiu do espaço privado da casa e partiu para o espaço público em busca da convivência em comunidade, trabalho assalariado, ampliação de direitos sociais, além claro, de condições de igualdade em relação aos homens, trazendo

a tona a discussão sobre géneros e, talvez, até a compreensão da diminuição da diferença entre eles (Teixeira & Caminha, 2013).

### 2.1.1. Género no Futebol

Ao falar de género, devemos ter a ideia de que este termo trata-se da compreensão das possíveis divergências entre as relações sociais e os sexos, sendo inclusive utilizado na construção biológica da distinção entre seres humanos, deixando o simples masculino e feminino de lado e reestruturando padrões (Freitas Jr. & Gabriel, 2018).

Essa diferenciação entre sexos é considerada uma questão sensível de ser discutida, ainda mais quando ligada ao mundo desportivo, isso porque, influencia e é influenciada por fatores sociais, políticos e, porque não dizer, pelas diversas mudanças económicas que as nações sofrem.

Na verdade, o termo género por muitos é considerado uma controvérsia de interesse social, que a população passou a utilizar como ferramenta de integração, educação e saúde, aproximando os aficionados as atletas, utilizando das histórias do passado como mecanismo de mudança e convencimento em crenças e valores (Hargreaves, 2000).

Para MAGALHÃES (2008, p. 3) o termo género é uma construção social criada com o intuito de perceber as relações estabelecidas entre homens e mulheres e pontuar as suas funções primordiais dentro da comunidade, reivindicando para si um território específico diante da desigualdade existente entre o sexo feminino e o sexo masculino e caracterizando assim os perfis de comportamento a partir de determinantes como sociedade, cultura, história em um tempo e espaço. Além disso, a autora ainda define essa temática como algo em função do “outro”, uma vez que “as relações ainda não são de igualdade e harmonia entre os géneros masculino e feminino, principalmente no futebol, porém muitos valores sobre as mulheres já estão mudando”.

Não obstante, além das prerrogativas de natureza objetiva, outras de natureza cultural e social acabam por condicionar a institucionalização alargada do futebol feminino, mesmo que em alguns países a circulação de divisas do nesse setor seja de valores realmente consideráveis ou que conte com a melhor jogadora de futebol feminino da história mundial (Franzini, 2005). FRANZINI (2005) chama a atenção para a natureza

subjetiva da análise de gênero, ao falar de uma relação entre futebol e a masculinização da mulher, quando não se condiciona ou usa de instrumento o corpo feminino como objeto de atração de um determinado público.

Sendo assim, não pode-se iniciar a discussão da relação de gênero no futebol sem falar-se de preconceito - um dos grandes obstáculos enfrentados pelas mulheres que tem a intenção de praticar o desporto futebol -, não só pela “preocupação” entre a masculinização do corpo feminino, mas também em virtude da ausência de patrocínio e incentivo à categoria, buscando então a feminização e sexualização das atletas como forma de atrair os olhares dos espetadores. Como diz MENTZ (2018, p. 19-20): “o corpo feminino é tratado como um bem social, controlado para entretenimento e consumo masculino... [pelo que] ... as jogadoras devem desenvolver a feminilidade na medida certa, pois qualquer aproximação com o que é considerado da essência masculina é repudiada”.

Contudo, algumas pesquisas relatam que as atletas, por mais que se preocupem com seu potencial técnico, não deixam de utilizar alguns pressupostos considerados femininos quando estão dentro das quatro linhas, ou seja, nenhuma mulher jogadora de futebol deixa de realizar atividades menos femininas, como perfumar-se, depilar-se, preocupar-se se está com uma sobrancelha bem feita, etc., e todas deixam claro que, a delicadeza com os detalhes não é seu foco, mas que tal cuidado é inerente à elas (Salvini, Souza & Marchi Jr, 2015). Essa manifestação revela que, mesmo que o estereótipo criado historicamente que a mulher praticante do futebol tornaria-se masculinizada, a introdução de uma nova postura e uma nova visão social, gera novas formas de aceitação desta mulher atleta, mantendo também as “raízes” femininas ligadas a esse ser frágil (Teixeira & Caminha, 2013, p. 274).

Um relevante ponto histórico deste envolvimento da mulher com o desporto, talvez tenha sido o fato de a mulher querer exercer o seu direito à motricidade, já que em tempos longínquos o mito do chamado “sexo frágil” (associado ao sexo feminino) fazia com que a mulher tivesse suas atividades desportivas controladas ou, então, que sofressem do preconceito de que com a prática desportiva intensa, os seus corpos femininos se vulgarizassem ao ponto de criarem contornos masculinos (Teixeira & Caminha, 2013, p. 276). Isto torna-se nítido quando se pensa nas reportagens mediáticas e reprodução de estereótipos e preconceitos que limitavam o acesso da mulher ao espaço

social de prática do futebol, na medida em quem no imaginário social a esfera do desporto é masculina. Tal como refere MENTZ (2018, pg. 24):

Tais elementos contextualizam a realidade das jogadoras brasileiras. E é nesse contexto que as atletas resistem para praticarem seus esportes e que são expressas e entendidas as representações de género corpo e sexualidade. Permeadas pelos estereótipos tracionais de género é que elas negociam suas performances, dentro desse campo.

Por seu turno, KNIJNIK e SOUZA (2004) afirmam que o conceito género foi criado para afrontar alguns termos construídos pela sociedade, com a finalidade de colocar as pessoas a pensarem em algo como uma oposição ao termo sexo, que descreve e diferencia exatamente homens de mulheres. MOURA (2005) vai um pouco mais além e caracteriza o género como uma categoria, colocando-o no patamar de termos como raça e religião, ou seja, categorias que diferenciam padrões de escolhas e comportamento de pessoas.

FOUCAULT (2006) parte da análise histórica da sexualidade, refletindo sob os processos de subjetividade que definem o corpo, o seu jogo de poder, a sua normalidade e anormalidade, crendo que a modernidade serve como ponto de partida para um sistema binominal de condutas específicas para o sexo feminino e para o sexo masculino.

Outros estudiosos entendem que o desenvolvimento diferenciado entre as modalidades feminina e masculina está diretamente ligado ao preconceito:

Tal possibilidade se ratifica, pois, o reconhecimento da condição da mulher no dispositivo da sexualidade pode nos auxiliar na compreensão das posições ocupadas por elas no campo esportivo, condição sem a qual não é possível qualquer tipo de modificação deste quadro. Além disso, o estudo do preconceito na perspectiva apresentada pode desvelar algumas indicações sobre as modificações, reorientações e clivagens complexas do dispositivo da sexualidade na gestão da vida da mulher contemporânea no tocante às práticas corporais esportivas. (Teixeira & Caminha, 2013, p.268)

Como se vê, também no “mundo” desportivo a distinção de sexos está muito presente, sendo que as mulheres vêm aumentando sua participação e visibilidade (Garton & Hijós, 2018). Mas mesmo ganhando visibilidade, vale ressaltar que o futebol feminino não usufrui das mesmas condições e do mesmo reconhecimento social, principalmente, quando o assunto é a inserção da mulher no espaço desportivo, culturalmente considerado como masculino, o que passa a gerar preconceitos eis que o género feminino esta culturalmente e arcaicamente ligado à "maternidade" e "dona do lar" de forma a retardar



a ideia capitalista de hegemonia econômica, reconhecendo a divisão entre "homem/sexo forte" e "mulher/sexo frágil" como a única legítima aos olhos da sociedade (Teixeira & Caminha, 2013).

Após esses apontamentos - e nos posicionando de forma reflexiva e crítica com relação aquele olhar unilateral fomentado pela visão heteronormativa em que o sexo e a sexualidade orientam a construção do corpo “generificado” - , compreendemos que a região de fachada do futebol, seja ela no campo ou no produto final das fotos, visa o reforço da apresentação do gênero feminino estereotipado, principalmente se considerarmos o contexto histórico de preconceito de cunho sexista que se impõe sobre as praticantes de futebol no Brasil. Ainda no bojo dessa análise, ressaltamos o interesse midiático na veiculação de uma imagem heteronormativa e feminilizada que ajude a expandir a oferta e consumo da modalidade no país por meio da espetacularização de corpos revestidos de características “feminis”, socialmente aceitas e, portanto, facilmente reproduzíveis (Salvini, Souza & Marchi Jr, 2015, p. 567).

A entrada das mulheres nesse “universo tão masculino” dá ainda mais espaço à essa implementação e construção social do gênero no desporto e, portanto, “as desportistas vêm enfrentando, não só obstáculos institucionais, socioculturais e econômicos, mas também, de marginalização e estigmatização social” (Sassatelli 2012).

Assim, sem embargos, Garton e Hijós afirmam que o gênero não é o único fator que explicaria a diferença da soberania do futebol masculino sobre o feminino, considerando que “não é o único fator determinante para o êxito ou desprezo de um desporto ou uma desportista, já que na construção do imaginário desportivo também influencia a classe social, o estilo de vida e o consumo” (Garton e Hijós, 2018, p. 31).

Já WILLIAMS (2007) atribui como fator do preconceito o processo de desvalorização e/ou omissão das próprias entidades que organizam o futebol feminino, como por exemplo a FIFA, que já atuou, de forma negativa (possivelmente sem essa intenção) no tocante a imagem das futebolistas, investindo em um segundo momento em profissionais que pudessem reverter o estereótipo de “jogadora machorra”.

Nos Estados Unidos da América, a discussão de desigualdade de gêneros foi parar às manchetes de jornal e aos tribunais. Em recente reportagem, o *New York Times*<sup>1</sup>, um dos maiores periódicos americano, estampou em sua página desportiva – leia-se, em meia página daquela publicação – de domingo, as atletas da seleção americana de futebol

---

<sup>1</sup> <http://iht.newspaperdirect.com/epaper/viewer.aspx>, recuperado em 11, mar 2019.

feminino<sup>2</sup>, com a manchete “lutando por um nivelamento dentro de campo”. No texto, referenciava a batalha judicial que a seleção feminina de futebol está travando frente à Federação Americana de Futebol, visando a igualdade de remuneração e condições de trabalho em relação aos homens, propondo uma ação jurídica de discriminação de gênero. Importa frisar que estamos a falar de umas das seleções femininas de maior expressão, de mais títulos e de referência mundial dentro de seu seguimento.

Nas páginas dedicadas a essa reportagem encontramos dois dos principais temas que vemos repetindo na constância desta pesquisa: investimento e discriminação de gênero:

Elas trabalham tão duro quanto os homens por menos pagamento. Quando elas reclamam, são informadas de que precisam gerar tanto dinheiro quanto os homens, se quiserem receber tanto quanto eles são pagos. Quando elas dizem que isso é essencialmente impossível sem mais oportunidades e promoções, elas são informadas de que a oportunidade e a promoção acontecerão quando começarem a produzir mais dinheiro. Esta é a narrativa no coração do processo de discriminação de gênero que a seleção feminina de futebol dos Estados Unidos fez na sexta-feira contra o futebol americano, mas em quase todos os desportos as disparidades de gênero nas condições salariais e de trabalho são desenfreadas.<sup>3</sup>

Nos dias que antecederam essa matéria, o New York Times<sup>4</sup>, trouxe reportagem sobre a discriminação de gênero sofrida pelas mulheres nas mais diversas categorias, sendo que no futebol deu atenção ao caso da Melhor do mundo de 2018, Ada Hegerberg, norueguesa de 23 anos que com o intuito de protestar e chamar atenção para as desigualdades e a falta de apoio ao futebol feminino em seu país de origem, decidiu não participar da Copa do Mundo Feminina de 2019, o que acaba por ser uma forma de política privada desesperada para que os holofotes sejam direcionados pelas diferenças encontradas entre as modalidades femininas e masculinas ligadas ao desporto. (New York Times, 08/03/2019)

### 2.1.2 Ordem Pública

---

<sup>2</sup> Muito dessa aparição do futebol feminino nas páginas dos periódicos se dá, principalmente, pela chegada do Mundial Feminino de Futebol 2019 que acontecerá no mês de junho, na França.

<sup>3</sup> (New York Times, <https://www.nytimes.com/2019/03/08/sports/women-sports-equality.html>, recuperado em 11, março, 2019, p. 13)

Para além da questão do género, o futebol feminino enfrenta adversidades no setor público, eis que há pouco investimento na manutenção das equipas menores e nos custos de arbitragens, além claro, do incentivo que deveria ser gerado nos primeiros anos de educação das crianças, criando uma dificuldade em manter os campeonatos, limitando o crescimento da modalidade ou ainda vendo, nas equipas femininas, um departamento que gera apenas despesas e não um meio de investimento.

Há estudiosos que afirmam que a pouca participação dos agentes públicos influencia, de forma direta, na ascensão ou declínio do desporto e está diretamente ligada a problemática histórica da inserção da mulher no universo do futebol, mas que, de outro plano, o crescimento de seu interesse está justamente atrelado às conquistas de títulos relevantes em grandes eventos como Copa do Mundo e Olimpíadas, seguindo:

A alteração desse *status* e o aumento da periodicidade/visibilidade jornalística do futebol feminino estão associados à estruturação de diversas realidades interdependentes, que resultem em uma elevada popularização da modalidade e na consequente fomentação de praticantes e consumidores. São elas: a influência para a prática futebolística feminina pelas instituições escolares, esportivas, familiares, burocráticas (Estado e governos) mediante ações (objetos, aulas e políticas públicas, entre outras) e melhorias de infraestrutura e competições, e jornalísticas, com coberturas ausentes de discursos preconceituosos, estruturadores de realidades e hábitos genéricos, além da conquista de títulos relevantes pela seleção nacional (Freitas Jr. & Gabriel, 2018, p. 11).

Isso considerando não só órgãos públicos mas também as instituições privadas que se dedicam ao desporto educacional, utilizando-se de bons resultados das equipas femininas para incentivar e dar ferramentas aos educadores, os quais deveriam adaptar o desporto às pessoas e não as pessoas ao desporto, oferecendo oportunidade e inclusão, diminuindo assim os desportos direcionados a um único sexo (Kotvinski, 2013).

Dessa forma, nota-se que o problema se inicia na base de educação/socialização. Referimo-nos não só ao papel das equipas de base dos clubes desportivos, mas também às atitudes e aos comportamentos valorizados na escola e no seio da família, que não fomentam desde a primeira infância a possibilidade de as raparigas darem prioridade ao futebol. (Haag, 2018, p. 147).

Percebe-se que o avanço será muito gradual e lento quando dentro das escolas as crianças ainda são ensinadas que algumas brincadeiras são “de rapazes” e outras “de raparigas”. Uma vez que alguns valores ficaram tradicionalmente enraizados na cultura da sociedade, as escolas deveriam trazer questionamentos e colocar os menores a pensar

em relação a género e não os manter colados as crenças habituais, criando assim profissionais mais críticos e conscientes (Moura, 2005). A escola, que deveria ser o espaço social mais claro quando o assunto é desmistificação de géneros e quebra de tabus, acaba por ser o fortalecedor de paradigmas arcaicos e tradicionais, implementando e fortalecendo a ideia de que existem desportos para meninos e desportos destinados para meninas, criando assim uma comunidade educada para ter preconceitos em relação a géneros, pelo que os meninos dominam amplamente as classes de educação física (Teixeira & Caminha, 2013, p. 278). Tal como referem TEIXEIRA e CAMINHA:

É possível perceber que o preconceito de género nas escolas reflete relações de poder estabelecidas na sociedade. Quando os professores de Educação Física não problematizam pedagogicamente o preconceito em suas aulas, corre-se o risco de fortalecer tendências sexistas (Teixeira & Caminha, 2013, p. 280)

Aqueles autores concluem esse raciocínio dizendo que essas aulas deveriam ser pensadas ainda na formação de graduação dos professores que as ministram - isso porque o meio académico que os formam tem uma parcela muito grande de responsabilidade na forma em que esses professores levam o conhecimento adiante, através de propostas de trabalho que estimulem a discussão da coeducação, construindo estratégias que efetivamente se mostrem eficazes na sua prática.

VIANA (2008) considera que a maior colaboração da educação física para a fixação do mito da vulnerabilidade feminina é o preconceito gerado dentro das escolas quando o tema é o futebol feminino, corroborado pelos professores que não incentivam as meninas a participar das classes:

As meninas não possuem incentivo para o esporte durante a infância, não jogam bola, não sobem em árvores, não correm, ou seja, não realizam quando pequenas nenhuma atividade que beneficiará sua inserção ao esporte. Basta observar os brinquedos e as brincadeiras que permeiam a infância feminina fazendo com que a sociedade as identifique como fracas e inábeis ao esporte, principalmente no futebol (Viana, 2008, p. 645)

### 2.1.3 O Envolvimento dos Média

A medida que o desporto se desenvolve, a cobertura mediática também vai se estruturando. Contudo, é perceptível a falta de investimento dos meios de comunicação de massa no futebol feminino, o que favorece a barreira que certas representações e certos

modos de consumo apresentam, uma vez que já possuem muito menos espaço nas coberturas dos meios de comunicação massivos.

Em definitivo, o campo desportivo é um espaço onde o nível representativo segue reproduzindo as estruturas e as pré noções que delimitam as mulheres a serem representantes de certos estereótipos e ideais, mas oferece possibilidades para desafiar a essas mesmas estruturas hegemônicas (Garton & Hijós, 2018, p. 40).

Afinal, os média têm a possibilidade de escolher as manchetes e os indivíduos que terão evidência, mas, normalmente, valorizam muito mais os atletas masculinos, mesmo quando “elas [as mulheres] disputam campeonatos, ganham títulos, jogadoras conquistam feitos individuais e diferente das equipes masculinas, não viram manchetes dos jornais” (Castro & Máximo, 2018, p. 5).

HELAL, SOARES e LOVISOLO (2011) lembram que o desporto, tal como o conhecemos, não existiria caso os jornais e periodistas o tivessem ignorado:

As notícias e materiais dos jornalistas sobre os desportes foram e são elementos constitutivos do jornalismo e do desporto moderno. Jornais, rádios, noticiários, cinema e televisão forma parceiros do desporto ao longo dos últimos cem anos. Se considerarmos a história do desporto moderno nos meios de comunicação, vemos que rapidamente passou-se da notícia isolada à página desportiva e desta aos jornais e revistas especializadas em desportos em geral ou particular. (p. 77)

A estratégia de ambivalência acaba por ser a estrutura das coberturas que visam enaltecer o desporto feminino, conciliando de uma forma visual a suposta incompatibilidade da feminilidade e o universo feminino do desporto (Garton & Hijós, 2018).

Contudo, alguns ainda apresentam ao seu público o futebol feminino como algo ridicularizado, como refere TEIXEIRA e CAMINHA (2013, p. 277):

Mas, a mídia não se refere apenas à aparência da mulher que joga. Ela se refere também ao espetáculo esportivo e à "espetacularização" do corpo feminino que, no contexto do futebol, passou a ser representado como "comédia", "divertimento", "espetáculo de inabilidade" e "caricatura".

Salvini, Souza e Marchi Jr. (2015, p. 564) lembram que, em muitos registros extra oficiais feitos pelos meios de comunicação, encontra-se material que “priorizam a exaltação de elementos que, por um lado, caracterizam a feminilidade e, por outro, produzem o ocultamento de preconceitos historicamente arraigados”, criando um “trabalho de produção cultural onde se atrela a feminilidade ao futebol”, criando assim,

“um direcionamento da informação à dimensão da beleza em detrimento da ênfase nas habilidades esportivas” (Salvini, Souza & Marchi Jr., 2015, p. 564).

Sendo assim, o que se conclui é que existem dois fatores primordiais que explicam o desenvolvimento diferenciado do futebol masculino para o futebol feminino ao longo do tempo, pautando entre raízes históricas e culturais, onde um viés vai de encontro com as representações sociais da participação da mulher no contexto desportivo e outro em razão dos problemas gerados a partir do género e o preconceito que dificultam a inserção da mulher no futebol.

## 2.1 A PARTICIPAÇÃO DAS ENTIDADES INTERNACIONAIS NO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO

Algumas entidades internacionais são as principais instituições promotoras do desenvolvimento do futebol feminino mundial e, apesar da grande diferença entre as ligas e países ao redor do mundo, é visível o crescente desenvolvimento do futebol feminino e o aumento de raparigas e mulheres praticantes da modalidade desportiva. Contudo, não se pode esquecer que há uma grande disparidade entre o senso de profissionalismo e a falta de vislumbre de um futuro, o que faz com que muitas mulheres abandonem a sonhada carreira de jogadora de futebol.

Um ponto positivo no desenvolvimento do futebol feminino é o latente crescimento acadêmico que tal tema vem gerando, refletindo assim no leve aumento do interesse social e econômico, como afirma CHAPLIN (2013, p. 20) “O futebol feminino na Europa fez um enorme progresso, especialmente nos últimos 15 anos. Isto não é apenas estimado a partir do crescente número de membros das associações, mas também do crescente interesse social e econômico”. E ainda conclui:

Na Europa, por exemplo, já existia nesse momento um movimento concreto e positivo, onde as competições de futebol feminino se realizavam com assiduidade. A União das Associações (UEFA) estudou o assunto e chegou a estabelecer normas e disciplina sobre competições.

Esse tangível crescimento do desporto pode ser analisado de diversos ângulos e a partir de algumas pesquisas já realizada, como é o caso dos relatórios disponibilizados pela Federação Internacional de Futebol Associação - FIFA e por confederações mais organizadas como é o caso da União das Associações Europeias de Futebol – UEFA.

Para WILLIAMS (2011), a UEFA é considerada a mais influente instigadora da competição internacional para o futebol feminino das seis confederações, e, nesse sentido, busca trazer soluções para o progresso do futebol feminino, tal como as ajudas financeiras enviadas para associações pequenas e separando o campeonato continental feminino do masculino, no que toca o período e também os patrocínios, fazendo com que atraia, amplie e altere as percepções sob a modalidade, o que no ano de 2017 já mostrou retorno, sendo que o número de futebolistas inscritas na Federação teve um aumento de 7,5%. Interessante as palavras do Presidente da UEFA, Aleksander Čeferin, disponibilizado no *site* da UEFA – Futebol Feminino (UEFA, 2018):

Disse no Congresso da UEFA na Bratislava que deveríamos atrever-nos a apostar alto, lançar iniciativas que continuem a inspirar esperança e fazer que o futebol europeu seja o maior possível. O potencial do futebol feminino é ilimitado e com isso em mente decidimos separar os dois eventos da UEFA Champions League. Isso dará ao futebol feminino uma plataforma própria para seguir crescendo e convertendo em um evento imperdível e um espetáculo televisivo em si mesmo... Vimos no Campeonato Europeu Feminino da UEFA o quão popular é o futebol feminino, desde a perspectiva da experiência dos aficionados quanto com a audiência televisiva em constante crescimento. Na UEFA temos trabalhado mais que nunca este ano para maximizar o potencial do futebol feminino para aproveitar o mercado crescente.

No biênio de 2016/1017 a UEFA elaborou um relatório onde apontava as jogadoras federadas as suas associações membros, fazendo uma análise do número de inscritas e depois um paralelo entre o número de habitantes, hierarquizando esses países na visão da FIFA:

Tabela 1: Jogadoras federadas nas associações membro da UEFA: Quantidade, quantidade por mil habitante e posições no ranking da FIFA

País	Quantidade	População	Quantidade por cada 1000 habitantes	Ranking FIFA
Alemanha	209.713	80.700.000	2,598674102	2
Holanda	153.001	14.000.000	9,000058824	7
Inglaterra	106.910	54.800.000	1,950912409	3
França	106.612	66.800.000	1.595988024	4
Suécia	179.050	9.900.000	18,08585859	11
Noruega	100.066	5.300.000	18,88037736	14
Dinamarca	63.294	5.600.000	11,3025	12
Islandia	7.375	336.000	21,94940476	21
Bélgica	25.887	11.400.000	2,270789474	23
Itália	23.196	60.000.000	0,3866	18
Espanha	31.831	48.600.000	0,654958848	17
Rússia	23.207	142.200.000	0,163199719	25
Turquia	39.233	80.300.000	0,488580324	59

Fonte: A partir do informe "Women's Football across the National Associations 2016/17"

Além do mais, a página *web* da UEFA ainda destaca a criação de um *blog* "Press Play" que possui canal no *Youtube*<sup>5</sup> onde oferecem aos aficionados por futebol a rotina

<sup>5</sup> Porque nós temos algo para você! Nós somos o esquadrão de criadores do #WePlayStrong. E somos todos jogadores de futebol profissional, Campeões Mundiais de Futebol Freestyle. Queremos construir a maior comunidade de futebol com VOCÊ. Vamos levá-lo aos bastidores dos clubes de alto nível, através da Europa com as nossas seleções e na jornada para a Copa do Mundo! Você vai se juntar a nós em nossas viagens recebendo dicas de fitness, habilidade e estilo e fazendo desafios!. <https://www.youtube.com/channel/UCvjR2pbl-CzhSzg6dBYsEKw>, recuperado em 11, fevereiro, 2019.



de quatro atletas profissionais de toda Europa, cada semana, algo que já chega a mais de 5 milhões de inscritos. (UEFA, 2018)

Seguindo os passos da UEFA, a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) anunciou, no ano de 2014, a implementação, a longo prazo, do plano de desenvolvimentos do futebol feminino no país “revelando começarem já a ver alguns resultados nas seleções jovens e no aumento do entusiasmo em redor do futebol feminino, em especial nas raízes, considerando ser mais aceito pelos pais que as jovens pratiquem a modalidade”, Concluindo ainda o autor (Caldeira, 2018, p. 5-6):

Para além da reestruturação dos campeonatos jovens e seniores, uma das medidas criadas foi a abertura da principal competição nacional a quatro clubes da Liga NOS, principal competição masculina, que foi aproveitado pelo Sporting Clube de Portugal para o retorno da sua equipa de Futebol Feminino. A entrada do Sporting, a par de outros clubes que aceitaram a proposta, deu uma visibilidade diferente à modalidade e logo na época de estreia, ainda em março, a FPF noticiou no seu site que bateu o recorde de atletas federadas com um aumento de cerca de 33% em relação ao período homólogo da época anterior.

E nesse sentido, vão as palavras da Secretária Geral da Associação Francesa de Futebol, Brigitte Henriques:

Mudar o modo de pensar leva um tempo, mas nem todo mundo está pronto para fazer ao mesmo tempo. Assim sendo, temos que convencer e provar todos os dias que o equilíbrio de género é a melhor solução em todas as organizações. É uma garantia de desempenho real (Symposium FIFA, 2015).

Existem ainda autores que acreditam que a base é mesmo o interesse social, variável que traz os aficionados mais próximos das atletas, principalmente em relação a aspetos da identidade, como etnia, raça, religião, regionalismo, devendo, como diz WILLIAMS (2011) desenvolver esse fenómeno em especialidades académicas multidisciplinares, parando assim de ignorar jogadoras, administradoras e treinadoras femininas.

O primeiro Mundial de Futebol Feminino organizado pela FIFA aconteceu no ano de 1991 na China, contudo, relata-se que o interesse em iniciar um processo de organização de mecanismos que obrigassem as associações membros a investirem no futebol feminino iniciou no final da década de 1970 e ao longo dos anos oitenta. Hoje, segundo fontes oficiais da FIFA o jovem Mundial Feminino gira cifras que só são superadas pelo Mundial Masculino e envolve mais de 1.35 milhões de espectadores. (FIFA, 2015)

Tanto a FIFA quanto as associações nacionais de futebol membro, compreendem a história e as batalhas que as mulheres passaram para conquistar seu espaço dentro deste universo tão masculinizado. Portanto, tentam sempre criar um ambiente de conversas e projetos que mirem no futuro e criem oportunidades de equilíbrio com as que possuem seus colegas do futebol masculino (Garton & Hijós, 2018).

Segundo JACOBS (2014), em 2011, o número de mulheres que jogavam futebol no mundo era de 29 milhões, um aumento de um terço em comparação com os anos 2000, números que aumentaram também o crescimento de fãs em nível internacional.

O autor ainda afirma que a FIFA, entre os anos de 2012 e 2015, planeou gastar uma quantia de U\$\$ 44,2 milhões para potencializar o futebol feminino em todo o mundo direcionando suas associações que investissem em governança, treinamento e o desenvolvimento do futebol juvenil – além da modalidade feminina (Jacobs, 2014, p. 521).

O que se observa é que as organizações internacionais vêm, efetivamente, fazendo investimentos já há um bom período de tempo no desenvolvimento do futebol feminino, tal como demonstrado em um dos últimos documentos disponibilizados pela instituição, no ano de 2014 houve um investimento de U\$\$156.624.000, uma média de U\$\$ 905.000 destinado a cada uma das associações membro, que vale lembrar que são seis (Conmebol – Representante da América do Sul, CONCACAF – Representante da América do Norte, América Central e Caribe, UEFA – Representante da Europa, AFC – Representante da Ásia, CAF – Representante da África, OFC- Representante da Oceania). (CIES. Football Observatory, 2014).

Contudo, esses números são pífios quando comparados ao gênero do esporte mais mediático do mundo: o futebol masculino. Assim, Jacobs (2014) analisa os números apresentados pelo relatório do CIES do ano de 2014 – último informativo disponível pela FIFA<sup>6</sup>:

Nas 177 associações membros que integraram o estudo, apenas 10% dos seus colaboradores se dedicam ao Futebol Feminino, sendo ainda menos de 8% na Europa, e destes apenas 52% são em regime de tempo inteiro. Apenas 188 mulheres estavam presentes nos comitês executivos, o que corresponde em média a 8%. Também treinadoras registradas são apenas 7% em média e 4% na Europa. Em um total de praticantes de 4.801.360 a nível mundial, que daria em média

---

<sup>6</sup> <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-women-s-football-survey-2522649.pdf?cloudid=emtgxvp0ibnebltvi3b>, recuperado em 20, fevereiro, 2019

27.126 por associação, registamos que a mediana é de apenas 960. Isto tem a ver com o facto de 91% do total das praticantes de Futebol federadas, serem dos EUA e Canada (47%) e Europa (44%). Quanto às fontes de receitas que são essenciais ao desenvolvimento e sustentação de uma estrutura própria para o Futebol Feminino, podemos ver que apenas 29% das associações tem um patrocinador específico para o Futebol Feminino, 33% tem apoio governamental direto para este fim, mas apenas 12% têm ambos. O preconceito é ainda uma realidade no Futebol Feminino apesar das muitas campanhas que têm vindo a ser desenvolvidas. No estudo 36% encara o futebol feminino como uma grande plataforma de participação mundial e 33% vê como um veículo de desenvolvimento social, ainda existem 31% que entendem o Futebol Feminino como um desporto desafiado culturalmente e 31% que não vê o Futebol como sendo um desporto para mulheres. Estes números são ainda mais alarmantes na Europa onde a percentagem que considera que o Futebol não é um desporto para mulheres sobe para os 47%. (Jacobs, 2014, p. 522-523).

Os organismos públicos do desporto, como a FIFA e as suas associações membro, vêm promovendo políticas com intuito de desenvolverem o futebol feminino através de programas e regras emergentes no quadro de um conceito mercantilista de desporto, marcado pela desejada rentabilidade financeira. Para o triênio de 2015 à 2018, no denominado “FIFA 10”, foi criada metas a serem alcançadas e nesta lista encontramos a determinação de melhorar o marketing e a promoção do futebol feminino, construindo uma marca própria e fortalecida (Garton & Hijós, 2018).

Assim, com os olhos no futuro e com a intenção de fazer com que o futebol feminino ganhe cada vez mais espaço, a FIFA desafiou-se, implementando planos de ação que trouxessem ainda mais modificações em um mercado de oportunidades, riscos e responsabilidades, e segundo o CIES (2014) a principal prioridade das associações nos próximos 10 anos passa por aumentar o número de mulheres e raparigas a jogar futebol.

Nesse sentido, a FIFA, antes da modificação institucional que se deu em 2016, implementou, um ano antes, as “Diretrizes e Programas de Desenvolvimento do Futebol Feminino”<sup>7</sup> para os anos de 2015 à 2018, com a intenção de, a longo prazo, construir uma

---

<sup>7</sup> “Em consonância com nossa missão de desenvolver o futebol, emocionar o mundo e construir um futuro melhor, a FIFA luta para promover a igualdade entre ambos os sexos e o empoderamento das mulheres em todo o mundo. [...] Com a publicação do documento <Diretrizes e programas de desenvolvimento do futebol feminino da FIFA> queremos deixar claro nosso compromisso de ajudar a nossas 209 associações membro a superar e aproveitar o autêntico potencial do futebol feminino para que este cobre impulso”. Joseph Blatter (Presidente FIFA). <https://resources.fifa.com/image/upload/women-s-football-development-programmes-and-guidelines-2015-1018-2439064-2439074.pdf?cloudid=ct5pwry0sd2gcfxkuamz>, recuperado em 20, fevereiro, 2019.

base forte e promissora para que as mulheres pudessem aceder a todos os níveis futebolísticos de continente em continente. (FIFA, 2015)

Desta forma, a instituição internacional cria a missão de “desenvolver o futebol em todos os lugares e para todos” (FIFA, 2016), visando a igualdade e a oferta de um ambiente estável e seguro no qual meninas e mulheres possam desempenhar suas próprias aspirações, construindo uma base forte e promissora para ascensão a todos os níveis futebolísticos em qualquer continente, dando ao futebol ares e trejeitos mais femininos.

Em maio de 2016 o Congresso da FIFA definiu a adoção do Programa de Desenvolvimento Avançado da FIFA (*FIFA Forwards Football Development Programme*), que nada mais é do que um conjunto de ações, ferramentas e mecanismos para o desenvolvimento do futebol ao redor do mundo, baseadas em mais investimento, mais impacto e mais supervisão, incentivando e dando “suporte personalizado para o desenvolvimento do futebol em cada uma das associações e confederações membros” (FIFA).

A intenção deste programa foi criar e modificar os formatos promotores do desenvolvimento do futebol ao redor do mundo, buscando como meta final o desenvolvimento completo até a conquista de um potencial paritário entre as confederações, as modalidades e os géneros, “para que todos que queiram participar, possam fazê-lo sem barreiras” (FIFA), isso porque, a época da implementação do programa, os números apresentados nas associações membro/FIFA, no que tangia, principalmente, aos investimentos, eram as seguintes:

Tabela 2: Investimento das confederações da FIFA no futebol feminino (2014).

	Investimento anual total (USD)	Promedio por AM (USD)	Media por AM (USD)
AFC	22.054.000	648.600	175.000
CAF	11.600.000	263.400	37.500
CONCACAF	20.024.000	690.500	75.000
CONMEBOL	2.462.000	370.750	275.000
OFC	1.371.000	152.300	40.000
UEFA	99.113.000	2.022.700	880.555

Fonte: FIFA.

Para manter todas as informações em um instrumento só, a Federação Internacional de Futebol criou o “FIFA 2.0: A visão para o futuro”<sup>8</sup>, um material explicativo a ideia dos novos modelos de investimentos a fim de fortalecer e desenvolver as instituições ligadas ao ente internacional criando um caminho que passa por projetos sociais, fomento dos jovens no futebol e claro, desenvolvimento em larga escala do futebol feminino (FIFA, 2016):

O FIFA Forward alcançou alguns resultados de desenvolvimento impressionantes, com associações financeiras apoiadas financeiramente em suas operações diárias, mas também no estabelecimento de novas metas estratégicas de longo prazo e na implementação de projetos de desenvolvimento feitos sob medida para fornecer infra-estrutura de futebol, competições, promoções e avanços para o futebol. Mais da metade das associações afiliadas à FIFA, aquelas com capacidade financeira mais limitada, foram capazes de equipar adequadamente suas equipas nacionais de jovens e mulheres e participar de inúmeras competições e torneios internacionais com o apoio de fundos Solidários para viagens e equipamentos (FIFA, 2016).

Os investimentos nesse período de 2016-2018 foi de aproximadamente US\$ 1.078 bilhões e a instituição internacional prepara um orçamento de US\$ 1.746 bilhões para o período de 2019-2022, um investimento de aproximadamente 20% de acréscimo nos fundos destinados anualmente as 211 federações membros e claro, as seis confederações, englobando aumento de valores para respaldar necessidades operacionais e projetos de desenvolvimento, além dos valores para gastos com viagens e equipamentos, organização de competições femininas, além de competições de fomento do desporto na modalidade infantil (FIFA, 2018).

A página eletrônica da Federação Internacional de Futebol<sup>9</sup> traz todos os investimentos em projetos que ao longo destes últimos anos o que foi considerado como peça chave para o fomento e desenvolvimento do futebol feminino ao redor do mundo, incentivando as associações e difundindo seu trabalho para inspirar outros segmentos desportivos a investir na modalidade feminina.

Na América Latina não é diferente. A Confederação Sul-Americana de Futebol – Conmebol, afim de desenvolver o futebol feminino no território que a compete, decidiu, no ano de 2016, por implementar em seu Regulamento de Licenças de Clubes, o

---

<sup>8</sup>[https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/84/35/01/FIFA\\_2.0\\_Vision\\_LOW\\_neu.17102016\\_Neutral.pdf](https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/84/35/01/FIFA_2.0_Vision_LOW_neu.17102016_Neutral.pdf), recuperado em 20, fevereiro, 2019.

<sup>9</sup> <https://www.fifa.com>, recuperado em 20, dezembro, 2018.

investimento no futebol feminino como um dos requisitos – além de outros quatro – para a liberação da Licença e participação em competições realizadas pela entidade.<sup>10</sup>

O regulamento aprovado no ano de 2016 teve como prazo para entrar em vigência o ano de 2018, sendo que todas as equipas masculinas que participaram do último campeonato continental já estavam obrigadas a terem uma equipa feminina em seus quadros (CONMEBOL, 2018). Assim, como salienta MENTZ (2018, p. 7):

Em regulamento definido recentemente pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), os clubes de futebol que não apresentarem a formação de uma equipe feminina até 2019, não poderão disputar a Copa Libertadores da América, principal competição do continente. Mesmo que os clubes já saibam dessa mudança, menos da metade das equipas que disputam a Série A na modalidade masculina, estão participando do Campeonato Brasileiro Feminino<sup>1</sup>. Esse dado pode dar a ideia de que o futebol feminino é um esporte recente no Brasil, no entanto, a presença das mulheres no futebol é simultânea ao início da prática da modalidade no país.

A autora conclui dizendo que até o ano de 2018, mesmo as equipas que jogavam a série A brasileira sabendo das obrigações que deveriam seguir, menos da metade desses clubes participavam do Campeonato Brasileiro Feminino, contudo, para o Campeonato de 2019 as informações de modificam, sendo que 100% das entidades participam.<sup>11</sup>

Ao que parece, o universo do futebol desde sua origem, até os dias atuais é um espaço eminentemente masculino. Basta uma pequena comparação numérica e facilmente constatamos isso, segundo dados recentes da Confederação Brasileira de Futebol, o país tem cerca de 400 mil jogadoras, número inexpressivo frente aos jogadores profissionais, ou então as 12 milhões de atletas que pisam os gramados norte-americanos (<http://www.cbf.com.br/>). Falar de futebol feminino no país historicamente conhecido como o país do futebol, a despeito dos avanços, ainda é um grande desafio, realidade que nosso estudo acaba por corroborar. (Silveira, Carneiro & Silva, 2016, p. 2)

## **2.3 O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL**

### **2.3.1 Compreensão Histórica da Implementação do Futebol Feminino no Brasil**

---

<sup>10</sup> <http://www.conmebol.com/pt-br/regulamento-de-licencas-de-clubes-foi-aprovado>, recuperado em 20, fevereiro, 2019.

<sup>11</sup> <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino>, recuperado em 16, junho, 2019.

O futebol está profundamente enraizado na cultura brasileira, possuindo um patamar considerável no imaginário de seu povo, pois, assim que começou a ganhar adeptos tornou-se uma “epidemia”, de torcedores a jogadores, indiferente da faixa etária, salarial, grau de instrução, dos que vão a pé ou de autocarro lotado, legítima paixão nacional. Segundo MOURA (2005, p.5):

O futebol brasileiro tem se constituído, ao mesmo tempo, em expressão da sociedade brasileira e em um modelo para ela, espelhando toda a sua dinâmica, com todas as contradições e todas as riquezas nela presentes. Sem dúvida, o futebol constitui-se numa das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores.

BUENO JR. e CARVALHO (2012, p. 96) lembram que é fascinante perceber como o futebol é tão presente na cultura esportiva brasileira, sendo que “quase toda criança ao nascer recebe um nome, uma religião e um time de futebol” (Bueno Jr e Carvalho, 2012, p. 96), os quais ainda acrescentam:

É interessante também observar como os brasileiros associam os acontecimentos do futebol aos seus sentimentos: vitória é alegria, derrota é tristeza; a luta por um título é esperança, perder de goleada é humilhação; o gol é o momento de prazer, o “frango” do goleiro é vergonha; torcer mesmo quando se perde é fidelidade, suportar gozações é paixão.

E toda essa paixão exaltada pelo brasileiro e pela sua alcunha de “país do futebol” mascara um privilégio que é dado ao género masculino, “pois no processo de tradução, interpretação, incorporação do futebol em terras brasileiras as mulheres ficaram um pouco de lado”, tendo uma incorporação lenta e tardia das mulheres nesse universo pautado por desconfiança e um certo estranhamento (Magalhães, 2008, p. 21).

À semelhança do que aconteceu na Europa, tal modalidade, em seu nascimento, era destinada aos viris homens, que com sua força e altivez travam grandes confrontos dentro das quatro linhas. Se em países do chamado “mundo desenvolvido” já houve uma clara barreira para as mulheres adentrarem ao campo em solo brasileiro, não foi e, muito talvez, não é (no presente) diferente, assim como expressa SILVEIRA, CARNEIRO e SILVA (2016, p. 2):

Tal constatação fica ainda mais evidente, quando se observa e adentra determinados conteúdos historicamente construídos e hegemonicamente de domínio masculino, como por exemplo o caso do futebol, assunto que engendrou nosso estudo. Ora, em alguma medida associamos (ou vinculamos) o futebol a identidade nacional, como elemento aglutinador de nação, todavia, ao que tudo

indica esquecemos de incluir a mulher dentro do país do futebol, estranhamente a presença feminina dentro e fora das quatro linhas ainda é inexpressiva.

E quando se fala nessa atualização e ressignificação de atores, com certeza estamos diante do protagonismo feminino e do futebol feminino que “não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas, assim como no masculino, não é apenas uma manifestação lúdica do homem e da mulher, nem tão pouco o ópio do povo, como preferem alguns” (Magalhães, 2008, p. 36). É mais que isso: o futebol, para as mulheres, foi uma das formas de expressão das características emocionais profundas guardada por décadas (Magalhães, 2008, p. 36).

Para compreender melhor o desenvolvimento do futebol feminino em solo brasileiro, é necessário perceber como se deu o envolvimento da mulher brasileira com o futebol nos seus primórdios. Importa recordar que esse desporto no Brasil passou a ser conhecido e efetivamente praticado no final do século XIX, chegando de forma tímida, mas que com o passar dos anos ganhou à frente dos desportos praticados pela população brasileira, fazendo com que os tradicionais clubes de regatas tornassem-se os grandes clubes de futebol de hoje em dia (Silveira, Carneiro & Silva, 2016).

Na virada do século XIX para o século XX, o Brasil, a reflexo da Europa, passou a dar mais importância ao desporto. Até então, a elite brasileira via o esforço físico como algo inapropriado ou destinado apenas para classes sociais de baixa renda, mas como sua introdução foi pautada pelo ato de representar uma vida mais saudável, advindo de um ideal burguês europeu, a adesão ao desporto foi algo expressivo, gerando a modernização deste conceito no território brasileiro, trazendo grandes transformações na vida urbana local (Prodanov & Maronez, 2015).

O século XX serviu como marco para o futebol brasileiro, ante a inegável elevação cultural do desporto, eis que se popularizou de tal forma que mesmo nascendo como atividade elitizada, tornou-se o desporto nacional mais praticado, passando assim, a estar no dia a dia de “toda população brasileira mediante um sistema de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas, de modo algum desarticulado de outros aspectos sociais e culturais” (Freitas Jr. & Gabriel, 2018, p.2).

A sua incorporação a cultura nacional foi dinâmica, transcendendo a concepção do desporto elitista e passou a vislumbrar-se um nicho de negócio e espetáculo e nas palavras de MÁXIMO (1999, p. 183):



O futebol afirmou-se como um dos mais importantes elementos da formação da identidade nacional, fazendo parte do cotidiano de todos os estratos sociais. Em suas distintas fases o futebol acompanha e, em alguns momentos, participa de maneira privilegiada dos processos históricos verificados na sociedade brasileira. Inicia como elemento de uma pequena elite; torna-se paixão popular integradora; vira profissão, caminho de afirmação nacional e também um negócio milionário e global dentro do qual o Brasil representa importante papel.

Com a busca pela prática do futebol, os núcleos sociais passaram a formar os clubes de futebol no Brasil, dando assim, uma nova dinâmica aos procedimentos, aos ideais, às formas de representar, além claro, de transformar econômica e politicamente a sociedade brasileira (Prodanov & Maronez, 2015).

Ante essas informações, é fácil perceber que o futebol ganhou espaço no seio da burguesia brasileira, manteve-se como desporto de elite entre a década de 1920 até o princípio da década de 1930. Com tímidas aparições do futebol feminino e entre controvertidos discursos que se posicionavam de forma negativa a prática desportiva pelas mulheres, a profissão de jogador de futebol ia sendo implementada e o futebol brasileiro passando a ser uma prática popular e menos racista (Rigo, 2008).

Gomes (1996), lembra que a literatura historiográfica tem vasta produção no sentido de explicar as fundamentais transformações pelas quais o país passou nesse período, dando conta, entre outras questões, da inclusão das “massas” no cenário político.

É interessante a construção histórica feita por PISANI (2015, p. 338-339) quando essa explana a visão dada ao espaço que a mulher deveria ocupar naquela época, bem como a reação da população que acompanhava as pequenas aparições femininas dentro de campo:

As mulheres sempre foram colocadas à margem na produção histórica sobre o futebol brasileiro. Até o ano de 1920, quando apareciam nas crônicas esportivas e colunas sociais, eram retratadas como meras espectadoras que traziam beleza e charme para as arquibancadas. No ano de 1921, os jornais do país noticiaram – não sem algum assombro – a primeira partida de futebol disputada por mulheres. À época elas foram chamadas de audaciosas e intrépidas, e a partida, por sua vez, foi motivo de chacota e desconfiança do grande público brasileiro. No ano de 1941, sob o pretexto de preservar a saúde reprodutiva dessas mulheres, o Conselho Nacional de Desportos decretou que alguns esportes não seriam compatíveis com a natureza feminina. Acreditava-se que a prática do futebol colocaria em risco a integridade física das mulheres brasileiras: uma forte pancada no baixo ventre poderia torná-las inférteis, comprometendo a maternidade. Dessa forma, até 1979, as mulheres foram proibidas por lei de jogar futebol. No ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) estabeleceu que, para que uma atleta pudesse participar

de campeonatos, precisaria apresentar signos de feminilidade: cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas, uniformes mais curtos e justos.

As mulheres, nessa época, eram desejadas nas arquibancadas, visto o período machista e moralista vivido nos anos de 1800-1900, as que entravam em campo eram consideradas seres corajosos, isso porque, o estereótipo de delicadeza e fragilidade lhes encaminhava apenas para desportos de menos contatos, por acreditar que a violência empregada no futebol, tirariam o destino final de sua existência: a maternidade (Ventura & Hirota, 2007).

Para alguns estudiosos essa história teve mesmo uma base biológica, isso porque, desde os períodos de proibição até as reportagens esportivas atuais, que prezam a beleza das jogadoras em detrimento da sua habilidade técnica, os corpos das jogadoras foram marcados com expectativas que expressam o papel da mulher dentro da sociedade (Mentz, 2018, p. 20).

Nesse sentido, é interessante o apontamento de SILVEIRA, CARNEIRO e SILVA (2016, p. 10) uma vez que afirmam que:

É sobre a natureza biológica das mulheres que se constrói o mito da fragilidade feminina e é também neste processo de proibições e recomendações para os sexos que o território do esporte se constitui. Os corpos e as imagens de algumas atletas rompem com esses padrões de feminilidade, fundamentalmente por suas aparências. O “ser feminina” quer dizer que a mulher é frequentemente reduzida a ser percebida como tal.

Em razão de todo esse olhar sob as mulheres que pode-se dizer que, a resistência com o futebol feminino no Brasil não é algo que acontece somente nos dias atuais, e sim que o cenário de hoje é um claro reflexo da história que há por trás de uma luta que começou na década de 1920, quando as mulheres brasileiras iniciaram sua busca pelo direito de jogar futebol, o que ocorreu mais precisamente na cidade de São Paulo, onde o pontapé desse desporto foi dado através do jogo entre Senhoritas Tremembenses contra Senhoritas Cantareirenses (Costa, 2018).

Muitos estudiosos apontam esse jogo entre as Senhoritas Paulistas, representantes de dois bairros do estado de São Paulo, como o início do futebol feminino no Brasil. Porém, a partida foi vista pelos media como comédia, o que, para COSTA (2016, p. 381) é o resultado dos olhares machistas que refletiam a sociedade patriarcal existente a época (além, claro, de refletir a pouca estrutura e investimento) no futebol para mulheres.

E assim, percebe-se em uma curta análise as determinantes do desenvolvimento do futebol feminino, eis que os meios de comunicação - mecanismo de criar conceitos e compreensão sob alguns assuntos - utilizaram-se de seus espaços formadores de opiniões para ridicularizar essas pioneiras, os olhares machistas demonstraram o pré conceito que existia e, ainda se demonstra nos dias atuais, além da pouca estrutura e do baixíssimo investimento, dando base para perceber que qualquer passo que fosse dado depois disso, se tornaria algo difícil e moroso – como se reflete nos dias de hoje.

Não bastando toda a atmosfera limitante e preconceituosa que já existia a época, vale ressaltar que, em momentos da história do Brasil, houveram governantes (Como o presidente Getúlio Vargas) que ousaram criar padrões de proibição e diminuição do sexo feminino propondo manter as desportistas longe do futebol – uma vez que deveria ser considerado um esporte exclusivamente masculino – criando impensadas legislações, freando e postergando ainda mais o desenvolvimento da modalidade feminina, assim como se aponta nas próximas linhas.

A medida que o futebol feminino ia ganhando espaço, ia ganhando também diversos questionamentos, condenando a sua prática pelas mulheres, embasando seus relatos em claras visões preconceituosas, contribuindo para que no ano de 1941, o então presidente da República brasileira, proibisse oficialmente a prática do futebol feminino e outras modalidades desportivas, por toda a extensão territorial brasileira, passou-se a não ser mais: “[...] permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo, baseball”<sup>12</sup> (Costa, 2016, p. 381).

Esse fato acontece dentro do Estado Novo, primeiro Governo da era Getúlio Vargas que durou da década de 1930 até 1945 e foi um governo que gerou grandes avanços trabalhistas para a população e instituiu diversas leis, aumentando assim a

---

<sup>12</sup> C.f. LEX 1965- XXIX. Junho a setembro. Legislação Federal\* Marginalia: Baixa instruções de Desportos no uso das atribuições que lhe são conferidos pelos dispostos nos artigos 1º e 3º do Decreto-Lei nº 3.199(\*), de 11 de abril de 1941, e em cumprimento a determinação contida no artigo 54 do citado Decreto-Lei delibera: 1. [...] Não é permitido a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball. [...] 2. [...] No caso de desportos que não seja dirigido por entidade internacional, o dirigente no Brasil deverá solicitar ao CND a devida autorização para que possa ser praticada pelas mulheres. Revogam-se as disposições em contrário. Sala das Sessões, 2 de agosto de 1965 – General Eloy Massey Oliveira de Menezes, Presidente ( D.O de 2- 9-1965, p. 8 – 984).  
Deliberação- CND- N° 7/65. N° 1)  
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=194093>, recuperado em 25, fevereiro, 2019.

urbanização, eis que muitos passaram a migrar das zonas rurais para as zonas urbanas atrás de empregos e melhores condições de vida (Costa, 2018).

Foi nesse momento que o futebol masculino passava a ganhar seu status de profissional “com a ideologia trabalhista em voga e uma ânsia por regulamentar o trabalho e até mesmo os direitos trabalhistas. Era coerente transformar também o jogador de futebol em trabalhador” (Haag, 2018, p. 157).

Depois de efetivamente válido, o decreto faz com que as mulheres da época se sentissem deslocadas ao praticar alguma atividade física perante a sociedade, causado não só pela instauração da lei, mas também por tantas indicações médicas de que o futebol não deveria ser praticado pelo sexo feminino, interrompendo essa história por quase 40 anos, onde sonhos foram descartados (Costa, 2018).

Na época imperial a prática da educação física também era proibida para as meninas, o que era apoiado pela opinião pública e pelas próprias famílias, que compreendiam que o ato de exercitar poderia diminuir a feminilidade das meninas. Tal percepção fica ainda mais relevante quando associada a seguinte informação trazida por VENTURA e HIROTA (2007, p. 158):

Especialistas médicos da época desaprovavam a prática do futebol, argumentando que representava um esporte incompatível com a delicada fisiologia da mulher, que comprometia sua saúde e órgãos reprodutores, além de propiciar um anti-estético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, deixando-as com pernas mais grossas e masculinizadas.

Em verdade, havia desportos pensados para as mulheres, como por exemplo no modelo de eugenia da raça, dos anos 30, onde as mulheres eram “estimuladas a participar de certos tipos de esporte que assegurassem boa saúde e disposição” buscando formar reprodutoras mais fortes, além de:

Assegurar a prática esportiva representou, por outro lado, a circunscrição de certas práticas legitimamente femininas, como o vôlei, a dança, a ginástica. Logicamente, este quadro suscitou o reconhecimento dos esportes vigorosos como exclusivos dos homens, considerados naturalmente aptos para realizar esforço que exigem vigor físico (Teixeira & Caminha, 2013, p.274).

Para FRANZINI (2005), o discurso moralista era para manter a submissão feminina, não tendo, necessariamente, a ver com a prática do futebol, mas sim com a maior possibilidade de expressão e contato com o público pelas mulheres.

Sendo assim, as mulheres eram “liberadas” para a prática de atividades desportivas no início do século XX. Ocorre que, mesmo com a liberação dos entes públicos brasileiros para que os “pés das mulheres pudesse driblar, dar trivelas, defender a zaga, chutarem em gol” a FIFA reconhecia apenas os homens como jogadores profissionais de futebol e como as Confederações eram obrigadas a seguir suas normativas, também não podiam liberar a prática feminina sem o aval de seu ente superior. “Como a FIFA não tinha normas, a CBF era obrigada a respeitar e fazer com que as federações e associações de todo o país respeitassem também”, sustenta MAGALHÃES (2008, p. 11).

O estereótipo de ser frágil, que amparou toda essa contrariedade a prática desportiva por parte das mulheres, desacreditando-a e posicionando-a como algo agressivo demais para as delicadas desportistas:

Hoje, passado mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo "coisa de homem", lembremos; ao mesmo tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. Seja como for, para todas elas o país do futebol assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais, um lugar de exílio (Franzini, 2005, p. 325).

Mas, com o passar do tempo e o encerramento desses ciclos, iniciaram as transformações políticas que vivia a nação brasileira e, com isso, iniciaram também as modificações e os olhares sob as mulheres.

Este período foi primordial para que o futebol deixasse de ser apenas um passatempo burguês e começasse a cair nas graças das classes mais populares, sendo também importante para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, possibilitando que a procura, o investimento e a prática do desporto tomasse alguma proporção.

COSTA (2016) ainda afirma que depois destes altos e baixos, e todos os desestímulos para a prática do futebol por parte das mulheres, após a revogação da lei, começaram a aparecer alguns departamentos femininos dentro de alguns clubes brasileiros.

Interessante notarmos que mesmo com a revogação do Decreto-Lei 3.199/41 no ano de 1979, uma espécie de “contrato social implícito”<sup>10</sup> acerca da participação das mulheres no esporte ainda situava seus corpos como alvos de tensões e polêmicas. Essa movimentação social, por sua vez, indica que nem sempre

mudanças operadas no âmbito legislativo implicam, de fato, em mudanças no espaço social mais amplo, de modo que o “reposicionamento” legal da mulher frente aos esportes que “feriam sua essência” não significou a quebra imediata de tabus, mitos e preconceitos direcionados histórica e socialmente em relação a esse grupo (Salvini, Souza & Marchi Jr., 2015, p. 559-560).

Assim, levando em consideração todo esse histórico de exclusão das mulheres no futebol brasileiro, eis que “oficialmente legalizado nos anos 1940 com o Decreto que proibia a prática e atualmente ilustrado, dentre outras coisas, pela falta de incentivo, os fatos ocorridos nos bastidores geraram e ainda continuam gerando algumas polêmicas vinculadas à sexualidade das atletas”. Fica difícil omitir-se que, desde os primórdios desta busca pela motricidade feminina, as mulheres foram sempre questionadas com base na sexualidade (Salvini, Souza & Marchi Jr., 2015, p. 566).

Os esportes e a Educação Física tornaram-se poderosos instrumentos de melhoria da “raça” brasileira, surgindo como mecanismos de intervenção na educação da população no sentido de aperfeiçoamento dos corpos para que fossem saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida moderna. O esporte representava os valores da sociedade moderna, estabelecendo hierarquias e preservando os papéis sociais para um e para outro sexo. Segundo o eugenismo em voga, os esportes e os exercícios físicos seriam fundamentais para a preservação da higiene social e da ordem pública, de forma que as mulheres se tornariam mais “fortes” para sua mais nobre missão, a maternidade. O discurso higienista contribuiu, de certa forma, para tirar a mulher da segregação em relação ao esporte, com o argumento de que, sendo ela saudável, geraria filhos mais fortes para a nação. A mulher serviria como um meio de fortalecimento individual e social (Silveira, Carneiro & Silva, 2016, p. 8).

Foi então, nos anos 80 que o subcampo futebolístico feminino passado por seu processo de reestruturação, com a legislação que outrora proibia a prática do futebol pelas mulheres, já não estando mais em voga, impulsiona a estruturação de instituições, de competições e de equipas, sobretudo no Rio de Janeiro (RJ) (Freitas Jr. & Gabriel, 2018, p. 15-16).

Toda essa redemocratização e momentos marcantes na história do país como as eleições gerais, os movimentos de diretas já e de intuito constitucional, com o nascimento de várias instituições que buscavam proteger e exaltar as minorias, foi então que o “movimento feminista tomou novos rumos e uma das bandeiras utilizadas era a mulher no futebol como conquista a ser ampliada. Foram realizados vários Congressos que defendiam a idéia da mulher poder praticar diversos esportes entre eles o futebol” (Magalhães, 2008, p. 22). Nesse sentido a autor ainda revela:

As mulheres esperavam romper as inúmeras dificuldades existentes nos meios desportivos. Nesse sentido, a luta pela democratização das relações de gênero persistiu e com a Constituição Federal de 1988 a mulher conquistou a igualdade jurídica, pois esta consagrou conquistas importantes no campo dos direitos da mulher. “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (Art. 5º, I).” Apesar de todas essas mudanças, pode-se dizer que a mulher ainda se via presa a uma série de valores construídos no interior da sociedade, passando gradativamente por transformações na área profissional (trabalhando em profissões que antes só era permitido aos homens como: motorista, operário, mecânico, etc.), no setor pessoal, a busca da sua liberdade de expressão, o direito à separação do esposo, a ter outros relacionamentos, cuidar da casa e dos filhos sozinha, criação de delegacia para mulheres para o combate à violência contra mulher, etc. Neste momento a mulher sai à rua cada vez mais para trabalhar, dividindo as contas com o marido, assumindo sozinhas responsabilidades cada vez maiores (p. 23).

No início da década de 1990, mesmo com o apoio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o futebol feminino, agora já com a profissão regulamentada, teve uma considerável baixa principalmente nos campeonatos estaduais. É nessa época que a FIFA lança a primeira Copa do Mundo Feminina e a Confederação para ser representada nos jogos “recruta jogadoras do já extinto Esporte Clube Radar para endossar a equipe que defenderia o Brasil. Nesse evento, o Brasil foi eliminado na primeira fase, classificando-se em 9.º no quadro geral” (Salvini & Marchi Jr., 2016, p.105).

Após este início, alguns jogos começaram a proliferar em solo brasileiro, e pararam de se limitar apenas a elite, passando a invadir os subúrbios das grandes cidades e, com isto, foram fundadas equipas populares com números avantajados de atletas e torcedores. Na época, os clubes que estavam sendo fundados eram clubes de bairros, como o Primavera F.C, S.C.Brasileiro, Casino de Realengo (Moura, 2005).

Essa ressurreição do futebol feminino nacional teve início com a fundação de pequenos clubes de bairros, de praias e de menor expressão, destacando-se entidades como o Esporte Clube Radar, um clube de praia de Copacabana, foi fundado em 1932 e em 1981 passou a investir na criação de uma equipa feminina. Inicialmente jogando nas quadras, depois na areia e finalmente no campo, onde teve maior êxito e foi considerado o mais importante clube de futebol feminino:

O Esporte Clube Radar teve sua importância no cenário nacional, pois nunca perdeu uma Taça Brasil, o que seria referente ao título mais importante da época. Além de ter ganhado diversas partidas internacionais. Um dos momentos mais marcantes para o Radar aconteceu no ano de 1988, pois o time serviu de base para representar a seleção brasileira no primeiro torneio mundial de futebol feminino realizado na China. Durante toda a década de 1980, não havia uma seleção brasileira oficial, fato

que fez com que o clube do Rio de Janeiro servisse de base para representar o país no campeonato. Com esta base de jogadoras da equipe do Radar e mais atletas do estado da Bahia e de São Paulo, o Brasil conquistou a medalha de bronze nesse mundialito (Costa, 2018, p. 230-231).

DARIDO (2002) também exalta que o Esporte Clube Radar foi o responsável por dar repercussão ao futebol feminino a partir dos anos de 1981, a equipa que conquistou diversos títulos nacionais e internacionais impulsionou a criação de outros times e a criação de campeonatos femininos. Esse crescimento da prática desportiva pelas mulheres levou a federação brasileira a reconhecer o futebol feminino oficialmente no ano de 1983 através do Diário Oficial da União:

No dia 25 de março de 1983, conforme a deliberação do Conselho Nacional de Desportos nº 01/83 é oficializado a prática do futebol feminino no Brasil, no uso das atribuições que lhes foram conferidas pela lei nº 6.251, de 08 de outubro de 1975 e pelo Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977, considerando o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar o futebol de campo; considerando que no exterior, principalmente na Europa, na área da jurisdição da UEFA, já existia regulamento próprio para a prática de futebol feminino. Dessa forma foram criadas normas básicas que deverão reger a prática do futebol no país pelas mulheres. Dentre as normas podemos destacar a intenção de preservar e protegê-las (Magalhães, 2008, p. 13-14).

Para RIGO (2008), o estado do Rio Grande do Sul é considerado um dos pioneiros no fomento do futebol feminino no Brasil. Na década de 1950 surgiam as equipas O Vila Hilda F.C e Corinthians F.C., na cidade de Pelotas, mas com pouca expressividade eis que apresentado em meio a Lei 3.199/41 que proibia a prática do futebol para as mulheres.

Sucedo que a liberação veio acompanhada de regras rígidas e diferenciadas, tais como o tempo de jogo ser menor que o masculino, a bola ser mais leve, o campo ter menor dimensão e o facto de não sendo permitido realizar partidas contra equipas masculinas, entre outras (Magalhães, 2008, p. 14-15).

Alguns estudiosos defendem a tese de que o desporto é algo criado por homens para homens, mas também não se contrapões no sentido de que as mulheres, muito rapidamente, ganharam espaço e mercado dentro deste universo e “em muitos esportes, as competições para mulheres, em nível de elite mundial, como os jogos olímpicos, ou até mesmo a copa feminina de futebol, são tão prestigiadas quanto as competições masculinas e têm o mesmo interesse” (Santos, Silva, & Hirota, 2008, p. 122).

E foi assim, com o passar dos anos, que o futebol feminino, passou a ocupar seu espaço e ganhar status dentro de grandes competições. Isso porque, a partir do ano de



1991 grandes torneios tiveram suas primeiras realizações, tal como o 1.º Campeonato Sul Americano de Futebol de Campo, onde o Brasil foi campeão e o 1.º Campeonato Mundial de Futebol de Campo realizado pela FIFA na China, onde o Brasil ficou em 9º lugar (Darido, 2002).

ANJOS, RAMOS e JORAS (2017) relembram que a participação brasileira foi muito elogiada, cogitando-se o ouro para a suas raparigas:

A tristeza reina naqueles que sabiam que o ouro era merecido para as brasileiras por conhecerem a garra e o futebol das nossas jogadoras. A decepção de verdade surge em direção a mídia através da TV, que em poucos dias já faz desse time, uma seleção de futebol feminina esquecida, um futebol feminino devolvido às sombras. A verdade, no caso do futebol feminino, é que esse quarto lugar foi uma batalha de poucos e não de uma nação. Além das jogadoras, de sua equipe toda, sabemos que existe estudiosos, ex-jogadoras e pessoas que conhecem a história desse esporte e estão lutando também do lado de fora dos gramados por mais valorização através de diversos apoios e investimentos a longo prazo e desde gerações mais novas. A torcida precisa se multiplicar para campeonatos menores também (p.37).

### 2.3.2 As Políticas Públicas de Desenvolvimento do Futebol Feminino no Brasil

Com o passar dos anos e ante os altos e baixos da modalidade feminina de futebol no Brasil, os entes públicos começaram a perceber a necessidade de sua participação e intervenção para o fomento e desenvolvimento do futebol para as mulheres.

Vale destacar que nos primórdios do ano de 1989, a CBF já falava em regulamentar a profissão de jogadora de futebol (eis que a época, apenas a masculina era regulamentada), isso porque a modalidade já vinha ganhando força em território brasileiro, graças aos bons desempenhos da Seleção Brasileira em eventos internacionais (Magalhães, 2008).

Ao continuar, a autora destaca o aparecimento da mulher brasileira em novos espaços e atividades e afirma que:

A incorporação da mulher, especificamente em relação ao futebol, apesar de algumas dificuldades tem possibilidade, de ampliar o seu domínio. É importante perceber que apesar da mulher buscar a sua igualdade jurídica, melhores condições de vida, ocupar um lugar visível na sociedade; esta mulher há muito já vinha burlando as proibições a fim de atingir os seus propósitos (p. 21-22).

No ano de 2015, a CBF divulgou que o projeto e os demais custos no futebol feminino no ano de 2015 totalizam um investimento de R\$ 5 milhões, quantia essa, muito superior do que vinha sendo capitalizado em anos anteriores, conduto irrisória, quando confrontado com os valores disponibilizados ao futebol masculino ou em relação ao montante faturada pela Confederação no ano de 2014, que superou os R\$ 451 milhões e investiu nas mulheres no ano seguinte um pouco 1% do faturamento (Anjos, Ramos & Joras, 2017).

Atualmente, existem, no Brasil, duas ligas de futebol feminino a Série A1 e a Série A2 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Ambas as séries são organizadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sendo que a Série A1 em 2019 está indo para sua sétima edição e a A2 para a terceira (CBF, 2018).

A série A1 segue o seguinte formato: Primeira fase: 16 clubes jogaram todos contra todos em turno único; Segunda Fase (quartas-de-final): oito clubes distribuídos em quatro grupos de dois clubes cada; Terceira fase (semifinal): quatro clubes distribuídos em dois grupos de dois clubes cada; Quarta fase (final): em um grupo de dois clubes, de onde sairá o campeão (CBF, 2018).

Além do Campeonato Brasileiro, a CBF tem como competições oficiais a Copa do Brasil e alguns campeonatos estaduais, com calendário esportivo regular – mesmo que curto – a fim de manter as atletas em treinamento e ritmo de jogo. Contudo, o investimento no futebol de base feminino não é tão presente, eis que mesmo havendo algumas competições de base entre seleções, em território brasileiro a CBF não promove nenhum campeonato abaixo da categoria sub-20:

Não à toa, entre as equipes que disputaram o Campeonato Brasileiro adulto de 2016 apenas três possuem a categoria sub-17: o Centro Olímpico, o Corinthians e a Ferroviária, todos do estado de São Paulo. Na lista de convocadas para o mundial publicada no site da CBF não consta o clube de onde vêm as atletas, dificultando a confirmação se todas as 20 treinam em algum desses três clubes, ou se algumas treinam entre categorias superiores ou até mesmo não estão vinculadas a nenhum clube. No site da entidade você pode conferir a lista completa (Anjos, Ramos & Joras, 2017, p. 40).

Em suma, no Brasil, o avanço no futebol feminino está fortemente ligado as políticas públicas e institucionais e com o passar dos anos, os governantes foram atentando para o desporto, mas mesmo assim, um dos poucos incentivos oferecidos pelo governo é

a Lei De Incentivo Ao Esporte<sup>13</sup>, criada para viabilizar recursos financeiros do setor privado para equipes e atletas que se enquadrem em seus requisitos além do PROFUT<sup>14</sup> no entanto, normalmente não são suficientes para manter todos os times nos campeonatos mais regionalizados, fazendo com que as atletas dependam de um segundo emprego ou ainda do apoio financeiro de seus familiares. Diferente disso, alguns estados brasileiros são abraçados por Associações locais que objetivam desenvolver o futebol feminino “zelando pelos interesses de seus associados, bem como o aperfeiçoando e massificando sua prática” (AGFF, 2017) (Costa, 2018, p. 232).

Assim, ao falarmos de políticas públicas ou então, da participação governamental no futebol brasileiro, vale evidenciar a Medida Provisória 671/2015, hoje Lei 13.155/2015 criada com o intuito de modernizar a gestão desportiva e criar responsabilidade fiscal ao futebol brasileiro, dando a possibilidade de as entidades desportivas negociarem suas dívidas fiscais com a União, desde que cumprindo um conjunto de requisitos pré-definidos, “entre essas condições, encontram-se medidas que objetivam instituir uma gestão democrática, transparente e financeiramente equilibrada, além da obrigação de investimento no futebol de base e no futebol feminino”(Anjos, Ramos & Joras, 2017, p. 10). Os autores ainda destacam que:

Desde que foi anunciada, uma série de dirigentes, jornalistas, e políticos da famosa bancada da bola já se manifestaram contra a medida, e entre outras coisas no item que diz respeito ao investimento no futebol das mulheres. Mesmo com o valor do investimento ainda não tendo sido estipulado, os clubes com apoio da CBF têm defendido que suas instituições devem visar o lucro e que, por isso, o investimento nas mulheres é inviável. Contudo, Dilma Rousseff declarou ter assumido um

---

<sup>13</sup> Lei n.º 11.438/06 – Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências: Sancionada em dezembro de 2006, a Lei de Incentivo ao Esporte é um importante instrumento para o setor. Ela estimula pessoas e empresas a patrocinar e fazer doações para projetos esportivos e paradesportivos, em troca de incentivos fiscais. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11438.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11438.htm), recuperado em 25, fevereiro, 2019.

<sup>14</sup> Lei n.º 13.155/15 - Estabelece princípios e práticas de responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades desportivas profissionais de futebol; institui parcelamentos especiais para recuperação de dívidas pela União, cria a Autoridade Pública de Governança do Futebol - APFUT; dispõe sobre a gestão temerária no âmbito das entidades desportivas profissionais; cria a Loteria Exclusiva - LOTEEX; altera as Leis n.ºs 9.615, de 24 de março de 1998, 8.212, de 24 de julho de 1991, 10.671, de 15 de maio de 2003, 10.891, de 9 de julho de 2004, 11.345, de 14 de setembro de 2006, e 11.438, de 29 de dezembro de 2006, e os Decretos-Leis n.ºs 3.688, de 3 de outubro de 1941, e 204, de 27 de fevereiro de 1967; revoga a Medida Provisória nº 669, de 26 de fevereiro de 2015; cria programa de iniciação esportiva escolar; e dá outras providências: Cria um programa de modernização da gestão e de responsabilidades fiscal para os clubes brasileiros. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm), recuperado em 25, fevereiro, 2019.

compromisso na luta pela valorização do futebol feminino, não admitindo quaisquer mudanças nesse item da MP.

Contudo, para a maioria dos estudiosos, a obrigatoriedade da implementação de uma equipa de futebol feminino para a liberação dos Licenciamentos de Clubes<sup>15</sup> da CBF, a luz da obrigatoriedade imposta pela Conmebol, é uma das maiores políticas públicas implementadas pelos brasileiros para abrir espaço para o futebol feminino.

O periódico “O Povo” aprova as modificações introduzidas pela CBF, eis que considera mais do que ultrapassado a mentalidade de que rapariga não brinca com bola:

Na prática, a modalidade que hoje é dominada por equipas sem tanta tradição, mas que sempre levaram a sério o esporte, terá como concorrentes clubes de massa. A perspectiva é de aumento do mercado, bem como da popularidade da modalidade. Desde a definição, no ano passado, de que clubes brasileiros precisariam ter equipa feminina, o mercado nacional se aqueceu. Segundo dados da CBF, em um ano e meio, o número de atletas mulheres profissionais atuando no País pulou de 30 para 200. A expectativa para o fim de 2019 é que esse número duplique. Além disso, a média salarial delas fica em torno de R\$ 4 mil, superando alguns campeonatos estaduais de futebol masculino - especialmente divisões de acesso dos estaduais.<sup>16</sup>

A partir desses dados, vemos quão importante é a oportunidade que está sendo dada, issom porque, com a necessidade, cresce o investimento e, assim, fomenta-se verdadeiramente o futebol feminino.

A fim de analisar essas prerrogativas instituídas pela Confederação Brasileira de Futebol a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenadora do Centro de Memória do Esporte da Universidade e especialista na temática mulher e esporte, Silvana Goellner, em entrevista para a Beta Redações, afirmou:

Inter e Grêmio formaram as suas equipas a partir das exigências da Conmebol, o que acho fundamental para o desenvolvimento do futebol feminino dentro do Estado. Considero este movimento como algo que fará com que a modalidade ande um pouco mais.<sup>17</sup>

No ano de 2017 houve uma tentativa, por parte de doutrinadores e ex-atletas femininas, de criar um comitê de futebol feminino dentro da CBF, que de plano foi aceito

---

<sup>15</sup> Para tanto, vale recordar que para participar do campeonato brasileiro masculino de 2019 todas as equipas tenham a modalidade feminina em pleno funcionamento.

<sup>16</sup> <https://www.opovo.com.br/jornal/esportes/2019/03/40429-obrigatoriedade-de-times-femininos-abre-espaco-para-mulheres-no-futebol.html>, recuperado em 08, março, 2019.

<sup>17</sup> <https://medium.com/betaredacao/a-luta-pela-gest%C3%A3o-feminina-no-futebol-df6948a57e22>, recuperado em 8, março, 2019.

e implementado, contudo, três meses depois de suas primeiras reuniões a CBF extinguiu o grupo, sem previo aviso, e com a notícia, uma das participantes do grupo, Juliana Cabral, se manifestou:

Nós entregamos mais de 20 sugestões para a CBF. Ideias que podem melhorar a modalidade em todo o país, em relação ao seu desenvolvimento, ao seu fomento. Isso já está com eles desde outubro. A gente entende que as mudanças que eles farão para o ano que vem são muito simples que já deveriam ter acontecido há um certo tempo. Eram questões que bastava ter escutado quem já está falando isso há bastante tempo.<sup>18</sup>

No estado do Rio de Janeiro, também no ano de 2017, foi criado um projeto legislativo que determinava a criação de campeonatos e um centro de formação de atletas no estado, com o intuito de aumentar o reconhecimento da modalidade, estimulando o sexo feminino, de todas as idades, a gostar e praticar futebol. A Lei n.º 7576/2017<sup>19</sup> determina que o estímulo ao futebol feminino deve vir desde a idade escolar, devendo integrar o desporto educacional, ademais, cria um Comitê de Fomento para a construção de um centro de formação de atletas em uma das instalações utilizadas nas Olimpíadas em 2016, e também cria a determinação da criação de campeonatos regionais e um estadual destinado ao público feminino.<sup>20</sup>

A Rádio Metropolitana em sua página *web*, relata que no final do ano de 2018 foi escolhido e nomeado os integrantes do Comitê Executivo responsável pela luta do fomento do futebol feminino:

Embora com formações e experiências diversas, é consenso entre os seus membros que o futebol feminino no Rio de Janeiro sofre com a falta de recursos, com a ausência de campeonatos e com o pouco incentivo ao esporte de base, sendo urgente e necessário reverter esse quadro. O Rio de Janeiro tem atualmente apenas 16 clubes filiados à Confederação Brasileira de Futebol, apesar de o esporte ser amplamente praticado por times femininos, em condições precárias, em inúmeros municípios do Estado e bairros cariocas. Para sanar a falta de recursos, além da Lei do Fomento, a Deputada Enfermeira Rejane fez emendas ao orçamento do Estado para 2019, destinando verbas ao incremento do futebol feminino. São aproximadamente R\$500.000,00 (quinhentos mil reais) a serem aplicados em torneios de futebol feminino em conjunto com a Federação de Futebol do estado

---

<sup>18</sup> [http://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/751354\\_dois-meses-e-tres-reunioes-depois-cbf-acaba-com-comite-para-futebol-feminino](http://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/751354_dois-meses-e-tres-reunioes-depois-cbf-acaba-com-comite-para-futebol-feminino), recuperado em 8, março, 2019.

<sup>19</sup> Lei 7576/17 | Lei nº 7576 de 12 de maio de 2017. do Rio de Janeiro: Estabelece a política estadual de fomento ao futebol feminino no âmbito do estado do Rio de Janeiro. <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/458934383/lei-7576-17-rio-de-janeiro-rj>, recuperado em 8, março, 2019.

<sup>20</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/26/lei-de-incentivo-ao-futebol-feminino-e-aprovada-no-rio/>, recuperado em 8, março, 2019.

do Rio de Janeiro e projetos sociais que tenham o futebol feminino como foco, em municípios fluminenses.<sup>21</sup>

No Norte do país vislumbram-se projetos como o da Sociedade Esportiva Decisão Futebol Clube que criou um Núcleo de Fomento ao Futebol Feminino, realizado em quatro distintos núcleos da região metropolitana da cidade de Recife no estado de Pernambuco, “de forma a alcançar a maior abrangência possível de participantes, no intuito de contribuir na instituição de uma política de desenvolvimento para a prática feminina do desporto futebol, em todos os seus níveis”. Tal projeto teve como período de execução de 01/11/2017 a 31/12/2018 captando seus recursos financeiros a partir da Lei de Incentivo ao Esporte, destinando-se a atingir como público alvo as crianças, adolescentes e mulheres.<sup>22</sup>

Assim, de toda sorte, percebe-se que o Brasil passou por diversas nuances aplicação de políticas públicas, isso porque, com uma breve análise retrospectiva, se vê que o houveram determinações das mais diversas, desde as proibições aos incentivos, o que já cria um cenário para poder compreender os motivos de o futebol feminino caminhar a vagarosos passos.

---

<sup>21</sup> <http://radioesportemetropolitano.com/noticia/412131/instalado-no-rio-de-janeiro-o-comite-executivo-de-futebol-feminino>, recuperado em 8, março, 2019.

<sup>22</sup> Houve uma tentativa de contato para compreender como foi a expressão e a participação da sociedade recifense no projeto, mas não houve êxito. <https://prosas.com.br/projetos/4897-nucleos-de-fomento-ao-futebol-feminino>, recuperado em 8, março, 2019.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO, INSTRUMENTOS E SUJEITOS**

Para alcançar os objetivos desta investigação foi necessário combinar diferentes elementos de recolha de dados e de pesquisa. Neste caso específico, buscou-se relacionar a pesquisa bibliográfica e os dados colhidos diretamente dos protagonistas relacionados ao futebol feminino, por forma a entender a necessidade de uma aproximação da realidade com o desporto feminino, especificamente o futebol, para que se pudesse realizar uma avaliação das políticas públicas existentes bem como de possíveis caminhos para o futuro.

Importa, primeiramente, salientar a diferença entre metodologia e método. Enquanto esta é a validade do caminho escolhido para chegar ao propósito final da pesquisa, o método consiste num processo, um caminho, em que se usam diversos procedimentos para que a análise se conclua com sucesso. A metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa) e inclui a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo” (Pires, 2017, p. 18).

Usamos uma metodologia exploratória de natureza qualitativa, como forma de construir uma maior familiaridade entre o tema da pesquisa e o pesquisador, através do recurso a pesquisa bibliográfica e entrevistas específicas a pessoas que conhecedoras do objeto de estudo investigado.

Devemos esclarecer que a intenção de utilizar-se do método qualitativo de pesquisa é o fato de não se preocupar com a representatividade numérica dos instrumentos colhidos, mas sim, da profundidade que suas respostas trariam para o estudo, no tocante a uma maior compreensão sociocultural, preocupando-se com aspectos reais que não podem ser quantificados (Gerhardt & Silveira, 2009).

Neste sentido, válidas as palavras de TEIXEIRA, NITSCHKE e PAIVA (2008, p. 136):

A análise dos dados representa a fase de reflexão crítica do trabalho investigativo, constituindo-se num caminho árduo e de grande responsabilidade, pois é por meio dela que vamos transformar tudo aquilo que nos foi contado, através dos dados empíricos, em interpretações que se sustentem teoricamente. Com isso, não se

pode perder a perspectiva de que confiança e respeito às (aos) entrevistadas (os) são condições indispensáveis para a compreensão dos discursos.

COSTA (2011, p. 71) complementa afirmando que “o método qualitativo apresenta-se como o mais adequado à compreensão dos significados, interpretações e experiências” dos participantes da pesquisa. A utilização deste método tem por finalidade emergir os processos e as problemáticas enfrentadas pelas praticantes e todos os profissionais que atuam neste nicho de mercado, não apenas identificar traços e tendências estruturais ou demográficos, dando assim, foco nas visões daqueles que vivem o futebol feminino diariamente.

Toda a investigação partiu dos seguintes questionamentos: a) Qual é a situação da prática de futebol feminino no mundo? Que factores explicam o desenvolvimento diferenciado do futebol masculino e do futebol feminino ao longo dos tempos? b) Qual tem sido e qual pode ser o papel da FIFA, das suas entidades associadas e de outras organizações internacionais na promoção do futebol feminino? Que políticas têm sido implementadas e o que está projectado para o futuro próximo? c) O que está a ser feito e pode vir ser feito no Brasil para impulsionar o desenvolvimento do futebol feminino no país?

Assim, temos os seguintes objetivos gerais de pesquisa: a) Identificar os factores económicos, sociais, culturais, políticos e outros que expliquem a diferente realidade existente de prática do futebol feminino no mundo; b) Descrever as políticas públicas (atuais e em projeto) dos organismos desportivos internacionais, orientadas para promover a prática do futebol feminino; c) Conhecer a opinião de atletas, especialistas, gestores desportivos e outros agentes brasileiros que operem na área do futebol feminino acerca das políticas públicas de promoção desta modalidade no país, e as medidas/ações que propõem para o futuro próximo.

Para alcançar as respostas e atingirmos os objetivos foi realizado levantamento bibliográfico sobre o tema em diferentes bibliotecas físicas em Portugal, Espanha e Brasil, além de bibliotecas eletrônicas, tais como B-on, Ebesco, PacWeb, Unique e Biblioteca Virtual Universitária, a partir de palavras-chave como: “futebol feminino”, “desenvolvimento do futebol feminino”, “fútbol femenino”, “desarrollo del fútbol femenino”, “woman soccer”, “woman soccer development”, “género e futebol”, “diferenças de género no desporto”. Foram também consultados documentos disponibilizados por instituições públicas desportivas.



A partir da recolha realizada com estes materiais, foi concebido um guião de entrevista com diversas perguntas abertas, a fim de conhecer mais profundamente a opinião de cada participante sobre os assuntos tratados, dando a oportunidade de expressão do seu entendimento, prático ou teórico, da demanda investigada. A aplicação dessas entrevistas, se deu com pessoas dos diferentes sexos, idades e profissões, que têm ou que tiveram experiências na área do futebol feminino, criando uma ideia ampla a nível de Brasil do que é o futebol brasileiro, por onde passou e onde chegará.

As entrevistas foram enviadas para um total de 90 pessoas, atingindo deste montante 60 atletas (amadoras e profissionais), 15 pessoas atuantes em diferentes cargos de gestão (advogados, dirigentes, diretores desportivos, gestores desportivos) e 15 periodistas. Para os envios, assim como para obtenção das respostas utiliza-se o formato eletrônico, isso porque as amostras foram coletadas em diferentes estados brasileiros, a saber, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia e o Distrito Federal.

Os contatos foram realizados a partir da lista de pessoas-chave, identificadas com a ajuda de especialistas ligados à área da gestão desportiva, tendo-se procurado uma heterogeneidade de Estados do território brasileiro.

Para as pesquisas com atletas profissionais, realizou-se um contato com um dos maiores Clubes de futebol do Rio Grande do Sul, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, o qual abriu suas portas para que a pesquisadora pudesse recolher o material de pesquisa com sua atletas e, posteriormente, abriu também a possibilidade desta pesquisadora fazer parte do seu quadro de funcionários, hoje, atuando como Advogada Jr. do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

O contato com as atletas amadora, se deu, principalmete, através das participantes de um projeto chamado “Jogue Como Uma Garota”, onde mulheres comuns, incentivam outras mulheres comuns para a prática do futebol amador. Tal contato foi iniciado pela aplicação Instagram e as entrevistas enviadas via e-mail, os quais foram respondidos pelas mulheres que se interessassem em participar da pesquisa.

A justificação para utilizar este formato e mecanismo eletrônico está diretamente ligada à intenção final do projeto que é a de criar uma compreensão a nível nacional da percepção, e conseqüentemente, do desenvolvimento do futebol feminino. Ante a

extensão territorial que o país apresenta, a melhor forma de obter resultados, com agilidade e efetividade, foi através deste recurso.

Assim, com o recebimento das respostas das pessoas que decidiram participar da pesquisa e que as enviaram nas em tempo hábil de transcrever o material, o presente estudo computou um total de 40 participantes, sendo 28 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino – 25 atletas (14 profissionais e 11 amadoras – todas mulheres), 10 representantes de cargos diretivos (5 advogados, 2 dirigentes, 1 diretores desportivos e 2 gestores desportivos – 2 mulheres e 8 homens) e 5 periodistas (1 mulher e 4 homens) – de idades etre 20 a 51 anos.

O tratamento e análise de dados foi ralizado através de uma técnica e análise de conteúdo, realizada sem recurso a meios eletrônicos, mediante o agrupamento dos dados (respostas) numa matriz de categorização organizada por cada pergunta, em que as unidades de registo eleitas foram os excertos discursivos mais relevantes de cada entrevistado.

Importa frisar que a pesquisadora sabe da importância da análise do discurso colhido e a sua transmutação em um texto escrito. Segundo OLABUENAGA e ISPIZÚA (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que se analisados adequadamente criam a direção adequada para os fenômenos e aspectos da vida social e do conhecimento que de outra forma seriam inacessíveis.

Os autores ainda lembram que uma matéria-prima da análise de conteúdo pode surgir de qualquer comunicação verbal ou não verbal, no caso deste projeto, ela parte da análise das entrevistas coletadas, as quais serão processadas, para facilitar a interpretação e compreensão e então analisadas entre si. Sendo assim, TEIXEIRA, NITSCHKE e PAIVA (2008, p. 138):

A Finalidade da análise de dados é organizar, fornecer estruturas e extrair significados dos dados da pesquisa. É uma tarefa desafiadora para os pesquisadores, e se desenvolve em três perspectivas, a primeira relativa ao fato que não existem regras sistemáticas para análise e apresentação dos dados qualitativos. A segunda diz respeito à enorme quantidade de trabalho requerido para organizar e dar sentido ao material narrativo e a última, ou desafio final, de reduzir as informações para fins do relato, sem perder a essência e a riqueza dos originais.

E ainda que diferentes autores proponham diversificadas descrições do processo da análise de conteúdo, utiliza-se da concepção de MORAES (1999) para a construção do formulário em cinco etapas: 1 - Preparação das informações; 2 - Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3 - Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4 - Descrição; 5 - Interpretação.

O procedimento seguido nesta investigação foi basicamente esse, uma vez que com a análise teórica construída, foi realizado uma matriz avaliativa do guião da entrevista, além de estruturá-las em três distintas categorias: atletas, compostas de atletas profissionais e amadoras; profissionais de gestão, composto de advogados, diretores administrativos e conselheiros e os medias.

O objetivo de criar uma entrevista direcionada para categorias distintas foi exatamente buscar compreender, a partir de perguntas estáticas, o ponto de vista de cada seguimento que compõe essa modalidade, utilizando de vocabulários e construções direcionados ao público que se pretendia atingir.

A grelha de estruturação das perguntas (Apêndice A) foi composta de três espaços predeterminados em objetivos específicos, técnica de recolha de dados e perguntas a fazer. O propósito de entrevistar jogadoras amadoras e profissionais, é o de compreender qual a visão que as atletas têm da sua participação dentro do desporto e como elas percebem o futebol feminino. Quanto aos profissionais da área da Gestão a intenção é compreender a visão que dirigentes, gestores e administradores de clubes, advogados desportistas têm dos investimentos e das questões que envolvem o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil e quanto aos medias perceber qual o envolvimento dos Medias no futebol feminino e como esses o percebem.

Com a estruturação das perguntas feitas, o guião foi encaminhado a um profissional de cada área de atuação para orientação, análise e crítica do material, não havendo grandes modificações no tocante as perguntas previamente estruturadas, havendo, apenas, a observação por parte de uma periodista de que deveria ser utilizado uma linguagem coloquial no guião de entrevista das atletas, eis que em alguns casos são pessoas mais humildes e menos letradas.

Seguindo essa estratégia, durante as entrevistas adotaram-se algumas das precauções referidas por MARTÍNEZ (1998) como por exemplo: possuir um guião de entrevistas agrupado por temas e/ou categorias; explicar ao entrevistado os objectivos da

pesquisa e solicitar seu consentimento dos apontamentos de dados durante a mesma; permitir que o entrevistado respondesse livremente, com suas palavras e argumentos.

Aos participantes foi solicitado seu consentimento livre e esclarecido através de formulário também encaminhado via correio eletrônico (Apêndice B) e foram tomados dados que pudessem apoiar as conclusões e oferecer elementos de comparação. As entrevistas foram respondidas preservando-se o anonimato dos entrevistados, mas profissionais de expressão como a capitã da Seleção Brasileira de Futebol, Aline Pelegrino, afirmou que seu nome poderia ser utilizado.

Importante mencionar que os sujeitos que fizeram parte da amostra são profissionais da área ligadas ao futebol feminino, os quais foram subdivididos em três categorias, a fim de compreender as diferentes opiniões dos três principais grupos que compõe o desporto moderno, qual seja, as atletas, os profissionais que representam entidades desportivas e os representantes da mídia.

A escolha da amostra deu-se intencionalmente (amostra por conveniência) levando-se em consideração diversos fatores, entre os quais, podemos destacar: tempo disponível para a pesquisa, recursos financeiros, representatividade e voluntariedade dos participantes com relação a cada grupo de interesse. Tentou-se que a amostra tivesse representantes de diferentes estados brasileiros, tantos quantos possíveis, de modo a fornecer suficiente tensão comparativa ao estudo, permitindo conclusões relacionadas aos mais diferentes grupos.

Com isso, é importante dizer que diferente da maioria das amostras que utilizam o método da conveniência, os participantes deste projeto foram escolhidos por sua participação no mercado e sua experiência profissional e técnica, a utilização da amostra por conveniência foi utilizada, principalmente, para atingir os profissionais de mais zonas (em extensão territorial – eis que Brasil possui em média 8.516 km de espaço terrestre) e manter os custos da pesquisa baixos.

Foi utilizado do grupo de contatos (informantes-chave) da pesquisadora para atingir o mais alto escalão de profissionais atuantes no mercado, sendo que presentes nesta tese os advogados que atuam nos principais clubes de futebol a nível Brasil, os diretores e gestores das equipas de primeira liga do campeonato regional sul, assim como atletas convocadas para a seleção brasileira de futebol feminino e jogadoras de uma das maiores equipas do sul do Brasil. No tocante aos médias, a abordagem foi realizada

através de profissionais próximos a pesquisadora e ganhou espaço pela gama de contatos destes, atingindo mais estados brasileiros.

Contatos telefônicos e digitais foram mecanismos chave para atingir a todos os participantes deste projeto, momento em que foram orientados e aclarados sob a necessidade da participação e o propósito final do projeto de pesquisa.

A existência de variados pontos de vista permite a utilização da técnica da triangulação e a comparação das visões de diferentes atores no cenário do futebol feminino (Baztán & Martins, 2014).

## **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1 FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA**

A presença feminina no futebol está em ascensão, tanto dentro, quanto fora das quatro linhas, o que é mais um indicativo de que se está, realmente, diante de um fenômeno socialmente importante. Nas sociedades humanas, tudo que começa a ganhar espaço tende a passar por dificuldades, discriminações, desvalorização entre tantos outros pormenores, o que de fato aconteceu e acontece com o futebol feminino (Ventura & Hirota, 2007).

Mesmo existindo o desnível, em razão dos homens continuarem dominando a tomada de decisões e o percentual de mulheres no governo e nas administrações desportivas permanecerem baixos (Flintoff, 2013), existe um avanço progressivo de fomento a partir de projetos de desenvolvimento do futebol feminino, não só pelo crescente número de membros mulheres nas associações, mas também no aumento do interesse social e econômico (Chaplin, 2013). A figura feminina acaba por ganhar novo enfoque, galgando espaços em ambientes antes apenas masculinos, passando a ter mais liberdade, independência e grandes postos de trabalho – expectadora, técnica ou praticante “a incorporação da mulher em diversas modalidades desportivas, apontam para importantes mudanças na cultura contemporânea e para novos espaços a serem ocupados”, refere MAGALHÃES (2008, p. 24). A autora ainda conclui que é significativo o crescimento da participação das mulheres dentro do mundo futebolístico, mas isso deve ser analisado com uma certa prudência, eis que não existe um número notável de mulheres em comissões técnicas ou em nível de gerência – a própria FIFA iniciou com a preocupação de ter cargos de relevância femininos apenas há 5 anos (p. 26).

Diante disso, esta pesquisa destinou-se a analisar como os pesquisados vem percebendo o futebol feminino e seu desenvolvimento em território brasileiro. Para tanto, foi realizada uma entrevista estruturada com três categorias distintas de profissionais, quais sejam: as atletas, os profissionais de gestão e os médias.

Utilizando-se amostras por conveniência, ante a extensão territorial brasileira e o pouco recurso financeiro disponibilizado, foi contatado com técnicos e especialistas do futebol feminino de diversos estados brasileiros.

Tal como se disse anteriormente, o tratamento dos dados foi feito de forma manual, após organizado e transcrição dos principais elementos discursivos (excertos de discurso) dos 40 participantes (Cf. Apêndice C).

#### 4.1.1 Determinantes

As entrevistas trouxeram ainda mais enfoque para alguns temas já explanados na dissertação. Para o grupo composto de atletas amadoras e atletas profissionais quando o assunto são as determinantes para que o futebol feminino seja visto e lembrado, em síntese, os pontos mais mencionados passaram pela percepção cultural e arcaica da sociedade, no que se refere aos preconceitos sofridos, a falta de oportunidades e o ciclo vicioso entre a falta de investimento e a dificuldade em obter retorno financeiro positivo, além claro, da diferença de tratamento entre homens e mulheres, assim como podemos notar na tabela que segue, a qual, traz um pouco das observações trazidas nas entrevistas<sup>23</sup>:

**Tabela 3: Quais as maiores dificuldades encontrada pela mulher para se tornar atleta**

	<b>Atletas</b>	<b>Profissionais</b>
Preconceito	8	1
Falta de Incentivo	5	2
Machismo	4	1
Melhores condições/falta estrutura	7	2
Salários / Investimento (\$)	8	8
Visibilidade	5	2
Apoio Familiar/ externo	5	2
Reconhecimento	3	2
Profissionalismo	1	X
Oportunidades	5	5
Diferença de tratamento homem x mulher	8	4
Falta de expectadores	X	1
Responsabilidades em casa	X	1

Fonte: Guiões de pesquisa

Os profissionais de gestão apontaram como principais dificuldades enfrentadas pela mulher para se tornar atleta profissional, problemas ligados ao “caráter ainda

<sup>23</sup> Por se garantir o anonimato dos/as entrevistados/as, estes/as são aqui identificados com um código onde E significa entrevistado/a, a segunda letra maiúscula significa o tipo de entrevistado (ex: P=Profissionais de Gestão; J=Jornalista; A=Atleta) e o número significa a ordem pela qual a entrevista foi realizada. Exemplo: EJ2 = Jornalista Entrevistado N.º 2 (segunda entrevista realizada aos/às jornalistas).

premature do futebol feminino como um todo” (EP2), como a falta de incentivo, de visibilidade, de investimento, de espectadores, até mesmo a responsabilidade que as mulheres tem em seus lares, como o fato de ser mãe e dona de casa, reconhecendo também:

A partir do momento que a visão sobre o próprio esporte amadurecer, os clubes passarão a investir recursos em seu fomento, inclusive por meio da profissionalização de seus times, e as atletas poderão compartilhar o mesmo sonho que os homens em ser jogadoras profissionais de futebol sem ter que abortar as oportunidades por faltar de recursos, de segurança ou de perspectiva (EP2).

Quanto aos media, o senso comum acabou na crença de que tudo esta enraizado ou que parte da questão cultural: “O menino quando começa a dar os primeiros passos é presenteado com uma bola de futebol. A menina ganha uma boneca. Culturalmente é um ambiente "para homens", a mulher tem seu espaço determinado” (EJ5). Suas análises partem do preconceito de que o entendimento geral, principalmente do seu seguimento implantou com o passar dos anos, além claro, de apontar assuntos percebidos nas outras categorias: “para muitos o futebol feminino não vende, com isso existe o pouco investimentos, a escassa oportunidade para as atletas e, conseqüentemente, a pouca visibilidade” (EP9), assim como se demonstra na tabela que segue:

**Tabela 4: O pouco desenvolvimento do futebol feminino tem a ver com a história e as barreiras apresentadas durante os anos.**

	Jornalistas
Sim	2
Sim, mas não é territorial, é cultural	3

Fonte: Guiões de pesquisa

Em muitas amostras encontra-se posicionamentos e afirmações do quão masculino este universo do futebol é percebido, como se a modalidade fosse algo criado para os homens e só esses pudessem usufruir, servindo como base do preconceitos e de maus tratos para com as desportistas: “A cultura brasileira é totalmente voltada ao futebol masculino, e muitos acreditam que o preconceito começa mesmo na escola, onde as meninas devem jogar voleibol enquanto os rapazes ficam com o futebol.” (EP10) ou então “a maior dificuldade é porque homens são sempre prioridades, investem mais no futebol masculino, só o futebol masculino aparece nas grandes redes de TV, com isso o futebol feminino acaba sendo desvalorizado” (EA12).



Um consenso entre os periodistas é que o machismo tornou-se uma epidemia mundial longeva, crendo que “esse seja o principal obstaculo para a modalidade do futebol feminino não despontar” (EJ1).

Algumas participantes, que vivem do futebol há mais tempo, mencionam que os abusos e o preconceito sofridos pela mulher que tem interesse em praticar a modalidade já diminuiu, eis que há alguns anos atrás, quando o investimento era mesmo perto do mínimo e as atletas necessitavam trabalhar em outras áreas visando a remuneração, além de treinarem em horários alternativos para que não “atrapalhassem” os treinamentos masculinos, tudo era mais complicado: “Já sofri bastante (preconceito), mas hoje estamos em um outro momento em que temos um campeonato brasileiro bem organizado, mas ainda tem muita resistência dos grandes clubes que não aceitam o futebol feminino, e isso pra mim ainda é um tipo de preconceito” (EA17).

Em verdade, os número pareceram muito expressivos quando se percebe que pouco menos das entrevistas já veem que melhorou o preconceito para com a mulher futebolista, ou ainda, que nunca sofreram com esse problema:

**Tabela 5: As mulheres ainda sofrem preconceito por jogar futebol.**

	<b>Atletas</b>
<b>Sim</b>	<b>14</b>
<b>Sim, mas melhorou muito</b>	<b>9</b>
<b>Sim, mas nunca sofri</b>	<b>2</b>

Fonte: Guiões de pesquisa

As atletas mencionam que há algum tempo a discriminação era ainda mais dura, elas eram consideradas homossexuais por prativarem a atividade física ou então, eram dispensadas das equipas quando os Clubes tinham interesse em investir mais na modalidade masculina e necessitavam fazer algum corte de receita em alguma área, contudo, há algumas que ainda sentem: “hoje em dia o preconceito ainda é muito grande, falam que futebol é coisa de homem, que mulher não serve pra jogar bola, há diferença no tratamento! Falam que é pra melhorar, mais parece que só piora” (EA20).

PISANI (2015, p. 339) acredita que pelo facto de o futebol ter sido algo criado por homens e para homens a presença feminina ganhou espaço pautada em alguns pilares, tais como:

Descrevem-nas como seres naturalmente dóceis e frágeis, voltados para a maternidade e possuidores de aspectos essencialmente femininos, logo não

pertencentes ao mundo futebolístico; b) colocam em dúvida a sexualidade da mulher atleta sob argumentos desqualificantes e homofóbicos; c) instauram medidas arbitrárias que condicionam e restringem, a partir de um discurso fetichista e sexista, a presença delas no âmbito desportivo.

E conclui dizendo que “apesar das tentativas de exclusão, das restrições e dos obstáculos enfrentados por elas ao longo dos últimos anos, o futebol feminino pode mostrar-se como um espaço de autonomia e liberdade, propiciando o empoderamento das mulheres”, ou seja, mesmo diante das mais diversas barreiras as mulheres estão aparecendo e criando seu próprio espaço, pois o que dever ser buscado não é um pareamento de modalidades e sim o espaço feminino dentro dela.

Uma das atletas entrevistadas ainda comenta que:

Eu gostaria que houvesse uma resposta mais tangível quando falamos de preconceito e a forma que a mulher é tratada e vista pela sociedade, e que fizesse mais sentido com resoluções práticas e rápidas para que isso pudesse parar de acontecer, mas a resposta dessa pergunta é milênios de patriarcado e machismo, milênios de homens podando e diminuindo as mulheres a ponto de sermos excluídas de situações sociais simples como um futebol (EA11).

Neste sentido, válido o desabafo de uma das entrevistadas: “Estamos vendo algumas mudanças, os clubes estão realmente começando a investir no futebol feminino, graças a obrigatoriedade que a CBF impôs, com isso, passamos a ganhar salários mais dignos e poder hoje nos dedicar exclusivamente à nossa paixão, o futebol!” (EA16) outra atleta orgulha-se: “Eu, por sorte, nunca sofri preconceito e sempre vivi e me sustentei do futebol, mas sei que sou uma exceção à regra” (EA8).

Há estudiosos que afirmam que no Brasil o futebol feminino passou a ganhar mais destaque apenas no ano de 2004, depois que a Seleção Brasileira de Futebol Feminino conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas, isso que mesmo com a ótima atuação da atletas algumas reportagens jornalísticas apenas destinavam-se a questionar o preconceito que ronda a modalidade, relacionando, sobretudo, “ao desinteresse popular por conta da suposta homossexualidade das atletas” (Pisani, 2015, p. 339).

Toda a bagagem de dificuldade e preconceito que o futebol feminino carrega consigo está refletido em uma sociedade onde o machismo está enraizado o que dificulta por parte das mulheres a prática desportiva. Há a pouca divulgação nos meios, mantendo a comodidade de transições e reportagens apenas do futebol masculino. O importante é perceber o crescimento de novos ideais e novas culturas onde “muitas mulheres que não

aceitaram o comodismo da sociedade e se juntaram para praticar e fazer aquilo que gostam sem medo de julgamentos e preconceitos” (Pires, 2017, p. 8).

O sentimento retratado pelo autor, é exatamente o que a maioria das atletas amadoras transcrevem em suas linhas: “Nós estamos fazendo a nossa parte na luta contra o preconceito e a diferença de géneros, nos juntamos todas as semanas para jogar futebol como uma garota, com pouca qualidade técnica, mas muito amor pelo desporto” (EA24).

Mas como nos demais temas, sempre há alguém que sente a insegurança e se vê na contramão da maioria:

Quadras públicas sempre há a competição com homem, não é seguro contra assédio ou abuso da masculinidade pra cima da gente. Em lugares que se reserva quadra, eles sempre dificultam a reserva e encarecem o preço. Se tivéssemos espaços melhor divididos, talvez a procura fosse maior. Espaço na mídia também é escasso, o que passa a falsa ilusão de que não existe espaço para o esporte feminino (EA8).

MENTZ (2018, p. 42-43), afirma que o assédio e a violência que as jogadoras sofrem são advindos da diferença de género, “como forma de desestabilizar a performance das atletas, transformando seus corpos em objeto sexual ou referindo-as a funções que são ditas femininas como forma de ofensa”.

O assunto que foi (quase) unanimidade nas entrevistas é que a qualidade performática não está ligada a género, em nenhuma das pesquisas foi cogitado de que a mulher pudesse ser menos atleta que o homem quando o assunto é performance desportiva, mas que há diferenças no biotipo ou ainda, dois entrevistados, uma taleta e um periodista, consideraram a possibilidade de haver uma ligação do género com a performance, assim como vemos na tabela:

**Tabela 6: Género define desempenho.**

	Atletas	Profissionais	Jornalistas
Não	19	9	4
Género não, biotipo sim	4	X	1
Sim	1	X	X
Talvez	1	X	1

Fonte: Guiões de pesquisa

Mesmo que presente algum desencontro de percepções, muitos assinalaram que em razão de o futebol feminino ser menos difundido no Brasil, as condições de

treinamento, jogo e tudo que há ao seu redor diferencia-se do mundo do futebol masculino, criando aí uma comparação técnica, mas nunca performativa. Uma das atletas profissionais que participaram da pesquisa ainda comenta:

O fato de ser homem ou mulher é irrelevante, existem grandes atletas no futebol feminino que dão um “show de bola”, melhor que muito homem por aí, o foco, o desempenho, a performance varia de acordo com a qualidade do atleta, tem homens melhores que mulheres mas existem mulheres melhores que homens no mundo do futebol, é questão de habilidade, raça, força de vontade e isso ambas as partes podem ter (EA12).

A irrelevância do sexo do atleta foi um dos pontos mais comentados quando o assunto foi performance, uma das entrevistadas inclusive apontou que talvez o biotipo físico de cada pessoa do que definido pelo gênero, ou ainda que:

Cientificamente comprovado que o corpo do homem possui algumas vantagens físicas em relação às mulheres (*i.e.* capacidade pulmonar, resistência muscular, características hormonais, entre outros), no entanto, nenhuma dessas particularidades é sinônimo de qualidade ou de melhor performance. Muito pelo contrário, trata-se de diferenças inerentes ao corpo humano, mas que são facilmente absorvidas pelo esporte (EP2).

E seguindo nesta linha, uma das atletas comentou que quando se realiza amistosos contra as equipas masculinas se percebe que eles por vezes são mais velozes, mais fortes, “não tem nem como comparar a força deles com a nossa... mais em questão de habilidade, tem raparigas que são mais habilidosas que eles” (EA6).

Concluindo aqui que, talvez performance não seja definida por gênero, mas há uma diferença genética que faz com que os homens se sobressaem em alguns aspectos, principalmente físico. Nesse sentido:

Não creio que haja diferença entre performance quando se fala de gênero, mas que há diferença em tratamentos e visões, a isso existe muito! Só por sermos mulheres, muitos homens acham que vamos aceitar assédio ou preconceitos. Existem muitas atletas que jogam muito mais futebol que qualquer homem, veja a Marta, muitacampeã” (EP9).

Contudo, importante a comparação doutrinária que lembra:

No futebol fica evidente que o trabalho das mulheres tem um valor muito menor que o dos homens em uma sociedade capitalista e sexista (racista, se quisermos incluir a categoria de raça). A comparação entre Marta e Neymar é ao mesmo tempo didática e simbólica, pois são dois ídolos da seleção brasileira, grandes jogadores, com carreiras imensamente reconhecidas, ainda em atuação e ocupam um mesmo patamar se pensados comparativamente dentro do futebol brasileiro. Porém, a diferença salarial entre ambos é abissal. A mesma lógica se aplica aos

valores pagos em premiações pelos campeonatos. O Campeonato Brasileiro Feminino, da série A1, organizado pela CBF, teve como premiação o equivalente a 1% do prêmio pago ao campeão do torneio equivalente masculino (Haag, 2018, p. 156).

Neste sentido MAGALHÃES (2008, p. 26) afirma que “os preconceitos e estereótipos ainda cercam as praticantes mulheres desta modalidade, como a associação de sua imagem a homossexualidade por aspecto estético, nos quais os estereótipos culturais estão ligados a padrões de beleza e feminilidade”.

Corroborando com esse pensamento, validas as palavras de HAAG (2018, p. 144):

A realidade das atletas brasileiras é marcada por dificuldades em sua atividade profissional como por exemplo, a desigualdade salarial em comparação com os homens, a informalidade e a precarização dos contratos de trabalho, a ausência de direitos trabalhistas, o desafio de se alcançar a licença-maternidade, os obstáculos na conciliação do trabalho com a esfera doméstica. Claro que em uma sociedade marcada por relações sociais de sexo desiguais essas questões não afetam apenas jogadoras, mas pessoas em geral. Nossa ênfase, porém, será pensar esses elementos dentro da especificidade do futebol feminino.

Outro ponto de destaque é a falta de oportunidade que as atletas descrevem, ligando-a a pouca visibilidade e o ínfimo investimento, citados em todas as pesquisas: “há poucas oportunidades, poucos times, clubes que invistam no futebol feminino, aí muitas meninas acabam se desmotivando e indo trabalhar cedo em outras áreas” (EA16).

Para um dos profissionais de gestão entrevistado a situação explica-se com o facto de o futebol feminino ainda não ser muito atrativo comercialmente e concomitantemente, não atrair muitos investimentos:

O futebol masculino já trilhou um longo caminho de evolução e fortalecimento até virar a grande paixão nacional. O futebol feminino, por outro lado, ficou paralisado na história em razão de uma visão classista e sexista da sociedade. Hoje, o futebol masculino é um esporte e, mais do que isso, um grande produto de mercado; ao passo que o feminino ainda não se desenvolveu o suficiente para ser assim considerado. A falta de visibilidade, nesse sentido, está diretamente relacionada com a falta de investimentos, em um ciclo vicioso: faltam investimentos, portanto não existe visibilidade, da mesma forma que falta visibilidade, por isso não existem investimentos (EP2).

Outra das causas radica no facto de que os meios de comunicação social brasileiros acabam por dar muito pouca visibilidade ao futebol feminino, não ingressando com a cultura em sua rotina diária, tanto de media televisiva, quanto de media impressa, trazendo como nos primórdios, publicações muitas vezes preconceituosas que contribuem

negativamente para com a expansão deste desporto (exceção feita para situações pontuais, como na disputa da final do Pan Americano de 2007 entre Brasil e Estados Unidos, que foi assistida por mais de oitenta mil torcedores dentro do Estádio Maracanã, mas que, ainda assim, não dispõe da mesma significância cultural que o masculino (Freitas Jr. & Gabriel, 2018, p.2).

Ainda assim, importa ressaltar que durante o processo em curso de crescimento da modalidade feminina de futebol de campo, os medias tiveram e têm um importante papel e influência, tanto positiva quanto negativa. DARIDO (2002) afirma que a Rede Bandeirantes de Comunicações foi a empresa brasileira que teve destaque como divulgador do futebol feminino no Brasil, mesmo sabendo que tal ato se dá priorizando objetivos de lucro econômico, não se pode excluir o fato da benesse de tal impulso para o fortalecimento e divulgação do desporto.

KNIJNIK e SOUZA (2004, p.8) dizem que o pouco comprometimento dos medias brasileiros com o futebol feminino criam o consenso de que é uma modalidade que não tem importância ou que não merece atenção, criando assim preconceitos e estereótipos.

É, pois, visível que os medias possuem um papel fundamental neste universo. Eles podem contribuir com acontecimentos sociais de múltiplas realidades, a partir de um fato único onde as coberturas jornalísticas “não se limitam a mediar a realidade para o público, pois atuam sobre ela, direcionando-a ao fim objetivado, realizando ações, omissões, falas e silêncios conscientes ou inconscientes” (Freitas Jr. & Gabriel, 2018, p.8).

Quando o assunto é os medias desportivos, percebe o mercado masculino midiático como algo cada vez mais saturado, sendo o futebol feminino um potencial segmento de crescimento. O que mesmo limitado, já vem se expandido, como já visto nos Jogos de 2012, mas que no entendimento de FLINTOFF (2013) ainda mascara uma sexualização da mulher nas páginas desportivas.

Se nos dias de hoje as mulheres praticantes do desporto futebol sofrem com algumas visões machistas, PRODANOV e MARONEZ (2015) contribuem com as crônicas das primeiras décadas de introdução da modalidade feminina para nos exemplificar como tal modernização era tratada:

Com o cinema, o tango, os piqueniques, o futebol, os chás dançantes e mil e uma novidades outras que tem revolucionado completamente os hábitos patriarcais do

povo brasileiro, as moças das modernas gerações, especialmente ‘après da guerra’, se tornaram tão vivas, tão americanizadas, tão masculinas nos trajés, nos modos, nos pensamentos e nas ações que eu, acostumado às moças da minha geração, que há 50 anos passados, não [...] ficavam [...] nos portões se sujeitando a bolinagens de namorados sem escrúpulos. [...] Recordo-me com saudade das moças antigas que não jogavam tênis, nem berravam como loucas nos campos de futebol. [...] Mas em compensação eram ótimas donas de casa, virtuosas esposas e exemplares mães de famílias, que faziam da casa um templo e do seu marido o único Deus verdadeiro na terra” (p.8).

Com isso podemos perceber que, de forma subjetiva, os medias implementaram uma visão sexista sob as mulheres praticantes do futebol, assim como comenta MENTZ (2018, p. 8) quando afirma que muito da desigualdade vista no desporto vem dos medias e seu protagonismo social, eis que desde os seus primórdios a imagem da atleta foi ligada ao corpo e a sexualidade, reproduzindo estereótipos, padrões de feminilidade como mercadoria, “tirando o foco do desporto para uma apreciação dos tributos estéticos das atletas”.

MOURA (2005) reconhece os meios de comunicação de massa como uma das razões para que, nos anos 70, o futebol feminino se destacasse, contudo, ao tempo que traziam as mulheres para as manchetes dos jornais, também foram os responsáveis por erotizar e sexualizar a presença feminina no desporto, criando padrões e parâmetros estéticos para as atletas. Exemplificam VENTURA e HIROTA (2007, p. 159):

Um exemplo disso ocorreu em setembro de 2001, quando a Federação Paulista de Futebol, ao organizar o Campeonato Paulista, fez uma seleção das jogadoras, com o intuito de unir a imagem do futebol à feminilidade. O critério da seleção era a beleza e não a habilidade física. Isso porque um fator que pode tornar o futebol feminino menos atraente, tanto para os espectadores, quanto às meninas que repudiam ou até mesmo se interessam pelo esporte, mas que têm medo e dificuldade de lidar com os estereótipos, é a constante associação que se faz das atletas ao lesbianismo, seja por ser um esporte que representa o ideal masculino, seja pela vestimenta, que contrariamente a outros esportes, em que o marketing esportivo tem se preocupado com a confecção de roupas cada vez mais justas e curtas que valorizem os atributos estéticos das atletas como atrativo à modalidade, são roupas largas, unidas aos meios e às chuteiras, idênticos ao uniforme masculino, como também pelo comportamento, composição corporal e gestos físicos às vezes masculinizados das atletas.

Neste caminho, vale relembrar o Campeonato Paulista de Futebol Feminino realizado em 2001, o qual teve implementadas regras relacionadas a aparência estética das atletas inscritas no evento, tais como, proibição de cabelos raspados e limitação de 23 anos de idade, corroborando na criação de imagem de jogadoras mais femininas e

jovens a fim de potencializar a erotização dessas atletas junto a mídia (Knijnik e Souza, 2004).

O corpo feminino acaba por ser, em muitas instituições desportivas, a ferramenta mercadológica para o consumo masculino, e essa erotização da mulher está ligada diretamente ao processo histórico do desenvolvimento da modalidade feminina e foi um dos mecanismos que contribuíram para a entrada das mulheres no universo do desporto masculino. É essa a opinião de RIGO (2008), quando afirma que:

Em relação às competições desportivas femininas por elas apresentadas como espaços nos quais era possível visualizar a mulher atleta como um ser capaz de congrega beleza, graça, corpos delineados, força e virilidade sem se tornar masculinizada, mas ressaltando, ao invés disso, sua feminilidade (Rigo, 2008, p.141).

Graças a esse protagonismo dado aos meios de comunicação, esses passaram a escolher os fatos que vão noticiar e as pessoas que deixarão em evidência, dando sempre preferência aos homens em detrimento do futebol das mulheres, mesmo que “elas disputam campeonatos, ganham títulos, jogadoras conquistam feitos individuais e diferentes das equipes masculinas, não viram manchetes dos jornais” (Castro & Máximo, 2018, p. 7).

Um dos periodistas ainda exalta que os meios de comunicação deveriam desenvolver uma narrativa mais potente, dando ênfase nas atletas, suas histórias, nos clubes e nas competições, dando outros rumos ao futebol feminino:

O poder de um veículo com as devidas credenciais na área desportiva é imensurável. Um comentarista ou um locutor pode tanto colaborar positivamente quanto detonar a carreira de um atleta. Essa mesma energia colocada no futebol feminino seria importantíssima para o público se engajar (EJ3).

É tão incrível a visão que os meios de comunicação brasileiros têm sobre o futebol feminino que, no ano de 2019, a emissora Globo – o maior veículo televisivo do país – virou manchete por informar que transmitiria os jogos da seleção brasileira de futebol feminino e sua participação no Campeonato Mundial de Futebol Feminino que se realizará na França. Isso significa, que, depois de 28 anos de existência do Campeonato Mundial Feminino, esta é a primeira vez que a emissora, maior canal de televisão aberta do Brasil, disponibilizará a seus espectadores o futebol feminino.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> <https://www.b9.com.br/100974/rede-globo-transmitira-copa-do-mundo-feminina-pela-primeira-vez/>, recuperado em 8, março, 2019.



Para KINIJNIK e SOUZA (2004), o fato de o futebol feminino não ganhar mais espaço entre os meios está ligado a ideologia de que o futebol é um esporte exclusivamente masculino e por isso, mesmo com ótimos resultados a publicidade oferecida tanto a seleção nacional brasileira, quanto às equipes femininas é baixa.

Devemos também notar que o futebol no Brasil, de fato, carrega um simbolismo atrelado ao papel masculino de combate e, além disso, que mesmo após as mulheres adentrarem aos gramados e outros espaços da vida social ocupados em outros tempos unicamente pela figura do homem, ainda se faz necessária a presença de atributos - entendidos como - de feminilidade para que as jogadoras sejam ausentadas do estigma que assola suas sexualidades. (Salvini, Souza & Marchi Jr, 2015, p. 567)

A capitã da seleção brasileira de futebol, Aline Pellegrino (que autorizou a sua identificação na nossa pesquisa), aponta também a falta de oportunidade ao sexo feminino dentro do universo futebolístico como um dos indicadores de falta de visibilidade:

Acredito que ainda seja a falta de oportunidade, o futebol já tem uma estrutura burocrática no Brasil, onde todos sabem o que fazer, uns fazem melhores outros piores, mas todo mundo sabe o que precisa fazer para ter um jogador profissional, um clube profissional, uma gestão profissional... Porém essa estrutura não considera que as mulheres façam parte dessa demanda, então as escolas de futebol não consideram dar um espaço para as meninas iniciarem no futebol, o clube acha que não tem demanda para ter categoria feminina, e aí entramos num ciclo vicioso (EA15).

A estrutura de desenvolvimentos que o futebol feminino tem ainda é demasiadamente precária para que as atletas sejam comparadas a nível de retorno financeiro e de performance, mas pelo menos metade dos entrevistados creem que em um futuro próximo isso possa refletir dentro de campo também.

E quando o tópico é visibilidade, os próprios periodistas acreditam que a falta de fomento em publicidade para as mulheres é originária da cultura patriarcal onde a sociedade brasileira foi criada e que ainda é muito vívida, mesmo que por uma lógica equivocada, dando as competições masculinas um status de mais profissionalismo.

Para Metz, toda a falta de investimentos e oportunidades está diretamente ligada “às práticas corporais, expressões de gênero e sexualidade. Se isso não bastasse como justificativa, as jogadoras expressaram diversas vezes nas conversas que tive com elas a vontade de falar sobre a desvalorização do seu trabalho” (Metz, 2018, p. 42-43).

Um dos periodistas participantes da pesquisa que menciona não existir apenas uma razão para que o futebol feminino seja diminuído frente ao masculino:

Parte de uma ideia histórica onde no Brasil as mulheres tiveram e ainda tem muito para lutar em busca de oportunidade e igualdade de direitos (em todas as cearas), além disso, há uma máxima de que este ambiente é predominantemente masculino, tornando na verdade o “país do futebol” em o “país do futebol masculino” (EJ4).

E em virtude desta visão, os homens ganham mais visibilidade nos grandes canais televisivos, com isso mais empresas buscam ligar suas marcas para aumentar sua expansão, o que gera mais receita e, conseqüentemente, o que importa em oportunidades para eles, uma das atletas profissionais entrevistadas comenta:

O futebol feminino acaba sendo desvalorizado, não tendo grande suporte, por falta de investimento, o que acaba deixando atletas boas sem clubes, fazendo com que boa parte das mulheres desistam de ser atletas, sem contar que o salário é bem menos do que um jogador masculino ganha, o que é totalmente desrespeitoso já que ambos exercem a mesma função, então não deveria haver essa desigualdade. O esporte é o mesmo pra ambas das partes (EA12).

Não esquecendo que muitas vezes essas atletas além de ter que enfrentar o preconceito sob seu sexo, também entram no nicho de raça e classe social, e quando se fala em classes sociais, sabe-se que as camadas mais humildade da população brasileira creem no futebol como uma forma de acenssão financeira, quando pensado como profissão, contudo, isso acontece se o atleta tornar-se um jogador profissional de prestígio – no masculino – porque essa ideia de altos salários está bem distante da realidade feminina (Moura, 2005).

A doutrina percebe que a mulher se vê “obrigada” em ter sucesso no desporto:

A reproduzir, e por consequência, a se conformar, com as ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade, principalmente no que refere às suas aparências. Os padrões do “belo sexo” continuam plenamente em vigor. Assim, as relações homem/mulher/esporte parecem permanecer imutáveis em alguns aspectos: as mulheres continuam sendo vistas não pelas suas qualidades e habilidades esportivas, mas principalmente pelos seus quesitos imagéticos e “femininos” (beleza, charme etc.) (Silveira, Carneiro & Silva, 2016, p. 9).

Além disso, algumas entrevistadas lembram que essa escassez mediática dificulta e, muito, na proliferação e fomento do desporto, eis que os medias são formadores de opinião, devendo esses criar espaço, nem que de plano mínimo, para a divulgação e assim o crescimento das mulheres.

A busca feminina por espaço dentro do universo do futebol é algo que vem tomando muita força nos últimos anos, o aumento é crescente de atletas que vislumbram

o futebol como forma de subsistência e meio de trabalho, assim como muitas que almejam os cargos na parte gerencial e administrativa.

Um dos periodistas ainda comenta que o fenômeno Marta trouxe uma representatividade, publicidade e chamou a atenção da imprensa e do público, partindo de um desporto de apoio zero, para algo que começou a quebrar barreiras.

Muitas mencionam que o futebol feminino, durante anos, foi o investimento destacado dos clubes que queriam algum olofote a mais, buscando o status de pioneirismo, contudo, este sector era o primeiro a ser cortado ou reestruturado quando o dinheiro começava a faltar. Sendo assim, as mulheres eram e ainda são, as primeiras a desistirem do sonho de ser jogadora profissional de futebol por perceberem, desde muito cedo, esses pontos negativos. O discurso de atleta profissional entrevistada é ilustrativo:

Na minha visão a maior dificuldade é a falta de estrutura, falta de reconhecimento pela mídia, poucas oportunidades e times investindo no futebol feminino, aí muitas meninas acabam se desmotivando e buscando outros mercados de trabalho (EA7).

Refira-se que a falta de suporte e incentivo familiar foi um dos itens menos citados como necessário para a concretização e dedicação das atletas, contudo, o incentivo dentro do ambiente escolar é um dos mais recorrentes, sendo este ponto como um dos grandes diferenciais governamentais, devendo ser o desporto escolar, na opinião massiça dos participantes da pesquisa, como uma das principais políticas públicas de desenvolvimento do futebol feminino, eis que a idade escolar é a mais propicia para desmistificar padrões.

Para uma das participantes, se está diante de uma cadeia relacional viciosa, sendo que o primeiro problema encontrado é o apoio familiar. Na verdade, ainda existem famílias com uma visão “antiquada” e “tradicional” onde futebol é coisa de menino.

O sofrimento por falta de investimento é o que mais assombra as atletas e, claro, além disso há uma cobrança social para que “as sonhadoras” sejam mesmo atletas profissionais e não tenham que jogar futebol apenas como hobby e ter que trabalhar em outras areas para manterem-se.

Sobre esse círculo vicioso que cria a dúvida do que deveria vir primeiro, o incentivo e fomento ou algo que dê retorno financeiro para ser investido, os responsáveis por equipas ou gestores e clubes que participaram desta pesquisa mencionaram que: “O ciclo vicioso entre a falta de recursos e a falta de retorno/visibilidade (faltam

investimentos, portanto não existe visibilidade, da mesma forma que falta visibilidade, por isso não existem investimentos) é um dos principais fatores para que nosso clube relute em investir nas mulheres” (EP2).

Os periodistas também acreditam e utilizam o termo de “ciclo vicioso” para afirmar que, como os demais desportos, o futebol feminino é prejudicado por esta sequência de falta de incentivo e de publicidade, que gera falta de qualidade no mesmo, que gera menor audiência e que, conseqüentemente, vai gerar menor publicidade e assim, sucessivamente.

Essa batalha de crescimento e empoderamento feminino dentro do desporto é árdua e ainda será por anos, uma vez que na sociedade está enraizada a noção de que “desde a infância o menino é socializado ao futebol, jogam e sonham em jogar como um de seus ídolos, ao contrário das meninas que são criadas e persuadidas a praticarem esportes e brincadeiras consideradas femininas” (Magalhães, 2008, p. 27-28).

Seguindo esse caminho, percebemos, através da pesquisa realizada, um padrão quando se refere a quem deve-se a responsabilidade ao fomento do desporto e como tal modalidade deveria se desenvolver. Assim apresenta-se a tabela 7 a qual personifica a ideia dos entrevistados e deixa cristalino a percepção de que Estado, Clube e a sociedade em geral deveria se unir por essa causa, pautando da forma mais clássica e certa: através da educação.

**Tabela 7: Melhor forma de desenvolver e de quem é a responsabilidade**

	Atletas	Profissionais	Jornalistas
Patrocínio	1	1	2
Grupos de treinamento/Competições	3	1	X
Incentivo de marcas	1	X	X
Educação	6	3	X
Mídia	4	X	1
Políticas públicas	7	2	5
Apoio Governamental	10	4	1
Clubes/Federações	11	5	3
Todos	10	1	2
Atletas	3	X	X
Família	2	X	X

Fonte: Guiões de pesquisa

Interessante a análise deste instrumento, eis que demonstra a ligação que os entrevistados perceber do esporte com a necessidade do apoio tanto governamental como

social, ainda, claro, percebendo as entidades desportivas como detentora de direitos e obrigações.

#### 4.1.2 Políticas Públicas

São necessárias políticas públicas que criem responsabilidades para com o fomento e o desenvolvimento do futebol feminino. A recolha de dados realizada com as entrevistas revelam três tipos de atores coletivos que devem ser responsabilizados por instituírem políticas de desenvolvimento da modalidade: a sociedade, as federações e o poder público:

O fomento do esporte, não apenas do futebol feminino, passa por diversas ações conjuntas, que envolvem, dentre outras: (i) ações do governo no sentido de criar espaços adequados, incentivar a prática, injetar dinheiro, proteger atletas, etc.; (ii) organizações e gestores qualificados, capazes de desenvolver competições e organizar atividades tanto amadoras quanto profissionais, gerar visibilidade, cativar investidores, etc.; e (iii) interesse da própria sociedade de valorizar a prática e os praticantes, de cultivar a paixão e o patriotismo e também de reconhecer os esforços daqueles que representam o país. A responsabilidade não é unilateral, mas envolve um olhar conjunto e que tem sido negligenciado. Há muito tempo (EP1).

A responsabilidade é de todos os atores, incluindo aos citados, os medias e o poder privado, que com seu poder aquisitivo poderia banhar o futebol feminino com financiamentos:

Os clubes que precisam investir e dar maior suporte, nós da imprensa que precisamos ampliar a cobertura e acompanhar mais de perto atletas e campeonatos para não cair na mesmice. Do investimento público e privado através de patrocínios sem cobrar audiência ou retorno direto para fazer o mesmo. Do público que precisa criar a cultura de acompanhar as mulheres e mostrar interesse semelhante ao do seu clube de coração no âmbito masculino (EJ1).

Os clubes são considerados como responsáveis pela necessidade de investir e dar maior suporte à formação de base, devendo equilibrar o tratamento entre homens e mulheres. Além, claro, das federações, que iniciaram – e ao olhar da maioria dos entrevistados – de forma acertada, obrigando os clubes a organizar suas equipas femininas, mesmo que a pequeno passamos, mas dando oportunidade a realização de importantes avanços no desenvolvimento desta modalidade, “os principais clubes da América do Sul - através da Conmebol - estão sendo obrigados a investir no meio. Há pelo menos três

temporadas, Grêmio e Inter ampliam cobertura e investimento na modalidade aqui no Rio Grande do Sul” (EJ4).

Assim, imprensa e clubes começam a trilhar um longo caminho que precisa ser criado com muita firmeza, para que este empenho não seja perdido lá na frente.

Um dos periodistas considera que uma das melhores formas de equilibrar o futebol feminino passaria por uma intervenção maior dos medias, os quais deveriam ampliar a cobertura e acompanhar mais de perto as atletas e campeonatos para não cair na mesmice:

Hoje, nenhuma emissora acompanha o dia a dia do futebol feminino. Não existe no Rio Grande do Sul (que e o ambito que trabalho) um(a) especialista em futebol feminino. Existem amantes do desporto que buscam maior entendimento e tentam ampliar o espaço delas nos medias, não há alguém na imprensa capaz de entender e explicar os meandros do desporto como há no centro do país (EJ5).

Por certo, o poder público deve investir financeiramente, como patrocinador, sem cobrar audiência ou retorno direto, além da criação de políticas educacionais, públicas e culturais de acompanhar as mulheres e mostrar interesse semelhante ao do seu clube do coração no âmbito masculino.

Apenas um dos entrevistados mostrou-se contra a prática realizada pela Conmebol de realizar cobranças que culminem em prejuízo aos clubes de futebol, afirmando que a “melhor forma de introduzir o desporto é na modalidade em formação, de caráter educativo nos colégios e pela Confederação Brasileira de Futebol na organização das competições” (EP1).

Criação de competições mais organizadas e com maior tempo de duração foi outro ponto muito explanado: “a criação de campeonatos com mais visibilidade e com maior duração, tanto na parte profissional quanto em categorias de base. Nosso esporte é pouco apoiado. Também ajuda na profissionalização das demais equipes”(EA5), além, claro, do enfoque de verbas governamentais destinadas à “campeonatos estaduais, assim teríamos vários estados no Brasil com campeonatos bem organizados com vários clubes de camisa” (EA7).

Uma outra ideia seria promover os incentivos fiscais e trabalhos direcionados à área de captação de verbas [“Mostrar ao empresário que o futebol feminino é um ótimo produto, seria fundamental pra alavancar o crescimento” (EJ3)], ou seja, ir atrás dos entres privados para angariar adeptos:

Acredito que uma boa política de incentivo fiscal na área esportiva ajuda, mas nada adianta se o empresariado não patrocinar. Pra isso acontecer o futebol feminino precisa ser trabalhado também como produto esportivo e de entretenimento. Com mais dinheiro e um trabalho de marca em cima da modalidade, das competições, dos clubes e das atletas seria certo o crescimento (EJ2).

Muito se falou em criação de escolinhas/academias que realmente sejam sérias e incentivem atletas mirins, dando suporte, valorizando, reconhecendo a profissão desde quando as atletas são pequenas, dando espaço e apoiando assim como fazem com futebol masculino, ensinando sempre que esporte principalmente futebol é para ambos os sexos, o que na opinião de alguns entrevistados criaria um nicho ainda maior de mercado onde mais mulheres passariam a apoiar a causa, até chegar ao patamar de ambas as modalidades serem tratadas da mesma forma ou, ao menos, cada uma das modalidades serem reconhecidas da forma que merecem.

Muitos entrevistados percebem que a melhor forma de desenvolver o desporto feminino é através da educação, seja escolar ou familiar, eis que esses personagens tem a responsabilidade de educar e formar personalidades e opiniões.

Além da crença na responsabilidade advinda do Estado, em muitas amostras percebeu-se que espera-se também uma participação vinda da sociedade, através de ações comunitárias que estimulem a prática desportiva e o amor por ver as mulheres jogar, afinal, o estímulo deve estar presente também em meio aos que consomem o produto, não apenas nos que produzem.

Para muitos, as imposições exigentes para que o desenvolvimento do futebol feminino aconteça, são uma das maiores políticas públicas, talvez a mais transformadora, por poder trazer mais perspectivas e resultados positivos. Nesta linha, parece ser adequado pensar que os órgãos internacionais deveriam investir também na obrigatoriedade do fomento de categorias de base feminina para que as desportistas tenham desde cedo a preparação adequada, uma das atletas profissionais ainda complementa.

Nesse sentido, a fim de influenciar e criar um movimento de desenvolvimento do futebol feminino amador, um grupo de mulheres do estado de São Paulo vem fazendo a diferença, ao promover encontros semanais para a prática da atividade física. O grupo, chamado “Jogue Como Uma Garota”, é composto por mais de 80 mulheres que, cansadas de ficar em casa com vergonha de sua pouca habilidade com a bolas nos pés, entram em

campo com as suas novas amigas a fim de jogar futebol, seja do jeito que for, mas praticá-lo, sem pré-conceitos ou regras.

#### 4.1.3 Perspectivas

Quando questiona-se o motivo do futebol feminino não estar num nível mais elevado e se perspectiva também onde que esta modalidade ainda chegará, cria-se, por todos, o mesmo sentimento transmitido por MAGALHÃES (2008), ao questionar em sua obra, o porquê de tanta disparidade entre homens e mulheres. Afinal “o futebol é um dos maiores negócios do planeta, envolve bilhões de dólares ao ano, através de investimentos no desporto, no marketing desportivo, na realização dos eventos, na produção e consumo de bens materiais, na comercialização das imagens de atletas” MAGALHÃES (2008, p. 35-36), conclui o autor.

É interessante para os governantes, é investimento e lucro para os comerciantes... será que realmente o futebol feminino é assim tão pouco rentável? Com esse questionamento cria-se então um espaço para pensar nas perspectivas que o futebol feminino tem em solo brasileiro, onde muitas atletas e profissionais da área acreditam que se está diante de uma luta diária por espaço, não só igualdade, uma busca de equivalência de tratamento entre homens e mulheres.

Interessante, ainda, o ponto de vista daqueles que não falam em igualdade, mas sim em crescimento, crescimento como uma modalidade autônoma, sem a comparação que existe entre mulheres e homens, apenas visando a busca pela excelência dentro das possibilidades que tendem a crescer:

As medidas envolvem a valorização do esporte e das esportistas, com a aplicação de recursos capazes de viabilizar a prática, a remuneração digna e a estrutura necessária. O futebol feminino precisa ser visto como uma modalidade rentável pelo mercado, de modo a atrair investimentos e também público. O Brasil, em razão da paixão nacional, desde sempre foi um celeiro de craques e isso também se aplica ao futebol feminino. Resta apenas conscientizar a sociedade e o próprio governo que as mulheres também devem ser promovidas e valorizadas, sem comparações, apenas tendo ênfase no seu próprio espaço e universo (EP3).

Uma única atleta mitigou a responsabilidade de todos e direcionou-a às próprias desportistas, assinalando que essas que deveriam crer e pensar nas perspectivas possíveis e cabíveis para a transformação e evolução do futebol feminino: “o futebol feminino só



vai dar certo no momento em que as próprias desportistas agirem como profissionais e terem mais responsabilidade sob suas ações e atos” (EA18).

Por fim, vale ressaltar que os discursos presentes nas narrativas dos participantes desta pesquisa confirmam que a história do futebol feminino é pautada em persistência e insistência, por histórias singulares e caminhos sinuosos que convergiram na busca de profissionalização e desenvolvimento de uma modalidade. Como MENTZ (2018, p. 48) elucida:

Mesmo com todos esses fatores, as mulheres nunca deixaram de jogar futebol. Este espaço acabou sendo constituído por corpos que conseguem expressar certa liberdade de performance, coexistindo, no mesmo lugar, diversas possibilidades de ser mulher no futebol. Nesse sentido, mesmo com a dificuldade em certos contextos históricos que atrasaram a categoria no país, o futebol de mulheres pode ser interpretado como um espaço de diversidade que resiste em manter variações de performances de gênero.

As perspectivas são demonstradas pelos participantes através do sentimento de esperança pelas práticas que já estão sendo utilizadas, como a obrigatoriedade dos clubes brasileiros terem uma equipa feminina, as – poucas – mas existentes políticas públicas tanto de realização de eventos, quanto de incentivo financeiro para que a modalidade possa progredir ao ponto de não ser considerada pelo clube apenas como uma despesa extra e sim tornar-se mais uma fonte de renda e de imagem positiva para as entidades, criando ai um “ciclo vicioso” positivo onde os investimentos começarão a existir, os medias se debruçam mais firmemente sob esse nicho de mercado, com isso haja a geração de conteúdo e formação de novos expectadores.

Parece ser cristalina a ideia de que um longo caminho deve ser trilhado e criado, com firmeza e objetivos claros, para que nada se perca em meio a caminhada, mesmo que a pequenos passos, sendo o hoje um esboço do avanço que o Brasil passará a viver nos anos que se aproximam.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de futebol aparenta ser algo fácil, pela familiaridade que a nível global existe sobre este desporto. Contudo, falar de futebol feminino mostrou-se um desafio, por ainda não ter tomado as proporções que o masculino assume e todo o produto cultural de massa que este segundo apresenta.

Apesar da tradicional desigualdade de género existente na prática do futebol, seja no (ainda incipiente) modelo amador, fundada em estilos de vida e padrões culturais que não raras vezes traduzem valores sociais conservadores e típicos de sociedades patriarcais, no Brasil, o futebol feminino está em crescimento.

Estas situações (de desigualdade, mas também de progresso) são reafirmadas nos discursos dos profissionais entrevistados, que, além de atuantes no mercado, representam opiniões e visões de diferentes realidades e localidades brasileiras e trazem, fundamentalmente, suas análises da necessidade do envolvimento e engajamento de todo os profissionais da área, além claro, de uma diária luta pela valorização do futebol feminino e do quanto é importante a participação da sociedade e dos entes públicos para que a modalidade fomenta e efetivamente se desenvolva no território brasileiro.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados. A partir da análise histórica deste tema foi possível identificar alguns dos fatores que explicam as diferentes realidades existentes na prática o futebol feminino no mundo, onde, basicamente, pontua-se o preconceito, o investimento (ou pouco investimento), as oportunidades (ou poucas oportunidades) dadas as atletas e a visibilidade (ou quase nada), atingindo assim campos económicos, sociais, culturais, políticos e tornando o mercado um ciclo vicioso poucas práticas efetivas.

Ademais, foi possível conhecer e descrever as políticas públicas existentes e algumas pensadas a longo prazo para a contribuição da promoção do futebol feminino na percepção dos entrevistados, conhecendo, assim, a opinião de atletas amadora e profissionais, especialistas, gestores desportivos e outros agentes brasileiros que operam na área do futebol feminino, no tocante a sua compreensão do mercado futebolístico feminino brasileiro e como observam as promoções que já estão sendo propostas e que de forma lidam com as possibilidades de promoções.

Importa frisar que, ao ponto que há pouco investimento, estrutura e visibilidade da modalidade, a própria pesquisa doutrinária cria limites para que exista mais ponto de coletas de dados e fundamentações para alcançar mais registros e informações.

Com isso, percebe-se que se está diante de um movimento de democracia liberal, onde através do desporto difundem-se valores sociais e um desenvolvimento de consciência para com as diferenças de géneros. Conclui-se que, na prática, as mulheres ainda sofrem, estando muito aquém do que querem ou do que os profissionais esperam. Contudo, se vê que a busca aqui não é por igualdade e sim por um espaço próprio, um reconhecimento verdadeiro.

Na teoria, políticas públicas acontecem, mas não duram ou então são permeadas de dificuldades e por menores que dificultam a utilização e implementação dos supostos benefícios, levando clubes e entidades desportivas buscarem ajuda privada. Nesse sentido, difícil a manutenção colaborativa da iniciativa privada eis que esta espera retorno positivo rápido e momentâneo, em um universo que penou até mesmo para ser reconhecido como desporto profissional.

Dessa forma, ante os documentos colhidos e as análises feitas, abre-se brechas para novas pesquisas académicas, que podem permear e concentrar-se nos mais diversos temas, objetivando apenas um dos aspectos trazido seja de cunho político, social, cultural, económico e até ideológico do futebol feminino brasileiro e suas discussões de género e equidade, considerando todos esses tópicos como fatores importantes para o sucesso, o desenvolvimento e as perspectivas que o futebol feminino representa a nível macro dentro do território brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- Anjos, L., Joras, P., S. Ramos, S. dos S. (2017). *Mulheres em Campo: Porque no futebol nada é tão óbvio assim*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte.
- B9. Rede Globo transmitira copa do mundo feminina pela primeira vez. Disponível em: <https://www.b9.com.br/100974/rede-globo-transmitira-copa-do-mundo-feminina-pela-primeira-vez>.
- Baztán, A. A., Martins, J. C. (2014). *A pesquisa qualitativa de enfoque etnográfico*. Coimbra: Grácio.
- Bueno Jr, C. R., Carvalho, Y. M. (2012). Análise antropológica de uma prática de futebol dotada de sentidos e significados. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. 11(1), 95-106.
- Caldeira, L. A. G. (2018). *Relatório final de estágio numa equipa sénior de futebol feminino de elite – Sporting CP 2016/17*. (Dissertação não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Castro, L., Máximo, M. E. (2018). Marcas de Silêncio: A invisibilidade da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura esportiva do site GloboEsporte.com. *Revista Iniciacom*. 7 (1).
- CBF. *Confederação Brasileira de Futebol*. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/>.
- Chaplin, M. (2013). *Uefa*. Disponível em: <http://www.uefa.com/women/womens-football-development/programme/news/newsid=1965657.html>.
- CIES. *The International Centre for Sports Studies*. Disponível em: <https://www.cies.ch/en/cies/home/>.
- CONMEBOL. *Confederação Sul-Americana de Futebol*. Disponível em: <http://www.conmebol.com/>.
- Costa, M. G. B. (2016). Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do pelotas/phoenix. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. 8 (31). pp.379-386. Pedagogia do Esporte: São Paulo.
- Costa, M. G. B. (2018). Um olhar sobre o campeonato gaúcho de futebol feminino adulto através das reportagens da gaucha ZH. 10 (37). pp.228-234. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*: São Paulo.
- Costa, R. P. (2011). *Pequenos e grandes dias: Os rituais na construção da família contemporânea*. (Dissertação Pública) Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Darido, S. C. (2002). Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Revista motriz*. 9 (2), p.1-7.
- ESPN. *Dois meses e três reuniões acaba com comite para futebol feminino*. Disponível em: [http://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/751354\\_dois-meses-e-tres-reunioes-depois-cbf-acaba-com-comite-para-futebol-feminino](http://www.espn.com.br/blogs/gabrielamoreira/751354_dois-meses-e-tres-reunioes-depois-cbf-acaba-com-comite-para-futebol-feminino).
- FIFA. *Football International Federation Association*. Disponível em: <https://www.fifa.com/>.

FIFA. 2.0 Vision. Disponível em: [https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/84/35/01/FIFA\\_2.0\\_Vision\\_LOW\\_neu.17102016\\_Neutral.pdf](https://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/84/35/01/FIFA_2.0_Vision_LOW_neu.17102016_Neutral.pdf).

FIFA. *Womans Football Development Programme And Guidelines*. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/women-s-football-development-programmes-and-guidelines-2015-1018-2439064-2439074.pdf?cloudid=ct5pwry0sd2gcfxkuamz>.

FIFA. *Womens Football Survey*. Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-women-s-football-survey-2522649.pdf?cloudid=emtgvxvp0ibnebltvi3b>.

Flintoff, A. (2013). *Gender, Feminist Theory, and Sport*. London: Routledge.

Franzini, F. (2005). Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. 25 (50) pp. 315-328.

Freiras Jr., M. A., Gabriel, B. J. (2018). Quantas vezes, o que e como a seleção brasileira de futebol feminino foi noticiada? Analisando a cobertura esportiva da folha de S.Paulo em 2015. *Recorde*. 11(1), pp. 1-27.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC.

Foucault, M. (2006). *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo: Graal.

Garton, g., Hijós, N. (2018). La deportista moderna: género, clase y consumo en el fútbol, running y hockey argentinos. *Revista Antropol*. 30, pp 23-42. Arqueol: Bogotá.

Gerhardt, T. E. Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gomes, Â. de C. (1996). *O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito*. 1, pp 3158. Niterói: Tempo.

Haag, F. R. (2018). O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*. 9 (14). pp. 142-160.

Hargreaves, J. (2000). *Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity*. London: Routledge.

Helal, R. Soares, A. J. Lovisoló. H. (2011). *A invenção do país do futebol: Mídea, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.

Hellmann, F. (2011). *Frauenfussball*. Disponível em: [www.stern.de/sport/fussball-wm/frauenfussball](http://www.stern.de/sport/fussball-wm/frauenfussball).

Jacobs, J. C. (2014). *Programme-level determinants of women's international football performance*. *European sport management quarterly*. 14,(5), pp. 521-537.

Knijnik, J. D., Souza, J. S. S. de. (2004). *Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira*. São Paulo: Aleph, p. 191-212.

Kotvinski, J. C. (2013). Um estudo sobre a iniciação do futsal feminino na periferia de curitiba. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. 5 (18). pp.314-321.

Magalhães, S. (2008). Memória, futebol e mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense. *Revista de História de Esporte*. 1 (2).

- Martínez, M. (1998). *La investigación cualitativa etnográfica en educación: Manual teórico-práctico*. México: Trillas.
- Máximo, J. (1999). Memórias do futebol brasileiro. *Estudos Avançados*. 13 (37), pp. 179-188.
- Medium. *A luta pela gestão feminina no futebol*. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/a-luta-pela-gest%C3%A3o-feminina-no-futebol-df6948a57e22>.
- Mentz, L. B. (2018). *Futebol de mulheres: A constituição do corpo, gênero e sexualidade nos discursos das atletas*. (Dissertação não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Moura, E. L. (2005). O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*. Porto Alegre. 22 (37), pp. 7-32.
- New York Times (2019). Disponível em: <http://www.newyorktimes.com>.
- Olabuenaga, J. I. R., Ispizúa, M. A. (1989). *La descodificación de la vida cotidiana: métodos de investigación cualitativa*. 1. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Pitasse, M. *Lei De Incentivo Ao Futebol Feminino é Aprovada no Rio*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/26/lei-de-incentivo-ao-futebol-feminino-e-aprovada-no-rio/>.
- Pires, R. T. (2017). *Fatores motivacionais para a prática do futebol feminino em dois clubes profissionais na cidade de Porto Alegre*. (Dissertação não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pisani, M. da S. (2015). Entre rezas, lágrimas, suor, menstruação e chulé: O futebol feminino em foco. *Cadernos de Campo*. São Paulo. 24, pp. 338-347.
- Prodanov, C. C., Maronez, L. A. G. (2015). Primeiro Tempo: Futebol, sociabilidade e as tensões da modernidade em Novo Hamburgo. *Revista Recorde*. Rio de Janeiro. 8 (2), pp. 1-17.
- Prosas. *Núcleos de fomento ao futebol feminino*. Disponível em: <https://prosas.com.br/projetos/4897-nucleos-de-fomento-ao-futebol-feminino>.
- Povo. *Obrigatoriedade de times femininos abre espaço para mulheres no futebol*. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/esportes/2019/03/40429-obrigatoriedade-de-times-femininos-abre-espaco-para-mulheres-no-futebol.html>.
- Radio Esporte Metropolitano. *Instalado no Rio de Janeiro comitê executivo de futebol feminino*. Disponível em: <http://radioesportemetropolitano.com/noticia/412131/instalado-no-rio-de-janeiro-o-comite-executivo-de-futebol-feminino>.
- Rigo, L. C. e Colaboradores. (2008). Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 29 (3). pp.173-188.
- Sassatelli, R. (2012). *Consumo, cultura y sociedad*. Buenos Aires: Amorrortu.

- Santos, L. B., Silva, T. D. da, Hirota, V. B. (2008). Mulher No Esporte: Uma Visão Sobre a Prática do Futebol. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. 7 (3). 119-125.
- Salvini, L., Souza, J. de., Marchi JR, W. (2015). Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. *Revista Brasileira de Educação Física Esporte*. São Paulo. 29 (4), pp. 559-569.
- Salvini, L., Marchi JR, W. (2016). *Registros do Futebol Feminino na Revista Placar: 30 Anos De História*. Motrivivência. 28 (49), pp. 99-113.
- Silveira, V. Carneiro, K. Silva, M. (2016). *Entre memórias e histórias: O percurso do futebol feminino em Cáceres-MT*. 9 (2), pp. 1-26. Rio de Janeiro: Recorde.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Teixeira. F. L. S., Caminha. I. de O. (2013). Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Revista Ensaios e Movimentos*. Porto Alegre. 19 (1), pp. 265-287.
- Teixeira, M. A. Nitschke, R. G. Paiva, M. S. (2008). Análise dos Dados em Pesquisa Qualitativa: Um Olhar para a Proposta de Morse e Field. *Rev. Rene*. Fortaleza. 9 (3), pp. 125-134.
- Ventura, T. S., Hirota, V. B. (2007). Futebol e salto alto: Porque não?. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. 6 (3).
- UEFA. *Union of European Football Associations*. Disponível em: <https://www.uefa.com/>.
- Viana S. (2008). Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. Conexões: *Revista da faculdade de Educação Física*. Campinas. 06, ed. especial, pp. 640-648.
- Youtube. Disponível em: <http://youtube.com/>.
- Williams, J. (2007). *A Beautiful Game. International Perspectives on Women's Football*. Oxford: Berg.
- Williams, J. (2011). *Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011*. Leicester: De Monfort University.

## APÊNDICE A

<b>Objetivo específico</b>	<b>Técnica de Recolha de dados</b>	<b>Perguntas a fazer</b>
<p>Compreender qual a visão que as atletas têm da sua participação dentro do desporto e como elas percebem o futebol feminino.</p>	<p>Entrevista Estruturada</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</li> <li>2) Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</li> <li>3) Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</li> <li>4) As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</li> <li>5) Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</li> <li>6) Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</li> </ol>
<p>Compreender a visão que Dirigentes/Gestores e administradores de Clubes/Advogados Desportistas têm dos investimentos e das questões que envolvem o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil</p>	<p>Entrevista Estruturada</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</li> <li>2) Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</li> <li>3) Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</li> <li>4) Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</li> <li>5) Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</li> <li>6) Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</li> <li>7) Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</li> <li>8) Que tipo de política publica seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</li> </ol>



<p>Compreender qual o envolvimento dos Medias / Jornalistas no futebol feminino e como esses o percebem.</p>	<p>Entrevistas Estruturadas</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</li> <li>2) Você acredita que a razão para o futebol feminino não ter despontado como o masculino tem a ver com a natureza histórica do nascimento desta modalidade em solo brasileiro e todas as barreiras enfrentadas pelas mulheres da época?</li> <li>3) Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Por favor, fundamente sua opinião.</li> <li>4) Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</li> <li>5) Como você avalia as medidas que estão em curso para promoção do futebol feminino no Brasil?</li> <li>6) Que tipo de política publica seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</li> <li>7) Na sua opinião, o futebol feminino tem menos público porque é pouco divulgado ou é pouco divulgado porque tem menos público?</li> <li>8) Quais medidas a mídia poderia adotar para auxiliar na popularização do futebol feminino?</li> </ol>
--	---------------------------------	---

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PERSPECTIVAS. O CASO BRASIL**, cujos objetivos e justificativas são: a) Identificar os factores económicos, sociais, culturais, políticos e outros que expliquem a diferente realidade existente de prática do futebol feminino no mundo; b) Descrever as políticas públicas (atuais e em projeto) dos organismos desportivos internacionais, orientadas para promover a prática do futebol feminino; c) Conhecer a opinião de atletas, especialistas, gestores desportivos e outros agentes brasileiros que operem na área do futebol feminino acerca das políticas públicas de promoção desta modalidade no país, e as medidas/ações que propõem.

A minha participação no referido estudo será no sentido de dar a minha opinião e visão sob o futebol feminino no Brasil.

Recebi, os esclarecimentos necessários e estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é Bruna Kellermann e poderei manter contato com ela a partir do e-mail: [brukellermann@hotmail.com](mailto:brukellermann@hotmail.com) ou via WhatsApp (51) 99791-1807.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Évora, \_\_\_\_\_ 2019.

*Nome e assinatura do sujeito da pesquisa*

## APÊNDICE C

### PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO **O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo / SP

Entrevistado: A1

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Além do preconceito, existe ainda a falta de incentivo e melhores condições, até monetárias para aquelas que buscam a profissionalização.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Preconceito e falta de visibilidade.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sim.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Divulgação dos patrocinadores, apoio de todas as formas do governo, incentive e cobrança dos clubes que já possuem times 100% femininos.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato do futebol feminino?</p> <p>Além da monetária, também o incentivo de ocupação de espaços públicos, eventos voltados ao público feminino.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Bahia

Entrevistado: A2

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Falta de visibilidade, investimento e apoio familiar.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Acredito que por eles jogarem a mais tempo na história e o esporte ter ficado conhecido através dos homens, mas nada que a luta pela igualdade não consiga alcançar essa vitória para o feminino.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Creio que sim, principalmente se for tentar entrar em jogos que a maioria são meninos.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Criando grupos de incentivo e treinamento com foco em mulheres e forte divulgação em mídias e indicações informais. A responsabilidade é de todos que apoiam e acreditam no talento feminino para o futebol/ esporte, principalmente as próprias jogadoras amadoras e marcas de uniformes e equipamentos voltados para esportes.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Maior incentivo nas escolas talvez e projetos sociais/ comunitários, com a ajuda dos cidadãos de bem e representantes políticos.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A3

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>A falta de suporte familiar, que desde muito cedo não dá apoio às meninas que querem praticar futebol é uma delas. Depois, quando mais velhas, a falta de apoio financeiro e a cobrança de uma sociedade totalmente patriarcal e machista acaba nos forçando a ser quem não queremos ser e a deixar de lado o que gostaríamos de fazer simplesmente por ser algo denominado como “coisa de homem”. Por fim a falta de lugares onde possamos nos sentiremos seguras e confortáveis no âmbito físico e mental nos desmotiva a seguir praticando o futebol.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>De forma alguma! Temos exemplos claros disso não só no Esporte, mas como no dia a dia, mulheres em profissões que exigem maior esforço físico podem fazer muito melhor que homens, e vice-versa. Capacidade física não é definido pelo gênero, mas talvez pelo biotipo de cada pessoa.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>O machismo é a causa estrutural para isso, vivemos um sistema que nos desmotiva a fazer coisas denominadas como “coisas de homem” (quem será que inventou esse termo ou delimitou essas ditas coisas??!) a lavagem cerebral sofrida por gerações e gerações atrás, nos contaminou e foi passada adiante, por isso não temos credibilidade para chamar a atenção de maneira positiva para isso.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Infelizmente ainda vivenciamos que o preconceito é muito grande. O simples fato de querer praticar um esporte não deveria causar tanto desconforto no sexo oposto e até mesmo entre nós.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Acredito que a melhor forma é educando as novas gerações e quebrando as barreiras dos estereótipos. É preciso não julgar ninguém e isso é difícil pois somos educados a julgar o que vemos desde muito cedo nas nossas vidas. É um trabalho de dia a dia, um passo de cada vez e uma mente fechada de cada vez. A motivação que damos umas às outras é primordial e muito importante para esse processo, para que se somem cada vez mais mulheres ao movimento, deixando um legado para as futuras gerações.</p> <p>A responsabilidade é em parte do Estado, da mídia, e da sociedade em geral que “consome” informação e que deve cobrar mais igualdade e empatia desses órgãos.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p>

O esporte deveria ser direito de todos, sem divisão de gêneros. A política pública deveria incentivar igualmente os dois. Criando locais apropriados e gratuitos para a prática de esportes.

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A4

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Ser reconhecida pelo seu talento, receber as mesmas contribuições e remuneração que um jogador teria.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não acho, gênero não define as habilidades e nem capacidades de ninguém.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Falta de apoio, falta de divulgação da mídia, com pouca divulgação não é gerado lucro, e se não gera lucro, deixa de ser interessante para muita gente.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Infelizmente sim, muitos acham que esse tipo de esporte, não pode ser bem praticado por uma mulher, que ela joga para chamar atenção ou só porque está na “moda”.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Todos são responsáveis, às vezes você nem precisa apoiar, mas só de não ficar fazendo piadas machistas e nem criticando, já ajuda. Eu acho que a mídia é um dos principais responsáveis para o desenvolvimento do esporte feminino, porque é através da mídia que às coisas acontecem.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Criar leis que exijam que os salários e benefícios sejam iguais para todos, independente se é um jogador ou jogadora.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A5

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Há diversas dificuldades, mas a falta de espaço devido ao preconceito imposto pela sociedade impede que o futebol feminino cresça em meio ao masculino.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Acredito que não defina, mas há uma diferença genética que faz com que os homens se sobressaem em alguns aspectos, principalmente físico.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>O país é pouco desenvolvido em relação aos países europeus. Apenas aqui o futebol feminino não aparece na mídia e não tem tanta visibilidade. Acreditam que apenas o masculino possa trazer público.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sofrem sim, a cultura do nosso país é totalmente voltada ao futebol masculino. O preconceito começa mesmo na escola, onde as meninas devem jogar vôlei enquanto os meninos futebol.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Incluindo categorias de base direcionadas ao futebol feminino facilitaria o desenvolvimento da categoria. Os grandes clubes ou as federações de cada estado deveriam impor isto.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Criação de campeonatos com mais visibilidade e com maior duração, tanto na parte profissional quanto em categorias de base. Nosso esporte é pouco apoiado. Também ajuda na profissionalização das demais equipes.</p>



**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A6

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Olha, eu acho que o preconceito. hoje em dia o preconceito ainda é muito grande. falam que futebol é coisa de homem, que mulher não serve para jogar bola. tem muita diferença do tratamento para os homens e para as mulheres. o futebol feminino não tem muita visibilidade, falam que é para melhorar, mais parece que só piora.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>A tem sim uma diferença, sempre fazemos amistoso contra os guris, eles são mais velozes, mais fortes, não tem nem como comparar a força deles com a nossa... mais em questão de habilidade, tem gurias que são mais habilidosas que os guris.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Justamente pelo preconceito que citei acima ... Quando acabar esse preconceito, quem sabe teremos um pouco mais de visibilidade.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Com certeza. tem gurias que dão motivos... não é porque joga futebol que precisa se vestir como homem... mas isso também não justifica esse preconceito todo.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Acho que a maior responsabilidade é de nós mesmas. Devemos agir como profissionais, ter responsabilidades... Tem muitas atletas que não agem como profissionais, e as vezes o grupo todo responde por uma.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Talvez se tivesse mais mídia, mais divulgações, assim o futebol feminino seria mais visto.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: A7

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Na minha visão a maior dificuldade é a falta de estrutura, falta de reconhecimento pela mídia, poucas oportunidades poucos times, clubes quem não investem no futebol feminino, aí muitas meninas acabam se desmotivando e indo trabalhar cedo em outras áreas</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Na minha opinião, não isso não interfere na performance</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>futebol masculino sempre teve muita visibilidade a mídia promove muitos jogadores já no futebol feminino isso dificilmente acontece, acho que por falta de interesse da própria confederação brasileira</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Já sofreu bastante, mas hoje estamos em um outro momento em que temos um campeonato brasileiro bem organizado, mas ainda tem muita resistência de grandes que não aceitam futebol feminino é isso para mim ainda é um tipo de preconceito</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidade tem que ser em primeiro lugar da confederação em promover campeonatos desde categoria de base até adulto, e do interesse dos clubes em investir na modalidade...</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>governo teria que destinar verba somente para campeonatos estaduais, assim teríamos vários estados no Brasil com campeonatos bem organizados com vários clubes de camisa</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A8

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Quadras públicas sempre há a competição com homem, não é seguro contra assédio ou abuso da masculinidade para cima da gente. Em lugares que se reserva quadra, eles sempre dificultam a reserva e encarecem o preço. Se tivéssemos espaços mais bem divididos, talvez a procura fosse maior. Espaço na mídia também é escasso, o que passa a falsa ilusão de que não existe espaço para o esporte feminino.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>eu gostaria que houvesse uma resposta mais tangível e que fizesse mais sentido com resoluções práticas e rápidas, mas a resposta dessa pergunta é milênios de patriarcado e machismo, milênios de homens podando e diminuindo as mulheres a ponto de sermos excluídas de situações sociais simples como um futebol.</p>
<p>4) As mulheres sofrem muito preconceito por quererem jogar futebol?</p> <p>Eu, por sorte, nunca sofri preconceito e sempre vivi e me sustentei do futebol, mas sei que sou uma exceção à regra.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>a melhor forma de desenvolver o esporte feminino é através da educação, seja na escola ou com a família. E a responsabilidade dos educadores e/ou formadores de personalidade. Acho importante o papel da família e escola nesse sentido.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>incentivo de patrocínio aos clubes de esporte feminino. Incentivo de visibilidade na mídia. Valorização do trabalho da educadora física. E talvez, algum programa de reforma de quadras públicas e aumento das quantidades destas quadras. As meninas do Magic Minas treinam em uma quadra pública em bairro relativamente nobre, e quem reformou e pintou a quadra lá foram elas, sem ajuda ou incentivo do governo nenhum.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Santa Catarina

Entrevistado: A9

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Existem várias dificuldades dentro do cenário futebol feminino, um deles é a falta de profissionalização. Existem poucos clubes que oferecem estrutura e incentivo profissional. Não existe diversidade em relação a categorias de base femininas no cenário brasileiro.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>De maneira alguma, nem gênero e nem nada diferem pessoas, qualificando-as ou não, e isso não está somente relacionando ao tema futebol feminino, abrange a sociedade de modo geral. Nós seres humanos com igualdades de oportunidades somos capazes de alcançar todos objetivos.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Dinheiro. Acredito que a mídia está diretamente voltada a fins lucrativos, e o futebol feminino por não ter grandes investidores não atrai público, e os clubes não trabalham a imagem desta modalidade. A própria mídia torna a modalidade "pouco atrativa" e com isso sem intenções de grandes divulgações.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Atualmente um pouco menos. Talvez pela constante briga de espaço e reconhecimento. Mas quem começou na modalidade a um tempo atrás sabe exatamente a diferença de preconceito. Mas ele ainda existe, só esperamos que um dia tenha fim essa discriminação</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Políticas que visam o fomento da modalidade, incentivos que sejam diretamente voltados ao crescimento e profissionalização do futebol feminino. A briga por igualdade de oportunidade e estruturas de trabalhos (dignos). Juntamente com a valorização salarial, quem sabe uma imposição na cultura machista, através de obrigatoriedades para os clubes nacionais. Basear-se na cultura de valorização feminina de países mais desenvolvidos.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Investimento na escola</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A10

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Falta de incentivo para iniciar a carreira/ falta de suporte financeiro e estrutural para treinamentos e sustento;</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Com certeza não! O desenvolvimento como atleta se dá pelo esforço colocado nas atividades realizadas e comprometimento com a evolução e objetivo;</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>A principal barreira, infelizmente, é o machismo e patriarcado. A proibição de mulheres ocuparem a mesma posição que os homens, até hoje é muito forte na questão de ocupação de cargos e exercício de carreiras. Sendo desportivas ou não;</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Com certeza! Ainda somos muito estereotipadas no que diz respeito ao futebol, principalmente. Considerado um esporte massivamente masculino, as mulheres que o praticam são taxadas de sapatonas, indelicadas. Fora a falta de incentivo de empresas ou dos próprios clubes, para a evolução da modalidade.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Com políticas de incentivo, que a princípio, podem parecer agressivas, porém são necessárias para que a modalidade comece a crescer e ganhar visibilidade e respeito. Como, por exemplo, a obrigatoriedade da criação de times femininos, de clubes que participarão de campeonatos oficiais nas modalidades masculinas. Caso não se cumpra, o time fica impossibilitado de tal participação.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Patrocínio de grandes marcas, parceria com clubes, exibição das profissionais em comerciais e propagandas. Divulgação em jornais de esportes, nacionais e internacionais, dos campeonatos, tabelas de classificação e jogos que seguirão.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A11

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>O machismo, que conseqüentemente, não permite haver investimento no futebol feminino como um todo.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Machismo. Cenários que são considerados pertencer ao homem, o espaço para a mulher é o 0,000001% do que seria para eles. Logo, o investimento em visibilidade será mínimo.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Eu gostaria que houvesse uma resposta mais tangível quando falamos de preconceito e a forma que a mulher é tratada e vista pela sociedade, e que fizesse mais sentido com resoluções práticas e rápidas para que isso pudesse parar de acontecer, mas a resposta dessa pergunta é milênios de patriarcado e machismo, milênios de homens podendo e diminuindo as mulheres a ponto de sermos excluídas de situações sociais simples como um futebol.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A melhor forma é dar oportunidade. É investir. É tratar como igual para homem e mulher. E a responsabilidade para mim é dos clubes e principalmente dos grandes, pela visibilidade. Campanhas de incentivo ao futebol feminino são de grande efeito.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Campanhas que falem sobre equidade e estender o discurso para a prática de esportes.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio de Janeiro

Entrevistado: A12

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>A maior dificuldade é porque homens são sempre prioridades, investem mais no futebol masculino, só o futebol masculino aparece nas grandes redes de TV, com isso o futebol feminino acaba sendo desvalorizado, não tendo grande suporte, por falta de investimento, o que acaba deixando atletas boas sem clubes, fazendo com que boa parte das mulheres desistam de ser atletas, sem contar que o salário é bem menos do que um jogador masculino ganha, o que é totalmente desrespeitoso já que ambos exercem a mesma função, então não deveria haver essa desigualdade. O esporte é o mesmo para ambas das partes.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não! O fato de ser homem ou mulher é irrelevante, existem grandes atletas no futebol feminino que dão um show de bola, melhor que muito homem por aí, o foco, o desempenho, a performance varia de acordo com a qualidade do atleta, tem homens melhores que mulheres mas existem mulheres melhores que homens no mundo do futebol, é questão de habilidade, raça, força de vontade e isso ambas das partes podem ter.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Porque desde que o mundo é mundo, mulheres lutam para ter espaço, ter igualdade social, o que hoje em dia no mundo do futebol ainda temos muita dificuldade, por falta de investimento nas atletas femininas, os clubes sempre focam no futebol masculino, porque como ouvimos desde pequenos futebol não é coisa de mulher, então acaba que ainda existe um pouco de preconceito, o que torna o futebol feminino menos visado.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sim! Na maioria das vezes porque como já disse ainda existe um certo preconceito de pessoal acharem que futebol não é coisa de mulher!</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Dando mais oportunidade para jogos femininos terem espaço nas grandes redes de TV assim como os masculinos, porque teriam mais visibilidade e assim seria um meio de ser valorizado, os clubes investirem de verdade nas atletas e não só por ser uma obrigação todo clube ter um time feminino, a grande responsabilidade é do governo por dar mais suporte e investir mais em atletas masculinos do que em mulheres.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>O governo e clubes criarem escolinhas que realmente sejam extremamente sérias, que incentivem atletas mirins, deem suporte, valorização, reconhecimento desde pequenas, dando espaço e apoiando</p>

assim como fazem com futebol masculino, ensinando sempre que esporte principalmente futebol é para ambos os sexos, sendo assim mais mulheres apoiariam a causa pois iriam notar o grande reconhecimento, a daqui a alguns anos o futebol feminino e masculino seriam tratados da mesma forma.



**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Mato Grosso

Entrevistado: A13

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Na minha opinião a maior dificuldade é o apoio e a visibilidade ao futebol feminino.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não, acho que qualquer ser humano independente de gênero pode e consegue alcançar qualidade e desempenho.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Machismo, isso que atrapalha o crescimento do futebol feminino no nosso país.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sim.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A melhor forma é melhorar a visibilidade, incentivo, lugares mais acessíveis e seguros. A responsabilidade é do Ministério Público juntamente com a Secretaria de Esportes e Prefeitura.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Lugares acessíveis, seguros, apoio de clubes.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio de Janeiro

Entrevistado: A14

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Acredito que a maior dificuldade é o incentivo dentro e fora de casa, lugares que tenham ou deixem garotas jogarem futebol, mesmo que não seja em um time exclusivo de mulheres. Mas em sua própria casa a mulher sofre o preconceito de gostar de jogar futebol.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Jamais, inclusive nós mulheres fazemos tudo o que os homens fazem muito melhor que os próprios homens, foi algo imposto pela sociedade, porém não é e nunca foi uma realidade.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Acredito que a menor visibilidade do futebol feminino é uma questão histórica e sociológica, onde nunca foi dado valor a mulher participar, não só do futebol, mas sim da maioria dos esportes. Tem muitas pessoas ainda que não sabem que existe copa do mundo feminina, porque copa do mundo é só aquela com Neymar, Fenômeno e outros. O machismo da sociedade em um todo, faz com que até nós mulheres que gostamos de futebol, na maioria das vezes também não de o valor necessário aos esportes praticados por mulheres. Posso falar por mim, até entrar no projeto e me atentar mais sobre as lutas feministas não sabia que iria haver copa do mundo esse ano feminino, porque a meu ver seria apenas daqui quatro anos no Catar.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sim!!! Uma forma de defesa é o ataque, e quando nos disponibilizamos a entrar em um “universo masculino” piadas prontas como sabe o que é um impedimento? Em qual posição joga? São corriqueiras em rodas de homens que acham que entendem de futebol quando tem uma mulher. Assim acaba influenciado a mulher a não mais querer participar ou falar sobre ele. É logico que em uma visão generalista, porque em meu caso já não mais me importo com isso, mas já tive muita vergonha de conversar sobre o assunto por esses motivos, ou seja, falo por mim que sofremos muito preconceito sim em querer jogar futebol.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidade é muito relativa, vai desde a mulher que se deixa ser influenciada pelo preconceito e acaba deixando de fazer algo que lhe é prazeroso. Tem a responsabilidade de quem faz a divulgação que deixa a desejar quando se fala em esporte ou mulher, só sobressai quando é algo de superação, caso contrário não tem o mínimo valor, tem a parte social do governo que investe o mínimo ou muitas vezes não investe em esportes femininos, ou seja, há uma parcela de responsabilidade para cada um. A melhor forma de desenvolver o desporto feminino em um primeiro momento são ações como essas do projeto, que reúnem as mulheres e as próprias mulheres juntas acabam uma dando força a outra e dando voz ao movimento, outra forma é grandes marcas</p>

alavancando essas ideias e colocando em seu marketing, não só no mês da mulher, mas sempre que somos iguais e que podemos jogar futebol sim.

6) Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?

Sobre política pública no esporte confesso que sei pouco para opinar, mas acredito que da mesma forma que o incentivo vem para os garotos, desde criança deveriam ser para as garotas.

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: São Paulo

Entrevistado: A15 – Aline Pelegrino (Capitão da Seleção Feminina de Futebol)

Entrevistado divulgado com autorização\*

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Acredito que ainda seja a falta de oportunidade, o futebol já tem uma estrutura burocrática no Brasil, onde todos sabem o que fazer, uns fazem melhores outros piores, mas todo mundo sabe o que precisa fazer para ter um jogador profissional, um clube profissional, uma gestão profissional... Porém essa estrutura não considera que as mulheres façam parte dessa demanda, então as escolas de futebol não consideram dar um espaço para as meninas iniciarem no futebol, o clube acha que não tem demanda para ter categoria feminina, e aí entramos num ciclo vicioso.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Com certeza NÃO... homens e mulheres tem diferenças biológicas, porém o que determina a performance desportiva é o lastro esportivo, o cumprimento das etapas do desenvolvimento esportivo, o investimento... e por falta de oportunidade as mulheres saem muito atrás.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Pelo histórico proibitivo, a masculinização do esporte e a falta de vislumbrar no futebol feminino dinheiro.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Já foi pior, mas creio que atualmente, principalmente as atletas de alta performance já possuem um lugar de melhor expressão dentro do universo do futebol.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Entendo que seja uma responsabilidade de todos, setor público, privado e terceiro setor.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Imagino que uma política pública que esteja atrelada as escolas, mas infelizmente me parece utopia da minha parte.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Mato Grosso

Entrevistado: A16

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Há poucas oportunidades, poucos times, clubes que invistam no futebol feminino, aí muitas meninas acabam se desmotivando e indo trabalhar cedo em outras áreas</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não, mas muitos que acreditam nisso, muito provavelmente possuem uma mente machista e arcaica, pensando que o futebol foi feito por homens para os homens.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Existem vários, mas eu acho que o maior é o preconceito de que mulher não sabe jogar.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Estamos vendo algumas mudanças, os clubes estão realmente começando a investir no futebol feminino, graças a obrigatoriedade que a CBF impôs, com isso, passamos a ganhar salários mais dignos e poder hoje nos dedicar exclusivamente à nossa paixão, o futebol!</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Criando mais oportunidades para que os grandes clubes desenvolvam o futebol feminino. A responsabilidade é do governo e das entidades desportivas privadas.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Acho que incentivos fiscais seriam muito importantes para o desenvolvimento e fixação do futebol feminino no Brasil.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: A17

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Vejo um ciclo corriqueiro de falta de investimento e quando isso acontece, como a modalidade é pouco divulgada, o retorno para que investe é mais tardio, o que, no fim, atinge apenas um grupo: as atletas profissionais de futebol.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não, mas a estrutura que os homens têm são muito boas, o que facilita muito o seu destaque.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>A falta de investimento.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Já sofri bastante, mas hoje estamos em um outro momento em que temos um campeonato brasileiro bem organizado, mas ainda tem muita resistência dos grandes clubes que não aceitam o futebol feminino, e isso pra mim ainda é um tipo de preconceito</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o esporte feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidade é de todos, das atletas que as vezes deveriam ter mais compromisso com sua profissão, dos clubes, do governo em realizar mais competições.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Acho que benefícios fiscais e realização de competições que durassem mais tempo.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio de Janeiro

Entrevistado: A18

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>A falta de oportunidade, isso porque por melhores atletas que possamos ser, muitas vezes temos que nos desdobrar em mais de um trabalho para poder em horário extra, nos dedicar ao futebol.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>A falta de divulgação da mídia e o preconceito do machismo que ainda impera neste seguimento.</p>
<p>4)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidades é das entidades desportivas e das federações que deveriam criar mais competições.</p>
<p>5)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Incentivo para que os clubes consigam desenvolver suas equipes e mantê-las.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Incentivo financeiro e fiscal.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Santa Catarina

Entrevistado: A19

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Acho que vai ser sempre a batalha contra o machismo e a cultura “tradicional” brasileira que acredita que futebol não é coisa para a mulher.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não, porque vemos que muitas atletas chegam ao mesmo nível que os homens, desde que disponíveis os mesmos mecanismos. mas claro, que em alguns quesitos, não podemos ser hipócritas e falar que os homens não se destacam, assim como em outras as mulheres se destacam mais.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>A falta de investimento e de interesse da mídia que é a formadora de opiniões de uma sociedade, principalmente em um terceiro mundo.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Ouçõ reclamações, mas nunca sofri. Viver em um mundo masculino requer um certo filtro, requer que em algum momento relevamos algumas coisas/atitude/pensamentos, por isso nunca me senti atingida.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Acho que iniciando nas famílias, partindo para as escolas... criando crianças conscientes de que não deve haver diferença de gêneros e que todos podem fazer tudo, desde que tenham vontade. Acho que a responsabilidade é de todos.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Policiais publicas sociais e educacionais, criando e despertando desde cedo o amor das meninas pelo futebol.</p>



**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio de Janeiro

Entrevistado: A20

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>O machismo e todo o preconceito que vem junto com ele.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Tecnicamente não, mas na prática há, principalmente porque os homens possuem mais estrutura para alcançar seus objetivos. Mas sinceramente, nem deveria existir diferenciação de sexo quando o assunto é esse.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>A visão arcaica do esporte onde o homem vem sempre em primeiro lugar. Os meios de comunicação tratam assim, os investidores tratam assim, os clubes tratam assim...</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Hoje em dia o preconceito ainda é muito grande, falam que futebol é coisa de homem, que mulher não serve pra jogar bola, há diferença no tratamento! Falam que é pra melhorar, mais parece que só piora</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Dando mais oportunidade e investindo mais no futebol feminino. A responsabilidade é dos clubes que deveriam investir e dar mais suporte para as equipes femininas de futebol.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>A criação de escolinhas de futebol feminino para a valorização da modalidade desde a primeira infância.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: A21

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Existe várias formas e formatos de dificuldades, mas creio que todas vem enraizadas na cultura machista em que o futebol feminino foi desenvolvido, sendo que algumas atletas sofrem em casa, outras na escola e muitas sofrem em busca de oportunidade.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Jamais. Talvez o biótipo das pessoas, dentro da mesma modalidade, defina qualidade e desempenho, mas não gênero.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Pelo motivo de que as pessoas desconhecem e minimizam sua existência, seja pela falta de investimento na modalidade, seja pela pouca propagação do futebol feminino pela mídia.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sofremos, mas acredito que hoje nos tornamos instrumento da mudança para as atletas do futuro.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Incentivando desde cedo, para que a meninas entendam que jogar futebol também pode ser uma profissão para elas e que os clubes saibam que existem profissionais capacitadas desde cedo, valendo assim o investimento deles. Acho que a responsabilidade é da sociedade em geral.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Academias para o desenvolvimento do futebol feminino, desde jogadoras até comissão técnica.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Bahia

Entrevistado: A22

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Existem muitas, mas penso que a falta de incentivo seja a maior. seja ela não vinda dos pais, dos clubes ou do governo.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não. Talvez fisiologicamente falando um indivíduo tenha mais qualidade e desempenho que outro, mas isso não significa que deve ser diferenciado entre homem e mulher, pode sim ser dentro de uma mesma classe.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Eu culpo muito a mídia, afinal, para o homem médio ela é a maio formadora de opiniões, além de claro, ser distribuidora de informações.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Penso que já foi pior, hoje, com todos os discursos de empoderamento feminino e de diferença de gênero, as mulheres atuantes em áreas que antigamente eram masculinas, vem ganhar destaque.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidade é de todos.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Penso que seria interessante políticas públicas de incentivo social, mas também mecanismos de incentivo fiscal e financeiro para que as entidades desportivas pudessem fazer mais coisa.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Mato Grosso

Entrevistado: A23

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Existem diversos motivos que poderiam ser elencados para que as mulheres não estejam no mesmo nível que os homens dentro do futebol, uma dessas dificuldades sem dúvida inicia dentro de casa, porque muitos não acreditam, principalmente pelo machismo instaurado nas famílias tradicionais brasileiras que uma mulher pode ser jogadora.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não, mas eles têm mais mecanismos para o aperfeiçoamento.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Falta de investimento que gera pouco público, que não abre oportunidades de novos eventos e campeonatos para as mulheres</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Sim, principalmente das pessoas mais próximas.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Acredito que a melhor forma de desenvolver o futebol feminino é através de políticas de desenvolvimento infantil e familiar. A responsabilidade é da sociedade como um todo e claro, dos entes governamentais.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato do futebol feminino?</p> <p>Ações educacionais, eventos educacionais.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Mato Grosso

Entrevistado: A24

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Investimento e oportunidades.</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Não</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>A mídia e o preconceito.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Muito.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Não sei dizer qual é a melhor forma, nem de quem é a responsabilidade, mas nós estamos fazendo a nossa parte na luta contra o preconceito e a diferença de gêneros, nos juntamos todas as semanas para jogar futebol como uma garota, com pouca qualidade técnica, mas muito amor pelo desporto</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato do futebol feminino?</p> <p>Com mais campeonatos.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Atletas

Estado: Minas Gerais

Entrevistado: A25

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>A Falta de visibilidade e de investimento, são, com toda certeza, o ponto que mais dificulta manter-se como jogadora de futebol</p>
<p>2)Você acha que gênero (ser homem ou mulher) define qualidade e desempenho/performance desportiva?</p> <p>Em alguns casos até define, mas creio que haja mulheres tão boas quanto homens, contudo, normalmente elas não entram para as estatísticas ou são mal treinadas.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade (aparecer menos na mídia) que o masculino?</p> <p>Um ciclo vicioso entre falta de investimento, falta de expectadores e falta de fomento da mídia, que daí falta expectadores e que daí não dá dinheiro para quem investe ou deveria investir.</p>
<p>4)As mulheres sofrem muito preconceito por querer jogar futebol?</p> <p>Já foi pior, mas sofre.</p>
<p>5)Qual a melhor forma de desenvolver o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A melhor forma é através de políticas públicas pensadas por mulheres, para mulheres. A responsabilidade é de todos, mas principalmente do governo que deveria desenvolver o futebol feminino na escola.</p>
<p>6)Que tipo de política pública (incentivo do governo) seria eficiente para a promoção e fixação, de fato do futebol feminino?</p> <p>Aulas.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Os Mídias

Estado: Mato Grosso

Entrevistado: J1

Responda a mão ou digitalmente\*

1)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?

Não existe uma razão apenas para que o futebol feminino seja menosprezado em relação ao masculino, mas várias. Primeiro, histórico. No Brasil, as mulheres tiveram que lutar e lutam até hoje em busca de igualdades de direitos e oportunidades. O futebol, até hoje, muitas vezes é visto como ambiente masculino. Por não ter oportunidade, a mulher brasileira também tem uma cultura crescente de jogar futebol. Logo, o "país do futebol", na verdade, sempre foi o "país do futebol masculino". Com a chegada do fenômeno Marta, as mulheres ganharam uma representatividade e passaram a chamar a atenção da imprensa, público, publicidade e sociedade como um todo. Assim, o esporte que sempre teve zero apoio do todo, passou a ter uma representante para quebrar barreiras. Afinal, assim como os demais esportes que não o futebol masculino, as modalidades vivem um ciclo vicioso no Brasil: falta de incentivo de publicidade, que gera falta de qualidade no mesmo, que gera menor audiência e que, conseqüentemente, vai gerar menor publicidade e assim sucessivamente - mas sem dúvida, tudo pautado no machismo, e talvez esse seja o principal obstaculo para a modalidade do futebol feminino despontar

2)Você acredita que a razão para o futebol feminino não ter despontado como o masculino tem a ver com a natureza histórica do nascimento desta modalidade em solo brasileiro e todas as barreiras enfrentadas pelas mulheres da época?

Sem dúvida. O ano é 2019 e a Conmebol teve que obrigar as equipes tradicionais a apoiarem o futebol feminino sob pena de não participar da Taça Libertadores da América. Infelizmente (ou felizmente) teve de nascer um fenômeno chamado Marta para que o futebol feminino fosse visto por todos quase como que com igualdade (ainda estamos longe de lá). Não fosse a Marta, provavelmente a luta das mulheres estaria muito atrasada por conta do preconceito.

3)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Por favor, fundamente sua opinião.

Não. Assim como no basquete, vôlei e demais esportes, uma mulher não é menos atleta ou não tem uma performance menos adequada em alto nível que um homem. São gêneros diferentes na mesma modalidade. É claro que, por conta de o futebol feminino ser menos difundido no Brasil, as condições de treinamento, jogo e todo são absolutamente diferentes. Logo, as mulheres possuem menos estrutura para poder se desenvolver e acredito que em um futuro bem próximo isto possa se refletir dentro de campo também. Porém, as comparações técnicas com o futebol masculino não podem existir, assim como não existem nos demais esportes.

4)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?

responsabilidade é de todos. Os clubes que precisam investir e dar maior suporte, nós da imprensa que precisamos ampliar a cobertura e acompanhar mais de perto atletas e campeonatos para não cair na mesmice. Do investimento público e privado através de patrocínios sem cobrar audiência ou retorno direto para fazer o mesmo. Do público que precisa criar a cultura de acompanhar as mulheres e mostrar interesse semelhante ao do seu clube de coração no âmbito masculino

<p>5) Como você avalia as medidas que estão em curso para promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Creio que ou são pouco tangíveis, ou pouco minimalistas, isso porque, o Brasil, um país de proporções continentais possuindo os poucos campeonatos femininos que têm hoje ou atletas ganhando o pouco que ganham, é reflexo de medidas pouco efetivas ou quase nulas.</p>
<p>6) Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Apoio público e privados e incentivos fiscais.</p>
<p>7) Na sua opinião, o futebol feminino tem menos público porque é pouco divulgado ou é pouco divulgado porque tem menos público?</p> <p>Acredito ser um ciclo vicioso de falta de interesse, falta de retorno financeiro, falta de investimento para fomento, pouca mídia, pouco retorno financeiro.</p>
<p>8) Quais medidas a mídia poderia adotar para auxiliar na popularização do futebol feminino?</p> <p>Tornar o esporte feminino mais atrativo aos olhos dos expectadores, principais fomentadores do desporto e criadores de receita para quem investe neste mercado.</p>



**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Os Mídias

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: J2

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Acredito que a menor visibilidade do futebol feminino em relação ao masculino é um extrato da sociedade patriarcal em que vivemos. Enquanto homens se reafirmam, sistematicamente, como “fortes”, “guerreiros”, os mesmos adjetivos não são atrelados as mulheres. Por essa lógica equivocada, portanto, quando a competição é masculina a coisa é mais “séria” do que quando é feminina. Essa é uma cultura antiga e difícil de desfazer. As diversas vertentes do feminismo têm e terão papel importante na visibilidade das atletas competidoras, não só no futebol, mas em toda modalidade esportiva.</p>
<p>2)Você acredita que a razão para o futebol feminino não ter despontado como o masculino tem a ver com a natureza histórica do nascimento desta modalidade em solo brasileiro e todas as barreiras enfrentadas pelas mulheres da época?</p> <p>O machismo é uma epidemia mundial longa e, creio eu, esse seja o principal obstáculo para a modalidade do futebol feminino despontar. O fator local não me parece tão relevante neste caso.</p>
<p>3)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Por favor, fundamente sua opinião.</p> <p>Não acredito que gênero defina performance. Além do mais, a definição de qualidade de uma performance deve sempre ter um balizador. Para mim um exemplo prático é quando tentam comparar jogadores de futebol de épocas diferentes. Não me parece justo esse comparativo, já que há grandes diferenças de contexto entre um período e outro. O futebol de 1970 é um, o de 1990 é outro, o futebol dos juniores é um, o profissional é outro, o masculino é um, o feminino outro. Cada categoria tem seu próprio balizador de performance.</p>
<p>4)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Acredito que uma boa política de incentivo fiscal na área esportiva ajuda, mas nada adianta se o empresariado não patrocinar. Para isso acontecer o futebol feminino precisa ser trabalhado também como produto esportivo e de entretenimento. Com mais dinheiro e um trabalho de marca em cima da modalidade, das competições, dos clubes e das atletas seria certo o crescimento.</p>
<p>5)Como você avalia as medidas que estão em curso para promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Em verdade não se percebe muitas medidas em curso. O que é saliente é que o governo provo algumas leis de incentivo, mas não sei o quanto essas são realmente utilizadas.</p>
<p>6)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Creio que para a fixação do futebol feminino deveriam ser realizadas políticas públicas dentro de escolas, fomentando, fortalecendo e despertando desde cedo o interesse das meninas no futebol, tirando o preconceito de que esse esporte é apenas masculino.</p>
<p>7)Na sua opinião, o futebol feminino tem menos público porque é pouco divulgado ou é pouco divulgado porque tem menos público?</p>

Creio que os maiores culpados sejam nós da mídia que pouco difundimos este Mercado, uma vez que atualmente, não gera tanta receita quanto o masculino.

8)Quais medidas a mídia poderia adotar para auxiliar na popularização do futebol feminino?

Incentivo, nos mais diversos mercados.

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Os Mídias

Estado: Distrito Federal

Entrevistado: J3

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Sem dúvida isso é reflexo da sociedade patriarcal e machista em que vivemos, uma base arcaica que se mantém na atualidade e diminui as mulheres nos mais diferentes mercados de trabalho.</p>
<p>2)Você acredita que a razão para o futebol feminino não ter despontado como o masculino tem a ver com a natureza histórica do nascimento desta modalidade em solo brasileiro e todas as barreiras enfrentadas pelas mulheres da época?</p> <p>Não creio que seja um fator local e sim algo culturalmente impregnado na sociedade.</p>
<p>3)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Por favor, fundamente sua opinião.</p> <p>Não acredito que gênero defina performance, mas sabe-se cientificamente que homens em alguns fatores se estacam em relação as mulheres, assim como elas se destacam fisiologicamente em diversos fatores.</p>
<p>4)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Políticas fiscais, no meu ponto de vista, são as melhores formas de incentivar os clubes brasileiros a investirem no futebol feminino.</p>
<p>5)Como você avalia as medidas que estão em curso para promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Em verdade não tenho conhecimento.</p>
<p>6)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Acho que me repito, mas insisto que os incentivos fiscais são muito importantes, tal qual um trabalho na área de captação de verbas. Entrar na mente do empresariado a ideia de que o futebol feminino é um ótimo produto seria fundamental para alavancar o crescimento.</p>
<p>7)Na sua opinião, o futebol feminino tem menos público porque é pouco divulgado ou é pouco divulgado porque tem menos público?</p> <p>Acho que, além da verba que precisa ser maior, a imprensa poderia ajudar mais. A imprensa é formadora de opinião pública e responsável por movimentos em massa também. Já elegeu e já implicou presidentes. Se a editoria esportiva dos grandes veículos de mídia incentivasse o futebol feminino teríamos uma mudança significativa na percepção do público sobre a modalidade.</p>
<p>8)Quais medidas a mídia poderia adotar para auxiliar na popularização do futebol feminino?</p> <p>Desenvolver uma narrativa mais potente, dando ênfase nas atletas, suas histórias, nos clubes e nas competições. O poder de um veículo com as devidas credenciais na área desportiva é imensurável. Um comentarista ou um locutor pode tanto colaborar positivamente quanto detonar a carreira de um atleta. Essa mesma energia colocada no futebol feminino seria importantíssima para o público se engajar.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Os Mídias

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: J4

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Difícil pensar em apenas uma razão para que isso aconteça, mas com certeza, um dos responsáveis é a mídia que pouco divulga essa modalidade.</p>
<p>2)Você acredita que a razão para o futebol feminino não ter despontado como o masculino tem a ver com a natureza histórica do nascimento desta modalidade em solo brasileiro e todas as barreiras enfrentadas pelas mulheres da época?</p> <p>Sem dúvida! O mundo foi criado baseado em má tradição arcaica e patriarcal onde os homens foram criados para serem superiores as mulheres, o que, por óbvio, refletiria em todas os vieses culturais e societários, o que parte de uma ideia histórica onde no Brasil as mulheres tiveram e ainda tem muito para lutar em busca de oportunidade e igualdade de direitos (em todas as cearas), além disso, há uma máxima de que este ambiente é predominantemente masculino, tornando na verdade o “país do futebol” em o “país do futebol masculino.</p>
<p>3)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Por favor, fundamente sua opinião.</p> <p>Não acredito nesta prerrogativa, até porque sabemos que existem jogadoras com muitíssima qualidade e se fizer a comparação, algumas muito melhores que jogadores, haja vista a estrutura que cada modalidade tem e como o nível profissional masculino é muito mais alto que o feminino – leia-se em nível de equipamentos e treinamentos.</p>
<p>4)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidade é de todos, governo, entidades desportivas, atletas e da mídia, uma estrutura inteira que deveria se unir para desenvolver a modalidade através de mecanismos fiscais e promocionais.</p>
<p>5)Como você avalia as medidas que estão em curso para promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Salutares. Com pequenos passos, vivemos avanços importantes para o desenvolvimento do desporto feminino. A Copa do Mundo feminina chega ao Brasil provavelmente com uma das suas maiores coberturas via SporTV, Globo e Globo esporte. Os principais clubes da América do Sul - através da Conmebol - estão sendo obrigados a investir no meio. Há pelo menos três temporadas, Grêmio e Inter ampliam cobertura e investimento na modalidade aqui no Rio Grande do Sul. Assim, imprensa e clubes começam a trilhar - devagar, diga-se de passagem - um longo caminho que precisa ser criado com muita firmeza, para que não percamos tudo isto lá na frente.</p>
<p>6)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Igual ou semelhante a do futebol feminino. Isenção de impostos, apoio público (seja com dinheiro, sede, espaço em mídia etc.), incentivo escolar etc. O poder público tem uma infinidade de possibilidades de investimento em esporte que poderia refletir sim no futebol feminino</p>

7)Na sua opinião, o futebol feminino tem menos público porque é pouco divulgado ou é pouco divulgado porque tem menos público?

Sim, pouco público porque é pouco divulgado.

8)Quais medidas a mídia poderia adotar para auxiliar na popularização do futebol feminino?

Incentivo financeiro e uma maior participação da mídia.

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Os Mídias

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: J5

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Acredito tratar-se de uma questão cultural. O menino quando começa a dar os primeiros passos é presenteado com uma bola de futebol. A menina ganha uma boneca. Culturalmente é um ambiente "para homens", a mulher tem seu espaço determinado. Para muitos, futebol feminino não vende. Também pode ser um fator determinante para esse desinteresse. Infelizmente, são muitos os argumentos que contribuem para não ter maior visibilidade.</p>
<p>2)Você acredita que a razão para o futebol feminino não ter despontado como o masculino tem a ver com a natureza histórica do nascimento desta modalidade em solo brasileiro e todas as barreiras enfrentadas pelas mulheres da época?</p> <p>Na minha opinião acho que apenas é uma questão cultural. O machismo está enraizado em nossa sociedade. No futebol ele aparece com maior força, pois existe nesta seara uma máxima " no futebol pode tudo" o que autoriza alguns colocar para fora esse preconceito para com as mulheres.</p>
<p>3)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Por favor, fundamente sua opinião.</p> <p>Nunca! Temos muitos jogadores que honram nosso país no exterior e em grandes clubes. Cristiane, Formiga, Marta possuem as mesmas qualidades de alto rendimento do que Cristiano Ronaldo, Neymar e Messi. O que difere é apenas a conta bancária e as ações de marketing.</p>
<p>4)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Infelizmente, tenho pouco conhecimento a respeito deste assunto. Porém, acredito que os clubes deveriam dar maior espaço ao futebol feminino.</p>
<p>5)Como você avalia as medidas que estão em curso para promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>As medidas para fomentar o futebol feminino ainda são muito tímidas. No entanto, fico feliz pelo crescimento do esporte. Já tive oportunidade de cobrir alguns jogos e já recebi pedidos para divulgar no meu Instagram, fato que me deixou muito honrada.</p>
<p>6)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>É sabido que o futebol é uma paixão nacional, ainda possibilita aos jovens se desviar de alguns caminhos do mal. Muito importante e papel do estado fomentar os direitos sociais, neste caso, o esporte. O futebol feminino deveria estar em pé de igualdade em relação às oportunidades dadas ao masculino. Então as políticas públicas deveriam aplicadas deveriam ser as mesmas.</p>
<p>7)Na sua opinião, o futebol feminino tem menos público porque é pouco divulgado ou é pouco divulgado porque tem menos público?</p> <p>É pouco divulgado, pois tem menor público. Não tem retorno financeiro. Por estão razão não há interesse. Uma bola de neve.</p>
<p>8)Quais medidas a mídia poderia adotar para auxiliar na popularização do futebol feminino?</p>

Ampliar a cobertura e participação no meio. Hoje, nenhuma emissora acompanha o dia a dia do futebol feminino. Não existe no Rio Grande do Sul (que é o meu âmbito de trabalho) um(a) especialista em futebol feminino. Existem amantes do desporto que buscam maior entendimento e tentam ampliar o espaço dele na mídia, mas não há alguém na imprensa capaz de entender e explicar os meandros do desporto como há no centro do país nomes como a Cíntia Barlem, a Milly Lacombe, entre outras. Ah! Convenhamos que não é preciso ser mulher para cobrir futebol feminino. Isto também vem se confundindo. O público é o mesmo, pois o esporte é o mesmo, não?

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Advs, Diretores de Futebol)

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: P1

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>As maiores dificuldades encontradas pelas mulheres para tornar-se atletas profissionais de futebol estão na independência financeira e no aporte fixado nos balanços dos clubes para o futebol feminino.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Não, gênero não define qualidade e performance desportiva.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Visibilidade, qualidade técnica, investimento/apoio.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Não entendo como correto, pois qualquer obrigatoriedade gera incômodo e não prazer em gerir/fomentem tal atividade.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>O fomento do esporte, não apenas do futebol feminino, passa por diversas ações conjuntas, que envolvem, dentre outras: (i) ações do governo no sentido de criar espaços adequados, incentivar a prática, injetar dinheiro, proteger atletas, etc.; (ii) organizações e gestores qualificados, capazes de desenvolver competições e organizar atividades tanto amadoras quanto profissionais, gerar visibilidade, cativar investidores, etc.; e (iii) interesse da própria sociedade de valorizar a prática e os praticantes, de cultivar a paixão e o patriotismo e também de reconhecer os esforços daqueles que representam o país. A responsabilidade não é unilateral, mas envolve um olhar conjunto e que tem sido negligenciado há muito tempo.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Melhor forma é introduzir o esporte em formação, caráter educativo nos colégios e pela Confederação Brasileira de Futebol na organização das competições.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Desconheço medidas públicas para a promoção do futebol feminino no Brasil.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Torneios Regionais (baixo custo), disputas de competição a nível estadual e nacional, fomentados pela CBF e respectivas federações de futebol.</p>



**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: São Paulo

Entrevistado: P2

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>As dificuldades enfrentadas pela mulher para se tornar atleta profissional são diversas e estão intimamente ligadas com o caráter ainda prematuro do futebol feminino como um todo. Falta apoio institucional, falta visibilidade, falta investimento, faltam espectadores, falta seriedade para parar de fazer comparações com o masculino e passar a encarar a modalidade como um esporte particular, que tem potencial de ser rentável e promissor. A partir do momento que a visão sobre o próprio esporte amadurecer, os clubes passarão a investir recursos em seu fomento, inclusive por meio da profissionalização de seus times, e as atletas poderão compartilhar o mesmo sonho que os homens em ser jogadoras profissionais de futebol sem ter que abortar as oportunidades por faltar de recursos, de segurança ou de perspectiva.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>É cientificamente comprovado que o corpo do homem possui algumas vantagens físicas em relação às mulheres (<i>i.e.</i> capacidade pulmonar, resistência muscular, características hormonais, entre outros), no entanto, nenhuma dessas particularidades é sinônimo de qualidade ou de melhor performance. Muito pelo contrário, trata-se de diferenças inerentes ao corpo humano, mas que são facilmente absorvidas pelo esporte.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>O futebol masculino já trilhou um longo caminho de evolução e fortalecimento até virar a grande paixão nacional. O futebol feminino, por outro lado, ficou paralisado na história em razão de uma visão classista e sexista da sociedade. Hoje, o futebol masculino é um esporte e, mais do que isso, um grande produto de mercado; ao passo que o feminino ainda não se desenvolveu o suficiente para ser assim considerado. A falta de visibilidade, nesse sentido, está diretamente relacionada com a falta de investimentos, em um ciclo vicioso: faltam investimentos, portanto não existe visibilidade, da mesma forma que falta visibilidade, por isso não existem investimentos.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Considero a obrigatoriedade como uma ação válida no sentido de promover o esporte e, de uma maneira ou de outra, fazer com que os clubes direcionem recursos para a modalidade. Trata-se de uma ação quase que afirmativa e que no mundo ideal, não precisaria existir, na medida em que os investimentos deveriam ser voluntários. Resta saber se a medida vai trazer bons frutos à médio/longo prazo.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>O ciclo vicioso entre a falta de recursos e a falta de retorno/visibilidade (faltam investimentos, portanto não existe visibilidade, da mesma forma que falta visibilidade, por isso não existem investimentos).</p>

6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?

Educação.

7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?

Em termos de esporte como um todo, entendo que as medidas públicas não representam qualquer avanço. Muito pelo contrário, em vista da crise política que vivemos nos dias de hoje, o esporte foi deslocado para o fim da lista de prioridades do governo, o que se demonstra pela exclusão do Ministério do Esporte. As medidas afirmativas do futebol feminino acabam vinculadas à obrigatoriedade imposta pelos regulamentos das entidades desportivas e pelos movimentos de grupos feministas que buscam demonstrar que a mulher também tem direito de jogar e de ser valorizada por isso.

8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato do futebol feminino?

Incentivos financeiros.

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: Distrito Federal

Entrevistado: P3

Responda a mão ou digitalmente\*

1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol? Pouco investimento, pouca estrutura, pouca oportunidade.
2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva? Não.
3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino? A falta de retorno financeiro que a modalidade gera.
4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina? Sim.
5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino? Custos.
6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade? Criar competições com bons patrocinadores. A responsabilidade é de todos que trabalham com futebol.
7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil? As medidas envolvem a valorização do esporte e das esportistas, com a aplicação de recursos capazes de viabilizar a prática, a remuneração digna e a estrutura necessária. O futebol feminino precisa ser visto como uma modalidade rentável pelo mercado, de modo a atrair investimentos e público. O Brasil, em razão da paixão nacional, desde sempre foi um celeiro de craques e isso também se aplica ao futebol feminino. Resta apenas conscientizar a sociedade e o próprio governo que as mulheres também devem ser promovidas e valorizadas.
8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino? Poderia dar incentivos a clubes e patrocinadores que investissem no futebol

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: Distrito Federal

Entrevistado: P4

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>A falta de incentivo por parte de investidores, conseqüentemente faltam clubes com estrutura e oportunidades.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Não acredito que o gênero defina a qualidade e performance desportiva.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Os investidores não identificam retorno financeiro nesta modalidade.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Acho correto.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>Manutenção das Despesas.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Criar competições com bons patrocinadores. A responsabilidade é de todos.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>São poucas as medidas, este esporte deveria ser mais explorado.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Poderia dar incentivos a clubes e patrocinadores que investissem no futebol</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: Bahia

Entrevistado: P5

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>E as mulheres são excluídas da prática esportiva, por vezes tendo uma menina rodeada de meninos na prática infantil. Não por menos, poucas são as categorias de formação de atletas jovens no futebol feminino. Em um país com resquícios graves do machismo (vale lembrar da antiga legislação que impedia a prática do esporte por mulheres), a mulher ainda sobre tais reflexos históricos e sociais. À mulher não é dado o direito de errar. Frases comumente direcionadas às mulheres como “fraca” e “não aguenta” são exemplos da luta diária no esporte. Profissional: Poucos clubes; salários baixos; jornada; pouco incentivo da mídia e das entidades organizadoras do esporte; calendário curto.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Talvez não crie uma definição entre os gêneros, mas creio há diferenças sim.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Cultura, falta de planejamento estratégico, falta de investimento. Tudo isto acarreta a falta de visibilidade. Basta olharmos o público para o jogo do Atlético de Madrid na semana que passou, onde mais de 60.000 pessoas assistiram no Estádio Wanda Metropolitano.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Não adianta obrigar os clubes sem um respaldo (qualidade das transmissões, campos etc.) e sem fiscalização, pois o simples vestir camisa e entrar em campo não desenvolverá o futebol feminino.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>Orçamento, visibilidade, escolhas estratégicas da direção.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Estado, Federações e clubes são os maiores responsáveis.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Seria leviano falar especificamente das políticas públicas, pois não as conheço de maneira detalhada.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Um maior investimento dos professores de educação física de nível escolar e colegial, onde começa a prática esportiva.</p>



**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: Rio Grande do Sul

Entrevistado: P6

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Existem algumas dificuldades para a mulher se tornar atleta, seja dentro de sua vida pessoal que reflete na vida profissional, seja vida profissional diretamente. Pessoal: Para além da dificuldade que possa existir para um homem, a mulher em algumas situações é a única responsável direta pela casa (quando os pais não assumem a postura paterna). Nestes casos, ela terá uma jornada dupla ou as vezes tripla, se mantiver outra atividade profissional para seu sustento e de sua família. Social: Um atleta antes de se tornar profissional precisa passar por aprimoramento da técnica, ainda na infância e juventude.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Em minha opinião não define qualidade, mas pode modificar a performance do atleta ou da atleta. Uma jogadora de vôlei visa mais a técnica dos movimentos, enquanto um jogador de vôlei usa muito a força. Percebe-se dentro da própria dinâmica do jogo de vôlei uma diferença. Vale lembrar mesmo o ataque feminino mais conhecido como china.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>O interesse existe. Há uma demanda reprimida que precisa ser alcançada com um trabalho bem planejado, melhorando o espetáculo em si, através de maior incentivo ao esporte desde a infância, como também melhorando a qualidade das transmissões, pois o público consome um produto, não somente o jogo</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Espero que este ano seja um ano de mudança dos rumos do futebol feminino brasileiro, porque, pessoalmente, não acredito muito na obrigatoriedade.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>Creio que são diversos, mas os custos são os derradeiros para a manutenção das equipes femininas.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Estado, Federações e clubes.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Detalhadamente, não as conheço.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Investimento na base escolar.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: Rio de Janeiro

Entrevistado: P7

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Imagino que as atletas devam sofrer com muitas dificuldades que nem nos passa a cabeça, contudo, acredito que o preconceito, dentro de casa, na escola e a sociedade seja o primeiro degrau desta escada. As que vencem essa fase da vida, enfrentam ainda abusos, falta de oportunidade e de clubes que tenham interesse de fomentar a modalidade. e, quando teoricamente no topo da sua caminhada, percebem que seus salários jamais chegarão ao de um atleta, mesmo que ela seja, 5 vezes a melhor do mundo.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Não.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Uma cultura arcaica e machista que espelha uma falta de interesse de investimento e desenvolvimento desta modalidade.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Não</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>O futebol masculino (base e profissional) é prioridade para os clubes, quando obrigados, pois são eles que ainda estão dando retorno de mídia, financeiro e político nas atuais circunstâncias, sendo assim, visibilidade, oportunidade e falta de vislumbre financeiro são as maiores dificuldades que as equipes femininas enfrentam, na minha opinião.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o esporte feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>O Estado precisa fomentar o esporte educacional e o esporte como lazer. A partir daí teremos uma base forte para o desenvolvimento do esporte como profissão para as mulheres.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>O futebol feminino brasileiro está sobrevivendo por aparelhos, sem uma evolução nítida, a política deve estar errada, tendo em vista que não está fazendo o que deveria se propor, ou seja, melhorar o nível nacional. Sendo assim, desconheço medidas públicas que estão em curso.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Políticas de produção de eventos com competições femininas. Não adianta planejarmos o “além disto”, sem uma mudança cultural. Uma parceria maior com Federações estaduais, CBF e o COB ajudaria para um planejamento maior. Por exemplo, na China o governo investiu na construção de milhares de centros de treinamentos (escolinhas de futebol) e vem desenvolvendo um trabalho de</p>



evolução desde os mais jovens. Este trabalho poderia ser uma base para a política pública nacional. Mas como sabemos das decisões políticas nacionais, a política poderia ser de fomento para que particulares investissem como forma de lei de incentivo na construção dessas escolinhas ou que as federações ajudassem a subsidiar este investimento.

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: São Paulo

Entrevistado: P8

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Um ciclo vicioso de falta de investimento, estruturas e oportunidades.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Mesmo com as diferenças biológicas entre homens e mulheres, creio que, em relação a performance, não podemos distinguir gêneros.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Pelo histórico da proibição que a modalidade teve no país, que conseqüentemente fortalece uma cultura de o lugar da mulher não é no futebol, que gera a falta de oportunidade, e aí seguimos naquele ciclo vicioso.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Como ação afirmativa para quebrar esse ciclo sim, porém resta reforçar que o Licenciamento de Clubes não é uma “obrigação”, é um mecanismo para melhorar a gestão do Futebol e dos clubes. o Futebol Feminino é um dos critérios desportivos dentro de tantos outros, assim como tem critérios administrativos etc. as instituições que gerem o Futebol não querem os clubes fora de qualquer competição, ela quer que os clubes tenham cada vez mais uma gestão melhor e qualificada.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>A falta de receita/investimento, o Futebol masculino já tem um mecanismo sólido que gera receita/investimento, o feminino ainda não.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A melhor forma imagino ser trazendo indicadores que mostrem o quanto as mulheres praticam menos esporte do que os homens, quais as causas para isso e o malefício e a partir daí criar uma política esportiva que venha a longo prazo mudar esses indicadores.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Não vejo nenhuma medida pública em ação.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p> Talvez se buscasse incentivar as meninas desde o momento escolar, a fixação da modalidade seria mais plena e eficaz.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: São Paulo

Entrevistado: P9

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>Exitem várias dificuldades, isso porque, para muitos o futebol feminino não vende, com isso existe o pouco investimentos, a escassa oportunidade para as atletas e consequentemente, a pouca visibilidade.</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Não creio que haja diferença entre performance quando se fala de gênero, mas que há diferença em tratamentos e visões, a isso existe muito! Só por sermos mulheres, muitos homens acham que vamos aceitar assédio ou preconceitos. Existem muitas atletas que jogam muito mais futebol que qualquer homem, veja a Marta, muitacampeã!</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>A falta de reconhecimentos dos profissionais que atuam neste mercado, entendendo esse nicho como desvantajoso financeiramente.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Sim.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>Custos.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>A responsabilidades é das associações que devem fomentar seu nicho de mercado, isso deve ser feito através da criação de mais competições.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Eles são bons, na teórica, mas na prática são difíceis de aplicar.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato. do futebol feminino?</p> <p>Incentivos financeiros.</p>

**PESQUISA PARA A TESE DE MESTRADO O FUTEBOL FEMININO EM EXPANSÃO: DETERMINANTES, POLÍTICAS PÚBLICAS E PROSPECTIVA. O CASO DO BRASIL.**

ENTREVISTA DIRETIVA – Profissionais (Gestores, Adv., Diretores de Futebol)

Estado: São Paulo

Entrevistado: P10

Responda a mão ou digitalmente\*

<p>1)Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas pela mulher para se tornar atleta profissional de futebol?</p> <p>A cultura brasileira é totalmente voltada ao futebol masculino, e muitos acreditam que o preconceito começa mesmo na escola, onde as meninas devem jogar voleibol enquanto os rapazes ficam com o futebol</p>
<p>2)Você acha que gênero define qualidade e performance desportiva?</p> <p>Claro que não, as mulheres, se fossem mais bem aparelhadas, trariam ainda mais resultados.</p>
<p>3)Na sua opinião, qual a razão para o futebol feminino ter menos visibilidade que o masculino?</p> <p>Ciclo vicioso de falta de investimento, oportunidades, retorno financeiro.</p>
<p>4)Entende por correto a criação de normas que obriguem clubes de futebol masculino terem uma equipe feminina?</p> <p>Sim, porque as equipes femininas acabam sendo sempre postas de lado, como se fossem um investimento desnecessário e só com investimento que este mercado trará retorno.</p>
<p>5)Qual a maior dificuldade para a manutenção de uma equipe de futebol feminino?</p> <p>A falta de investidores.</p>
<p>6)Qual a melhor forma de fomentar o desporto feminino e de quem é a responsabilidade?</p> <p>Acho que isso deveria ser algo trazido desde os primeiros anos escolares, sendo uma responsabilidade, primeiramente governamental.</p>
<p>7)Qual a sua avaliação a respeito das medidas públicas que estão em curso para a promoção do futebol feminino no Brasil?</p> <p>Trouxe grandes vantagens para o desporto brasileiro.</p>
<p>8)Que tipo de política pública seria eficiente para a promoção e fixação, de fato, do futebol feminino?</p> <p>Políticas que desenvolvessem desde cedo os meninos no futebol.</p>